

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO

LUÍSA DE LUCAS

**AS JUVENTUDES, LUGAR TEOLÓGICO DA CIVILIZAÇÃO DO AMOR:
PASTORAL DA JUVENTUDE DO MARANHÃO E SABERES DA EXPERIÊNCIA**

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LUÍSA DE LUCAS

**AS JUVENTUDES, LUGAR TEOLÓGICO DA CIVILIZAÇÃO
DO AMOR: PASTORAL DA JUVENTUDE DO MARANHÃO E
SABERES DA EXPERIÊNCIA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edla Eggert

Porto Alegre

2020

LUÍSA DE LUCAS

**AS JUVENTUDES, LUGAR TEOLÓGICO DA CIVILIZAÇÃO
DO AMOR: PASTORAL DA JUVENTUDE DO MARANHÃO E
SABERES DA EXPERIÊNCIA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edla Eggert

Defendida em ___ de ___ de ___, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra Edla Eggert - PUC/RS

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin - PUC/RS

Prof. Dra Cleusa Andreatta - Unisinos

Gratidão...

Ao Cristo, eternamente jovem, presente nas buscas interiores, nos gritos, lamentos, silêncios, nas alegrias e nas esperanças que fazem parte da inquietude das juventudes. Nele nos inspiramos para tornar a Igreja um verdadeiro espaço de serviço, comunhão e participação.

À Maria, a jovem de Nazaré, que em seu sim manifestou o amor de Deus para com os jovens ao contar com eles no Projeto da Salvação.

Aos meus queridos familiares e amigos, gratidão pelo afeto, apoio, encorajamento e presença na caminhada.

À minha Congregação, Irmãs de Notre Dame, por ter sempre me incentivado a ser uma consagrada que irradia luz, sabedoria e bondade. Gratidão especial à comunidade Menino Jesus por todo incentivo e acompanhamento.

Aos meus professores, de modo particular minha orientadora e inspiradora Edla Eggert, por serem mestres incansáveis e sentinelas de esperança.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo investimento financeiro em minha pesquisa e incentivo ao aprofundamento dos estudos.

À Diocese de Caxias do Maranhão, ao povo maranhense, aos assessores da PJ de todo o Brasil, aos jovens, em especial ao grupo JAC, que me oportunizaram vivenciar uma das mais belas experiências pastorais.

RESUMO

Nesta dissertação, serão analisados fundamentos teológicos que definem os elementos juvenis vivenciados em experiências nas atividades que desenvolvem a mística da Pastoral da Juventude, e, em perspectiva antropológica, a realidade da juventude brasileira e maranhense da Diocese de Caixas do Maranhão, em seu contexto social, cultural e religioso. A pesquisa analisa saberes da experiência, organizados por meio de temas geradores que são identificados como Teologia produzida pelos jovens, naquela realidade. O estudo aborda a opção da Igreja pelas juventudes, a partir de um levantamento em documentos eclesiais e da sistematização dos processos vividos e registrados pelos jovens que integraram a Pastoral da Juventude, no grupo de base JAC nos anos de 2012 a 2018, na cidade de São Domingos do Maranhão- MA. A análise teológica das experiências dialoga com abordagens da Pedagogia, Ética e Antropologia sob a luz dos estudos feministas. Busca por fim identificar nesses elementos de saberes as bases que formam uma sociedade com experiências de opressão e conhecimentos que direcionam para a (re)produção de uma juventude conformada e/ou de uma juventude crítica. Defende, por fim, que os jovens são um lugar teológico da manifestação de Deus, como agentes de evangelização para transformação da Igreja e sociedade.

Palavras-chave: Juventudes. Experiência. Pastoral da Juventude. Lugar Teológico.

ABSTRACT

This dissertation analyses the theological foundations of experiences that youth encounter as part of activities aimed at developing the mystique of the Youth Ministry. Furthermore, this paper also investigates the lifestyle of Brazilian youth, specifically, the youth of the Diocese of Caxias, Maranhão, in a social, cultural and religious context. Moreover, the research studies the lessons the young people have drawn from their experiences. These outcomes have been organized according to generative themes that will be further identified as a theology produced by the lifestyle of these youth groups. Furthermore, this study addresses the place of youth within the Church. This assertion is based upon the examination of Church documents and on a systematic examination of recordings of these young people's experiences; namely those individuals who belonged to the Pastoral da Juventude (Youth Ministry), in the JAC group (Young People Announcing Christ) in São Domingos do Maranhão-MA from 2012 to 2018. The theological analysis of these young people's experiences has been organized in dialogue with Pedagogical, Ethical and Anthropological approaches in the light of feminist studies. The dissertation also seeks to identify those elements which contribute to a society in which the experience of oppression and knowledge lead to a replication of a resigned youth and/or a critical youth. Finally, the study argues that young people are a "locus theologicus" for the manifestation of God - agents of evangelization for the transformation of the Church and society.

Keywords: Youths. Experience. Youth Ministry. Locus theologicus.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA - *Apostolicam Actuositatem*

AC - Ação Católica

ACE - Ação Católica Especializada

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

CELAM - Conselho Episcopal Latino Americano

CEPJ - Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude

ChV - *Christus Vivit*

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude

DAP - Documento de Aparecida

DM - Documento de Medellín

DP - Documento de Puebla

DSD - Documento de Santo Domingo

EG - *Evangelii Gaudium*

GS - *Gaudium et Spes*

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JAC – Jovens Anunciadores de Cristo

JOC - Juventude Operária Católica

LG - *Lumen Gentium*

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e outros

PEF - Processo de Educação na Fé

PJ - Pastoral da Juventude

PJB - Pastoral da Juventude do Brasil

SNJ - Secretaria Nacional da Juventude

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONTEXTO E COMPREENSÃO DA PESQUISA	15
1.1 As categorias jovens e juventudes	15
1.1.1 Contexto social, político, cultural e religioso da juventude brasileira.....	20
1.1.2 O contexto histórico e a realidade da juventude maranhense	27
1.1.3 Pastoral da Juventude da Diocese de Caxias do Maranhão- MA.....	35
1.1.4 Grupos de Jovens na cidade de São Domingos do Maranhão – MA e o manuseio dos registros encontrados.....	41
1.2 Fontes da PJ e dessa pesquisa: a Teologia da Libertação, a Educação Popular e a Teologia Feminista, inspiradoras da metodologia.....	45
2 PASTORAL DA JUVENTUDE E O GRUPO DE BASE	56
2.1 O Divino no Jovem: as juventudes, um lugar teológico	62
2.2 A Civilização do Amor presente na caminhada do grupo JAC.....	69
2.3 Saberes da Experiência e o processo de formação grupal da Pastoral da Juventude.....	74
3 ANÁLISE DE ALGUNS REGISTROS E DAS PRODUÇÕES DO GRUPO JAC	78
3.1 Introdução aos Registros e aos Temas Geradores.....	79
3.2 Violência, Juventudes , Igreja e Campanha Nacional de enfrentamento ao ciclo de violência contra as mulheres.....	86
3.2.1 Campanha Nacional de Enfrentamento ao Ciclo de Violência Contra as Mulheres.....	89
3.3 Formação de Lideranças.....	93
3.3.1 A nucleação.....	96
3.3.2 O despontamento das lideranças (coordenadores e assessores)	99
CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	116
Apêndice A - Entrevista.....	116
Apêndice B - Orientação da Secretaria.....	117
Apêndice C - Registro da 8ª Romaria Estadual da Pastoral da Juventude em 2014.....	118
Apêndice D - Registro do Encontro de 07/03/2018 sobre Violência.....	120
Apêndice E - Formação de Estudos da Pastoral da Juventude para Lideranças.....	122
Apêndice F - Primeira Etapa da ESFORZO.....	123
Apêndice G - Registro de Formação de Lideranças - II Assembleia Paroquial 2016.....	124
Apêndice H - Registro dos temas sugeridos pelos jovens.....	127
Apêndice I - Registro da Primeira Missão Jovem da PJ em São Domingos do MA.....	128
Apêndice J - Registro do IV Agita Jovem.....	129
Apêndice K - Termo de Anuência.....	131

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Estado do Maranhão e principais cidades.....	30
Figura 2: Número de Matrículas nos anos finais do ensino fundamental no Maranhão.....	32
Figura 3: Municípios com maiores índices de homicídios de jovens no Estado do Maranhão para o ano de 2017.....	33
Figura 4: Dioceses e Províncias do Estado do Maranhão.....	35
Figura 5: Mapa da diocese de Caxias do Maranhão.....	37
Figura 6: Localização do município de São Domingos do Maranhão.....	41
Figura 7: Folha de rosto do caderno de registros do JAC.....	81
Figura 8: Organização da Pastoral Juvenil Latino-americana.....	96

INTRODUÇÃO

A juventude é a fase da vida humana em que são tomadas importantes decisões que orientam opções futuras. Neste processo de formação juvenil, a Igreja Católica tem realizado uma importante opção pelo acompanhamento às juventudes. O trabalho pastoral com as novas gerações é levado adiante por uma variedade de atores: as Pastorais da Juventude, movimentos apostólicos, pastorais ligadas a congregações religiosas, novas comunidades, etc. A Igreja, nesse processo de formação, de discernimento e de autonomia propõe-se a conhecer, acompanhar e estimular o Divino, que pulsa nos corações juvenis. Um dos princípios tradicionais nos documentos da Igreja, especialmente ao longo do documento *Christus Vivit*, afirma que os jovens são os melhores apóstolos de outros jovens. Portanto, é primordial termos conhecimento da realidade sociocultural, na qual a juventude é considerada um espaço teológico, tanto como objeto de estudo teórico, quanto como promotora e sujeito de sua cultura e do seu espaço eclesial.

Nesse sentido, o que pode ser observado é que os grupos de base da Pastoral da Juventude afirmam-se como grupos de resistência a uma sociedade e igreja excludentes e fechadas em si mesmas. Além de ser um grupo com diversas necessidades de acompanhamento, os grupos de jovens têm se tornado protagonistas, no campo e na cidade, e estão intervindo direta e indiretamente na vida de suas comunidades nas questões eclesiais, sociais e culturais.

A evangelização dos jovens e o acompanhamento do seu processo de educação da fé são um dos grandes desafios para a Igreja, na atualidade. Como todo ser humano, eles têm sede de Deus e esperam da Igreja o serviço do anúncio da Palavra para conhecer Jesus Cristo, sua vida e obra redentora, a fim de concretizar em sua caminhada um projeto de vida e de felicidade. Além disso, a reflexão sobre as juventudes é relevante para a Igreja, pois elas ajudam igualmente na construção do seu futuro, como também do futuro da sociedade. A juventude é força fundamental de transformação e renovação para a própria Igreja: “Assim, uma instituição tão antiga como a Igreja pode se renovar e voltar a ser jovem em diversas etapas de sua longa história. Nela, é possível encontrar sempre a Cristo, 'o companheiro e o amigo dos jovens’”. (ChV n.34)

A Igreja vê na juventude uma enorme força renovadora, símbolo dela mesma, e faz esse processo de autoavaliação e purificação não por tática, mas por vocação, já que é desafiada a uma constante conversão e rejuvenescimento de si própria. “São precisamente os jovens que podem ajudá-la a se manter jovem, a não cair na corrupção, a não se acomodar, a não se orgulhar

(...), a ser mais pobre e testemunhal, a estar próxima dos últimos (...), a se deixar interpelar.” (ChV n. 37)

Em Puebla, confirmada em Santo Domingo, a Igreja¹ da América Latina expressa sua atenção para com os jovens ao afirmar a necessidade da “opção preferencial pelos jovens”. O desafio de construir a Civilização do Amor, expressão divulgada pelo Papa Paulo VI, e acolhida, desde 1983, pela Pastoral da Juventude da América Latina, é e continua sendo projeto e missão. A Pastoral da Juventude é a ação organizada da Igreja para acompanhar os jovens para descobrir, a seguir e a comprometer-se com Jesus Cristo e sua mensagem integrando sua fé e sua vida, se convertam em protagonistas da construção da Civilização do Amor.²

O trabalho de assessoria e acompanhamento às juventudes é fundamental para a formação de lideranças na Igreja. Os assessores garantem a continuidade no trabalho de capacitação, fazendo com que seja aproveitada toda a experiência acumulada, na medida em que vão se revezando diferentes gerações de jovens. Os protagonistas são os jovens, é claro. Mas os assessores funcionam como parceiras que, com sua experiência e conhecimento teórico, facilitam o nascimento do novo.

Esta pesquisa é uma sistematização de experiências junto a um grupo de jovens, partindo de registros em cadernos das atividades do(s) grupo(s) de jovens e de registros pessoais produzidos ao longo do trabalho diaconal e de assessoria juvenil, em São Domingos do Maranhão, entre os anos de 2012 a 2018. Minha questão de pesquisa é “como a Pastoral da Juventude possibilita saberes para uma Teologia que vê na jovem e no jovem um lugar teológico?”.

Este estudo tem como objetivos analisar os saberes de experiências da Pastoral da Juventude, em São Domingos do Maranhão, entre os anos 2012 a 2018; caracterizar as metodologias vivenciadas nesse grupo de base; identificar, nos saberes da experiência do grupo de jovens, o processo de formação condutora de um lugar teológico; observar o que pode ser identificado como elemento de saberes que formam uma sociedade com experiências de opressão ou elementos que motivam para a (re)produção de uma juventude conformada e/ou de uma juventude crítica.

O tema tem o intuito de ampliar fundamentos teológicos, pastorais e pedagógicos para a potencialização de elementos de uma Teologia que contemple a juventude como um lugar

¹ A expressão Igreja no texto refere-se à Instituição Católica Romana, sendo que esse nome se assenta na crença de que a Igreja não é apenas uma simples instituição, mas sim um corpo composto por várias pastorais, movimentos e estruturas, das quais a Pastoral da Juventude faz parte.

² Cf. CELAM. Pastoral da Juventude: Sim à Civilização do Amor.p. 69.

teológico, tendo como referência o Grupo de Base da Pastoral da Juventude e os Saberes da Experiência, vivenciados nessa organização eclesial juvenil. Para tanto, são observadas as experiências missionárias e de serviço desses jovens, na Igreja no Estado do Maranhão.

Coloco-me na perspectiva daquilo que Marie Cristine Josso³ ensina, afirmando que a pesquisa é formativa, ou seja, a pessoa que conduz uma pesquisa aprende a analisar seu próprio processo de aprendiz. Meu aprendizado tem por base a Pastoral da Juventude, ciente de que todo conhecimento é autoconhecimento, portanto, à medida em que for acontecendo o processo de sistematização e análise, quem coordena a pesquisa também se coloca na perspectiva de pensar-se como objeto de estudo, no processo.⁴

A minha experiência de acompanhamento e formação da juventude está marcada pelo meu processo vocacional e pelos votos que fiz junto à Congregação das Irmãs de Notre Dame. Essa é uma Congregação que tem como proposta e missão a educação da juventude. Júlia- a Fundadora- foi uma mulher que nasceu em 1751 na região de Cuvilly (França). Desde muito cedo experimentou a pobreza. Era, porém, uma mulher à frente de sua época e dedicava-se a uma vida missionária, a práticas de piedade e ao ensinamento do catecismo às crianças. Devido à Revolução Francesa, Júlia teve que fugir, pois era acusada de dar proteção e esconder padres que não aceitavam as novas normas civis da Revolução. Em sua fuga chegou a Amiens (França) e sentiu a necessidade de fundar uma organização dedicada à educação cristã de meninas. Então, em pleno início do século XIX, ela começou a vida em comum com algumas companheiras e, aos poucos, foi espalhando escolas em vários lugares da França e da Bélgica. Deu à sua Congregação o nome de “Irmãs de Nossa Senhora de Namur”. No dia 13 de maio de 1906, o papa São Pio X a beatificou. A canonização ocorreu no dia 22 de junho de 1969, sob o pontificado de Papa Paulo VI, após o reconhecimento de dois milagres⁵ – um deles ocorrido no Brasil.

³ Cf. JOSSO, M.C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida, 2007.

⁴ Não é de hoje que aprendemos com diversos pensadores que o ato de pesquisar implica na correspondência de viver cruzando os limites do público e do privado. Boaventura de Sousa Santos é convidado na reflexão sobre esse tema no texto de Edla Eggert que analisa seu processo autoformador junto com Marie-Christine Josso. (Cf. EGGERT, E. *Quem pesquisa se pesquisa*, p. 20).

⁵ As Irmãs missionárias alemãs, que chegaram ao Brasil em 1923, implantaram a devoção à bem-aventurada Júlia Billiard no coração do povo brasileiro e são muitas as graças obtidas por seu intermédio. Também no Brasil, há registros de muitos milagres ocorridos, especialmente, nos hospitais onde as Irmãs trabalhavam. Das centenas de cartas que a Congregação recebeu, atestando curas milagrosas por intercessão da Beata Júlia e centenas de arquivos, apenas quatro foram examinados pela Sagrada Congregação dos Ritos e dois foram reconhecidos em 1958 e 1967. O Documento da Canonização diz que quando depois foram relatados outros milagres que Deus permitiu acontecerem pela intercessão da Beata Júlia Billiard, o processo foi retomado, para introduzir a Canonização. Esse segue dizendo que após duas maravilhosas curas que foram atribuídas à sua intercessão, o processo teve sua continuidade, conforme uso da Igreja. O primeiro milagre reconhecido é o de Otacílio Ribeiro. A história se passa em Campos Novos (SC), no Brasil, em 29 de setembro de 1950. Otacílio Ribeiro, um jovem agricultor de 29 anos, é levado ao hospital por seu pai por causa de um tumor no baixo-ventre. As três Irmãs que

Santa Júlia consagrou-se à sua missão por excelência: a evangelização e catequese e, desde cedo, atendeu meninas abandonadas ou órfãs. Júlia, Françoise e Catherine, primeiras Irmãs de Notre Dame, abraçaram a vida religiosa, assumindo o compromisso de consagrar-se totalmente ao ensino religioso da juventude. Prevendo um futuro longínquo, elas decidiram outrossim “formar professoras religiosas que iriam aonde fossem solicitadas...”. Oficialmente, adotam o nome de Irmãs de Nossa Senhora (Notre Dame).⁶

Os princípios congregacionais fundamentam-se na visão universal da educação como uma forma de devolver a dignidade à pessoa para que viva plenamente. Por isso, deve-se empregar todo o talento e forças para a educação da juventude, especialmente, a mais empobrecida. Assim, as Irmãs Religiosas desafiam-se a promover lideranças cristãs, comprometidas com a transformação social também na realidade maranhense. Sendo uma entidade confessional e preocupada com a promoção das futuras gerações, pela educação nas suas mais diversas formas, a Congregação percebeu que há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços, aqui denominado de educação não formal. As três amigas Julia, Francisca e Catarina, prometem educar as meninas e moças pobres como missão, e, além disso, “propuseram-se a formar professoras que deveriam ir a toda parte, onde a necessidade o exigisse”.⁷

Esta pesquisa autorreflexiva tem o *corpus* em um momento (2012-2018), em que o protagonismo juvenil embalava um conjunto de discussões e ações da assessoria de juventude sobre a situação de jovens maranhenses, em uma conjuntura de reivindicações, que se acirraram a partir da formulação e exposição das condições de abandono desses atores sociais.

A experiência de assessoria realizada na Diocese de Caxias do Maranhão, na cidade de São Domingos do Maranhão – MA, por meio do serviço de acompanhamento e formação às juventudes da área rural e urbana daquela região, foi um contato impactante e encantador com a juventude maranhense, incluindo estudantes, operários, quilombolas, lavradores, quebradeiras de coco babaçu. Trabalhei na formação de grupos de resistência ao sistema coronelista, ainda fortemente presente no meio do povo maranhense.⁸ E essas experiências de assessoria juvenil

trabalhavam no Hospital, começam a rezar para a Beata Júlia. Uma semana depois, Otacílio está curado. Em 17 de janeiro de 1958, o milagre é autenticado. Quanto ao segundo milagre, é reconhecido pelo Vaticano em 10 de março de 1967. Trata-se do milagre de Homer Rhodius da Diocese de Namur, datado de 1919. Ele foi curado de uma crise urêmica.

⁶ Cf. RISSI, Lourdes T.(org.) *Caminho Aberto*, p.52.

⁷ ARENS, B. *A Bem-Aventurada Júlia Billiart*, p.111.

⁸ O coronelismo tem sua origem no nome dado aos autênticos ou falsos coronéis da extinta Guarda Nacional. Com efeito, o tratamento de coronel desde logo começou a ser dado pelos sertanejos a todo e qualquer chefe político, aos mais opulentos fazendeiros ou aos comerciantes, latifundiários e industriais mais ricos que exerciam, em cada município, o comando. Desde os tempos do Brasil Colônia os grandes proprietários de terra vêm dominando de fato, e tornando-se os coronéis, que compõem as câmaras municipais. Através de relações com agregados,

foram significativas na percepção da relevância do fazer teológico e pastoral, para uma educação informal, em suas teias de relações, em seu funcionamento, pela forma sistêmica e pela dinâmica dos atores que constituem uma comunidade e um grupo de jovens.

A inspiração teórico-metodológica para analisar essa experiência dá-se em especial pela tradição da Teologia da Libertação junto com a educação popular, abordagens geradoras de caminhos de pesquisa ao longo dos últimos cinquenta anos na América Latina. E é nesse conjunto de aprendizagens metodológicas que essa pesquisa acontece, somada ainda aos estudos feministas. Apresento, portanto, um caminho metodológico em que os registros dos cadernos produzidos com os grupos de jovens durante os anos de assessoria (2012-2018), bem como meu retorno ao Maranhão, nos meses de fevereiro e março de 2020, e algumas entrevistas realizadas junto a algumas lideranças e à leitura dos cadernos de registros, serão materiais em que irei debruçar-me para sistematizar e analisar as aprendizagens dos saberes das experiências desses grupos, bem como das minhas experiências.

A pesquisa divide-se em três capítulos. O primeiro apresenta informações sobre o contexto e a compreensão da pesquisa, englobando as juventudes, os contextos social, político e religioso dos jovens brasileiros e maranhenses, além de contemplar a história e a caminhada dos grupos de base, na cidade de São Domingos do Maranhão, nos anos de 2012 a 2018. Menciona-se a abordagem da pesquisa e os procedimentos metodológicos, bem como os instrumentos que vão conduzir o estado do conhecimento. No segundo capítulo explicita-se o processo da escolha da definição do problema de pesquisa e a questão da opção da Igreja pelas juventudes como um lugar teológico, na formação da civilização do amor. Papa Francisco, continuando uma eclesiologia fundamentada no Concílio Vaticano II, revela a esperança que a Igreja deposita nas juventudes, esperança que se manifesta em seu testemunho concreto. Os saberes da experiência do grupo de jovens e a contribuição deles para o processo de formação condutora de um lugar teológico contribuirá para identificar como esses elementos formam lideranças para a Igreja e também para a sociedade. O terceiro capítulo é dedicado à “Análise dos Registros”. Serão destacados os temas geradores e qual teologia foi produzida pelo grupo de base, ao longo desses anos de acompanhamento. Por fim, este capítulo é destinado à

trabalhadores, assalariados, é estabelecida troca de favores: para ele (o coronel), favor é dar um dia de serviço quando o pobre está passando fome; dar dinheiro em troca do voto, dar a roupa e o calçado para agradar; é dar o remédio e o médico quando o pobre está doente; é afiançá-lo na loja do comerciante para comprar a roupa; é dar-lhe terra e fornecer dinheiro para plantar e limpar o roçado e conceder até o nome de cidades, ruas, vilas com o nome do 'coronel político'. O Maranhão ainda é cheio de exemplos de coronelismo. Uma prática muito comum é batizar prédios e logradouros públicos com o nome do clã Sarney. Na capital maranhense, por exemplo, há a maternidade Marly Sarney (esposa de José Sarney), o Fórum Desembargador Sarney Costa, a Ponte José Sarney, a Rodoviária Kiola Sarney (mãe do senador), a Avenida José Sarney e o Fórum Trabalhista José Sarney.

apresentação das conclusões obtidas após a realização desta investigação e aponta também para outra resposta mais ampla, sobre o problema inicial desta pesquisa que é responder como a Pastoral da Juventude potencializa saberes para uma teologia que contempla o jovem como um lugar teológico.

1 CONTEXTO E COMPREENSÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA

Nesse capítulo será apresentado um recorrido sobre algumas pesquisas já realizadas com base nesse tema, voltado a uma Teologia que contemple o jovem como um lugar onde Deus se manifesta. Serão apresentados os pontos estudados que tiveram por base o levantamento de teses e dissertações selecionadas, que tratam do tema pesquisado, como também os pontos relacionados com o contexto onde se encontra o grupo de jovens, bem como as orientações metodológicas apreendidas ao longo da caminhada. Os estudos usados para embasar esta pesquisa são as dissertações: “*Esperança cristã e juventudes: um encontro de esperanças para a vida da Igreja*”, de Gislene Danielski da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - RJ), e “*Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil: aprendizados na experiência*”, de Maurício Perondi da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); e a tese “*Um Momento Novo: Pastoral da Juventude e formação político-partidária na diocese de Nova Iguaçu*” de Ronald Apolinário de Lira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Ainda neste capítulo apresento o modo como utilizo o material reunido para esta pesquisa que são registros como atas, fotos, e entrevistas realizadas via WhatsApp⁹ junto aos quatro coordenadores e às duas secretárias do grupo de Jovens da Pastoral da Juventude chamado JAC (Jovens Anunciadores de Cristo).¹⁰ A análise dessas produções será realizada a partir da integração das metodologias: método histórico, histórico-evangelizador, a pesquisa participante e a hermenêutica feminista. Junto a isso, integro minha experiência de assessoria, acompanhamento e observação ao longo dos sete anos com as descrições das experiências vivenciadas com o grupo de jovens.

1.1 AS CATEGORIAS JOVENS E JUVENTUDES

Ao longo da história, o conceito de jovens e juventudes expressa diferentes sentidos, expectativas e significados atribuídos a esses dois termos, seja por questões biológicas, seja por diferenças culturais e processos históricos. O conceito de geração remete ao momento histórico em que cada indivíduo se socializa. Cada geração incorpora novos códigos e valores ao capital

⁹ Devido à Pandemia do COVID19 minha permanência em São Domingos do Maranhão não permitiu que eu entrevistasse essas lideranças presencialmente e, por isso o uso da tecnologia digital do Whatsapp possibilitou a continuidade da coleta do material planejado (cf. apêndice A).

¹⁰ JAC (Jovens Anunciadores de Cristo) é o nome do grupo de base ao qual irei me referir ao longo da pesquisa, sendo esse o primeiro grupo da Pastoral da Juventude fundado na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na cidade de São Domingos do Maranhão- MA. Na escolha desse nome o grupo quis conservar sua identidade missionária e ao longo dos seus 29 anos de caminhada, contribuiu na nucleação de novos grupos paroquiais.

cultural da sociedade em que está inserida. Considerando que há diferenças entre jovens, seja por classe social, raça, gênero e outros fatores, hoje é comum dar-se destaque à utilização do termo “juventudes” - no plural (ChV 68).

Juventudes no plural porque são muitas, diversas pela rapidez das mudanças, por causa das diferenças de proveniência, de situação sociocultural e existencial: jovens de comunidades, juventudes urbanas ou rurais, juventudes favorecidas socialmente, economicamente e culturalmente, jovens de tendência intelectual e jovens que já iniciam cedo no mercado de trabalho.... Muitas, por causa da tipologia diversificada: geração Z¹¹, geração transracional, geração do caos, geração positiva, geração plugada, geração Wi-Fi, geração líquida... e muito mais. Juventudes pós-modernas vivendo ao lado de pré-modernas.

Diante da história da construção do termo juventude, não é possível deter-se na juventude apenas como uma categoria hegemônica que se presta a representar todos os jovens. É importante assumir a reflexão de que:

[...] precisamos falar de juventudes, no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. Esta mudança de alerta revela uma transformação importante na própria noção social: a juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes.¹²

A análise semântica do termo juventude nos remete à sua origem, na língua latina, *Juventus*, *Juvenes*, que significa jovem, novo, recente. É a fase da vida humana que sucede à adolescência e que precede imediatamente a fase adulta.¹³ Desse modo, podemos dizer que a juventude é um fértil período da vida humana que, quando bem cultivado, pode gerar frutos imensuráveis, na vida pessoal e comunitária de todas as pessoas. Conforme Ávila:

¹¹ Geração Z (também conhecida como *Generation*, *Plurais* ou *Centennials*) são as pessoas nascidas na década de 90 até o ano de 2010. Essa geração que corresponde à idealização e nascimento da criação de aparelhos tecnológicos (nascidos entre o fim de 1992 a 2010), isto é, desta vez foram as máquinas modernas que acompanharam de perto o nascimento e crescimento dos jovens. A grande nuance dessa geração é zapear, variando dentre muitas opções tais como, canais de televisão, internet, vídeo game, telefone e MP3 *players*, etc. Sua maneira de pensar foi influenciada desde o berço pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou. Diferentemente de seus pais, sentem-se à vontade quando ligam ao mesmo tempo a televisão, o rádio, o telefone, música e internet. Outra característica essencial dessa geração é o conceito de mundo que possui, desapegado das fronteiras geográficas. (cf. PONTO TEL, 2020. Disponível em: <https://www.pontotel.com.br/como-e-a-geracao-z/>) > Acesso em: 08 jul. 2020.)

¹² ABRAMO, H. *Retrato da Juventude Brasileira*, p.44.

¹³ A juventude, fase do desenvolvimento da personalidade, está marcada por sonhos que estão se consolidando, de relações que adquirem cada vez mais substância e equilíbrio, de tentativas e experiências, de escolhas que gradualmente delinham um projeto de vida. SÍNODO DOS BISPOS XV Assembleia Geral Ordinária. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. (Documentos da Igreja, 51).

Do ponto de vista psicológico, o jovem já superou a ambiguidade crítica da adolescência e já se definiu um ideal de vida, para cuja consecução mobiliza seus recursos psíquicos e somáticos, dentro das características próprias da idade. [...] Talvez a cultura moderna, na intensidade de seus processos de comunicação, tenha como efeito abreviar os anos de juventude ou antecipar suas características para a adolescência.¹⁴

A noção geral do termo juventude refere-se a uma faixa de idade, uma etapa da vida, em que o desenvolvimento físico se completa e ocorrem mudanças psicológicas e sociais. No entanto, “a noção de juventude é socialmente variável”.¹⁵ Para Helena Abramo, “juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e o assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente, reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas”.¹⁶ Muitos partilham culturas juvenis (danças, músicas, gostos), formas de expressar-se, ânsia por uma transformação social, impulso por aventuras, riscos e outros estímulos, pelos quais os jovens aspiram; exaltam a identidade de ser jovem. Além disso, as novas gerações são influenciadas pela cultura hegemônica vigente e atual que os impulsiona a serem dependentes e consumidores, utilizando-se da internet, de redes sociais e tecnologias de mídia, para imergir no mundo do mercado e do consumo em massa.

Na concepção de Luís Groppo, a juventude é uma categoria social, perpassada pela questão da faixa etária que se transforma de acordo com a classe social, o grupo étnico-racial, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional e regional, dentre outros aspectos.¹⁷

O número 27 do Documento da CNBB 85 diz que:

Para efeitos de políticas públicas, a idade adotada no Brasil vai dos 15 aos 29 anos, com divisão em subgrupos por agrupamento de interesses e afinidades, caminhando na linha da definição pela necessidade de afirmação dos direitos juvenis. 'Trata-se de uma fase marcada por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida'. Já não podemos mais olhar para a juventude como ciclo de breve passagem para a vida adulta. O período da juventude se alongou e seu transformou, 'ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas'. Desse modo, incluir os jovens na Igreja, hoje, significa olhar para as múltiplas dimensões em que eles estão inseridos. Para, a partir daí tratá-los como sujeitos com necessidades, potencialidades e demandas singulares em relação às outras faixas etárias. A juventude requer estrutura adequada para seu desenvolvimento integral, para suas buscas, para a construção de seu projeto de vida e sua inserção na vida profissional, social, religiosa etc. Tão importante, também, é olhar para a juventude conforme sua diversidade, 'segundo as desigualdades de classe, renda familiar, região do país, condição de moradia rural ou urbana, no centro ou na periferia, de etnia, gênero etc.; em função destas diferenças,

¹⁴ ÁVILA, F. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*, p.253.

¹⁵ ABRAMO, H. *Cenas Juvenis*, p. 1.

¹⁶ ABRAMO, H. *Retratos da Juventude Brasileira*, p.37.

¹⁷ Cf. GROPPPO, L. *Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*, p.7.

os recursos disponíveis resultam em chances muito distintas de desenvolvimento e inserção'.¹⁸

Assim, os desafios que se processam na juventude são relevantes para a análise de qualquer estudo direcionado para esse público, pois é necessário compreender como os segmentos etários veem-se em cada fase de vida no período que abarca o ser jovem, considerando aqui a situação do adolescente, 15 a 17 anos; a do jovem, 18 a 24 anos, e a dos jovens de 25 a 29 anos. Nos aspectos mencionados, no processo de transição da juventude, os impactos sofridos pela juventude negra, indígena e LGBTQIA+ superdimensionam-se diante da invisibilidade social, vivenciada por eles.

Cada vez mais é visível como as novas gerações são formadas para a sociedade de consumo, com diferentes intensidades e significados, que variam segundo as condições materiais e com as marcas que revelam signos de valorização/desvalorização social, mas atingem as subjetividades e as necessidades dessa faixa etária que atravessa inúmeras dúvidas e temores diante do seu tempo e contexto – são vários medos também que fazem parte da vida dos e das jovens. Segundo Regina Novaes, em primeira cena, muitos temores perpassam as novas gerações: o medo de sentirem-se excluídos do mundo do trabalho, além do medo de morrer de modo violento, com tantas armas ofertadas, e ainda o medo de ficarem desconectados neste mundo altamente conectado.¹⁹ A geração juvenil experimenta na pele as consequências das rápidas e incessantes mudanças tecnológicas que transformam o mundo do trabalho, que provocam novos fluxos migratórios e que impõem novas e criativas estratégias de inserção social e produtiva.

É a presente geração que experimenta – justamente por ser jovem – mais intensamente as novas maneiras de estar no mundo, vivenciando as novas conexões entre tempo e espaço e a disseminação das novas tecnologias de informação e comunicação. Os múltiplos usos do telefone celular, a socialização na cultura digital, o acesso – ainda que desigual e diferenciado – à internet fazem parte desta inédita experiência geracional. É também esta geração juvenil que vive de maneira mais generalizada os medos advindos dos riscos ambientais que ameaçam a humanidade.

Para buscar compreender e acompanhar as novas gerações, marcadas por medos e incertezas, a ciência busca compreender e pesquisar as juventudes na busca de categorizar ou conceituar esse período da vida, sendo considerados termos e concepções relativamente

¹⁸ CNBB. *Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais*, p. 23-24.

¹⁹ Cf. NOVAES, R. *Juventudes e Religiosidades*, p.17-18.

recentes no universo das pesquisas científicas, especialmente, na sociologia e na psicologia. As teorias sociológicas ocupam um importante bloco no panorama das ideias acerca da juventude e seu contexto social, fundamentalmente, relacionadas com o processo de socialização do sujeito e de aquisição de papéis sociais.

Desde há algum tempo, são várias as ciências que buscam compreender a adolescência e a juventude. Hilário Dick²⁰ descreve que, durante o período de transição da juventude, na sua fase de ingresso na sociedade para a maturidade, aparecem, principalmente, três termos: puberdade (criação das ciências médicas), adolescência (criação da psicologia, da psicanálise e da pedagogia), e juventude (criação da sociologia). A juventude é vivida de modo diferente segundo as classes e segundo os gêneros.²¹

As concepções acerca da juventude vão construindo-se no decorrer da história por estudos e pesquisas, justamente pelo fato de as novas gerações passarem por constantes mudanças e se constituírem conforme as transformações que ocorrem nos mais diversos âmbitos.

O significado da juventude na sociedade moderna muda conforme o contexto histórico, pois sua formação é definida e concretizada a partir daquilo que se espera dessa categoria social. 'A juventude pertence aos recursos latentes de que toda sociedade dispõe e de cuja mobilização depende sua vitalidade'.²²

Na opinião de Juarez Dayrell, a juventude é parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um e de cada uma. Ela constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, pois assume uma importância em si mesma. Segundo o sociólogo, os jovens constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social.²³

²⁰ Pe Hilário Dick, padre Jesuíta, é considerado uma das grandes figuras na América Latina no trabalho pastoral com os jovens, Pe. Hilário sempre foi dedicado à causa juvenil Sua corajosa atuação de assessor foi fundamental para a estruturação das Pastorais da Juventude no Brasil e em toda a América Latina, que formou a centralidade do trabalho de evangelização nos próprios jovens como sujeitos. Trabalhou como assessor pastoral da CNBB entre 1981 e 1983, do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos e da Juventude Estudantil Católica Internacional – MIEC-JECI, e na Comissão Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude Estudantil, entre 1986 e 1989. Foi um dos idealizadores do Instituto Pastoral da Juventude de Porto Alegre (IPJ).

²¹ DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes*, p. 22.

²² SOFIATI, F. M., *Juventude católica*, p. 30.

²³ DAYRELL, J. *O jovem como sujeito social*, p.42.

Portanto, o conceito de Juventudes vem tomando, de modo particular nos últimos 70 anos²⁴, um lugar de atenção nas diversas instâncias na sociedade. Conceituar, portanto, a juventude, implica irmos além dos aspectos biológicos e subjetivos. O coração de cada jovem deve, portanto, ser considerado “terra sagrada”, portador e sementes de vida divina, diante de quem devemos “tirar as sandálias” para poder aproximar e aprofundar-nos no Mistério (ChV 67). A opção pelas juventudes significa também comprometermo-nos com a realidade e a singularidade das pessoas que participam desse grupo, prever também políticas públicas que atendam às suas necessidades e direitos.

1.1.1 CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO, CULTURAL E RELIGIOSO DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Compreender o processo socialmente construído da juventude é identificar as percepções dos que estão entre a faixa etária de 15 a 29 anos. O Estatuto da Juventude afirma o seguinte: “Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.”²⁵ É necessário considerar também os diferentes momentos da transição, do ser criança à fase adulta, conforme aborda a Agenda Juventude Brasil²⁶, que traz a discussão acerca de identidades juvenis, ou seja, percursos que perpassam as faixas etárias, que incorporam inúmeros elementos na construção dos projetos e escolhas de vida durante as suas diferentes fases, marcadas por diversidade e ideias, ressignificações de papéis, definições e escolhas, nem sempre seguindo etapas ordenadas. Dentro desse contexto, a Política Nacional de Juventude²⁷ (BRASIL, 2006) tem se aprofundado no reconhecimento dos direitos da juventude empobrecida e reconhecido, no País, a existência de diversas juventudes.

A situação de vulnerabilidade das juventudes empobrecidas é a realidade cruel do atual contexto brasileiro e é exemplificada pelas mais diversas formas: dispensa da vida (violências

²⁴ Cf. SAVAGE, J. *A criação da Juventude*, p.11.

²⁵ BRASIL, *Estatuto da Juventude*, art. 1º, §1º, 2013.

²⁶ Cf. PINHEIRO, D. (Org.). *Agenda Juventude Brasil*, p. 20.

²⁷ No Brasil, a atual Política Nacional de Juventude (PNJ), considera jovem todo cidadão ou cidadã da faixa etária entre os 15 e os 29 anos. A Política Nacional de Juventude divide essa faixa etária em 3 grupos: jovens da faixa etária de 15 a 17 anos, denominados jovens-adolescentes; jovens de 18 a 24 anos, como jovens-jovens; e jovens da faixa dos 25 a 29 anos, como jovens-adultos. No Brasil, as demandas juvenis entraram tardiamente na agenda das políticas públicas, visto que a proposta de uma Política Nacional de Juventude só ocorreria em 2004 e o Estatuto da Juventude só seria transformado em lei nove anos mais tarde, em 2013. A criação de uma secretaria específica para o atendimento desta faixa etária também ocorreu apenas em 2005. De acordo com o Guia de Políticas Públicas de Juventude (BRASIL, 2006), ao tratar da juventude, referimo-nos a “[...] sujeitos de direitos e promotores e destinatários de políticas públicas” e que “[...] o reconhecimento dos seus direitos deve ser alicerçado em uma perspectiva ampla de garantia de uma vida social plena e da promoção de sua autonomia” (CONJUVE, 2006, p. 7).

diversas, homicídios, suicídios); dispensa do mercado de trabalho formal e dispensa dos sistemas e políticas educacionais. Os jovens são prejudicados também em seus direitos já assegurados no que se refere a políticas públicas, conforme estabelece o Estatuto da Juventude, lei nº 12.852/2013, no capítulo “Dos direitos dos jovens”, que garante: Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil; Direito à Educação; Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda; Direito à Diversidade e à Igualdade; Direito à Saúde; Direito à Cultura; Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão; Direito ao Desporto e ao Lazer; ao Direito ao Território e à Mobilidade; Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente e Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça.

Pesquisas recentes apontam que no Brasil há uma população em torno de 47,3 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, em torno de 25% (por cento) da população, sendo que 23% deles não trabalham nem estudam (IBGE, 2019). Conhecidos como geração "nem-nem", o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) destaca, porém, que essa população que não está trabalhando e nem estudando pode estar desenvolvendo outras atividades, como cuidando dos afazeres da casa ou de familiares. Em 2020, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 14 de maio de 2020, aponta que o desemprego entre os jovens cresceu em relação ao último trimestre de 2019.

Mais recentemente, com a crise econômica gerada pela pandemia do coronavírus, uma pesquisa organizada pelo Conselho Nacional da Juventude, divulgada em julho de 2020, apontou que o número de jovens desempregados cresceu devido às dispensas de trabalhadores temporários contratados, isto é, mais de 3,643 milhões de jovens.²⁸ Assim, as juventudes representam uma grande parcela social que enfrenta posição desfavorável no mercado de trabalho. A taxa de desemprego ficou em 27,1% no primeiro trimestre de 2020, bem acima da média geral de 12,2% do país no período. Este comportamento foi verificado nas cinco grandes regiões, com destaque para o Nordeste, onde a estimativa foi de 34,1% de desempregados nesta

²⁸ Diante dos efeitos da pandemia foi articulada uma pesquisa com as juventudes para capturar a percepção de jovens de diferentes regiões, sobre a pandemia e seus efeitos. Com o objetivo de apoiar a construção de políticas, o Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE) e organizações parceiras lançam a pesquisa *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus*, um estudo que não é apenas sobre jovens, mas construído com eles. Diante dos efeitos da pandemia sobre a carga de trabalho e a renda, 3 a cada 10 jovens relatam ter buscado complementação para sua renda. Seis a cada 10 indicam que eles ou alguém de suas famílias está cadastrado para receber a renda básica emergencial. Entre os que mais sentiram o impacto sobre sua renda, a pesquisa revelou a desigualdade social e racial ainda presente: 45% jovens negros, 44% dos pardos e 37% dos brancos. Além disso, 6 a cada 10 indicam que eles ou alguém de suas famílias está cadastrado para receber a renda básica emergencial. (CONJUVE, 2020. Disponível em: <https://4fa1d1bc-0675-4684-8ce9-031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618_41b201dbab994b44b00aabca41f971bb.pdf> Acesso em: 10 jul. 2020.)

faixa etária. Estudos sobre a participação dos jovens no sistema produtivo tem dado conta de um declínio paralelo a um exponencial processo de precarização do mundo do trabalho.²⁹

Na comparação com o último trimestre de 2019, a taxa de desemprego cresceu em 12 locais, permanecendo estável nas outras 15 unidades da federação. Os estados com maiores altas foram Maranhão³⁰ (3,9 pontos percentuais, chegando a 16,1% no primeiro trimestre), Alagoas (2,9 pontos percentuais, chegando a 16,5%) e Rio Grande do Norte (2,7 pontos percentuais, chegando a 15,4%).

Segundo Miriam Abramovay, a busca de incorporação de jovens ao mercado de trabalho depara-se também com outros problemas que decorrem da vulnerabilidade social.³¹ Por um lado, a deserção escolar e a exigência de experiência prévia para uma primeira ocupação, por outro lado, a baixa qualificação, baixo grau de articulação política, comparado ao de seus colegas adultos, dificultam a inserção das novas gerações no mercado de trabalho. Além disso, o local de moradia, que não pode ser violento, sua pele, de preferência clara, seu corpo, diante dos padrões estéticos, são fatores que dificultam ainda mais o ingresso dos jovens da periferia em melhores postos de trabalho.

As diferenças de renda e socioeconômicas interferem diretamente na realidade educacional, tanto na possibilidade de manter-se como estudante, como no grau de escolaridade alcançada. Nesse contexto de reprodução da economia capitalista e comercialização da vida, a função da educação resume-se a preparar as crianças, adolescentes e jovens para o mercado de trabalho e para o consumo.

Outro fator que a maioria dos jovens também experimenta é a migração: a migração no período juvenil não é grande, mas a migração típica do rural para o urbano (ou de volta ao rural) ocorre praticamente somente entre os(as) mais pobres, enquanto a mobilidade entre países só ocorre para jovens mais ricos(as). Os(as) jovens do meio rural têm menor escolaridade, menor renda e menos chances de conexão e participação.

As diferenças de raça e etnia manifestam-se nos maiores índices de precariedade entre jovens negros(as) com relação à renda familiar, escolaridade, acesso ao trabalho e aos meios impressos e cibernéticos de informação. Contudo, os(as) jovens brasileiros(as) vivem um

²⁹ É importante ressaltar na pesquisa *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus* que essa não atingiu grande parte dos(as) jovens, especialmente das regiões Norte e Nordeste, pois esses não tiveram expressiva participação na pesquisa e nos questionários, devido a maioria dessas populações não ter acesso aos meios eletrônicos.

³⁰ O estado com a maior proporção de pessoas em situação de pobreza é o Maranhão, onde 54,1% da população vive com até R\$ 406 por mês. Em seguida, vem Alagoas, com 49,8% da população em situação de pobreza. O Maranhão também foi a Unidade da Federação que apresentou o menor rendimento médio (R\$ 1.170,00).

³¹ Cf. ABRAMOVAY, M. *Juventude, Violência e Vulnerabilidade social na América Latina*, p.46-47.

período de ampliação de seus direitos e institucionalidade. Quando perguntados sobre qual direito seria o mais importante para os jovens, as respostas incidiram mais sobre os direitos sociais (58%) do que sobre os individuais (29%). Dentre os direitos sociais, ressalta-se o direito à educação (35%), em segundo lugar, emprego (15%), em terceiro, lazer (4%) e saúde (3%).³²

Além do cenário econômico e educacional, a juventude sofre com a violência que sempre fez parte da vivência humana, acompanha o ser humano desde a Antiguidade e é lembrada no mito de origem, contido na narrativa bíblica: a violência de Caim contra seus pais e a morte de Abel, seu irmão, pensada e perpetrada por ele (Gn 4,8). Essa vontade de aniquilamento, no decurso da história e das culturas, manifesta-se de várias formas, tais como: desprezo e menosprezo pelo outro, discriminações, crueldades, autoritarismo, lutas fratricidas, guerras, terrorismos e processos de autodestruição. A violência manifesta-se de formas e em circunstâncias diferentes. Não há quem não identifique uma ação ou situação violenta. “Pela associação da vulnerabilidade com a desigualdade social e a segregação juvenil, tem-se conseguido esclarecer cenários das complexas nuances da relação entre juventude e violência.”³³

Para Marilena Chauí, a violência praticada no Brasil aglutinou atos desumanizadores, mediante ações cruéis de dominação e coisificação, pois agir de forma violenta é antiético, uma vez que os valores éticos são estabelecidos para contrapor-se à violência.³⁴ Segundo a referida autora e filósofa há, no Brasil, um mito poderoso, o da não-violência brasileira, isto é, a imagem de um povo generoso, alegre, sensual, solidário, que desconhece o racismo, o sexismo, o machismo, que respeita as diferenças étnicas, religiosas e políticas, não discrimina as pessoas por suas escolhas sexuais, etc.³⁵

Em outras palavras, os procedimentos ideológicos fazem com que a violência que estrutura e organiza as relações sociais brasileiras não possa ser percebida e, por não ser percebida, seja naturalizada, sendo que essa naturalização conserva a mitologia da não-violência, com a qual se brada pelo “retorno à ética”³⁶ e essa “ética”, não é a verdadeira ética e sim uma ideologia que serve para ocultar a violência constitutiva da sociedade brasileira.

Portanto, é uma temática complexa e tem sido bastante discutida a partir de diferentes posicionamentos políticos e ideológicos. A violência traz inúmeras consequências para a integridade física, psicológica e emocional, especialmente das juventudes, atingidas em sua qualidade de vida e assim acabam por legitimar a violência como uma preocupação também no

³² Cf. ABRAMO, H. *Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo*, p.66.

³³ ABRAMOVAY, M. *Juventude, Violência e Vulnerabilidade social na América Latina*, p.55-56.

³⁴ Cf. CHAUI, M. *Convite à Filosofia*, p.308.

³⁵ Cf. CHAUI, Marilena. *Ética e Violência no Brasil*, p. 382.

³⁶ Cf. CHAUI, Marilena. *Ética e Violência no Brasil*, p.379-380.

campo da saúde. O tráfico de drogas e o consumo de bebidas alcoólicas também constituem fatores relacionados ao aumento da violência, especialmente no aumento do feminicídio e nas agressões a crianças e adolescentes. Não podemos ignorar esse mal que assombra os jovens, suas famílias e toda a sociedade.

Também a OMS (Organização Mundial de Saúde), com o relatório emitido em 14 de maio de 2014³⁷, evidencia o descuido do mundo com as novas gerações. Pela primeira vez dedicou um relatório exclusivo a essas pessoas, e fez-nos ver que as três maiores causas de morte deles são os acidentes, a Aids e o suicídio, além de outras causas não naturais. Dentre outras doenças, a depressão é uma das que atinge o mundo moderno e também as novas gerações. Não temos o objetivo de aprofundar a temática, mas queremos fazer conhecido esse dado, para podermos refletir sobre que realidade permeia as condições fáticas de vida de nossos jovens e as suas expectativas quanto ao seu futuro.

É neste tempo de incertezas e desafios que a juventude também amplia seu repertório de fé e faz crescer o número de trajetórias possíveis. Hoje, para uma parcela significativa da população, especialmente para os(as) jovens, as buscas e escolhas religiosas apresentam-se com posições e oposições bem multifacetadas. Os jovens estão entre os que se consideram mais secularizados. A proporção de jovens que se declaram sem-religião é maior (9,3%) que o conjunto da população (7,4%). Contudo, a pesquisa *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*, realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), destaca que, no Brasil, 96% dos jovens declararam possuir uma religião e que 81,1% participam de grupos com viés religioso³⁸.

Para uma melhor compreensão desse fenômeno, é necessário termos atenção às múltiplas formas de vivências e experiências das “juventudes” e os seus vínculos e pertencimentos religiosos. Conforme Regina Novaes, a juventude precisa ser vista como espelho retrovisor da sociedade atual que espelha tanto as desigualdades e diferenças da sociedade brasileira, quanto as transformações do cenário religioso.³⁹ Esses dados indicam que os jovens seguem em duas direções: no abandono dos laços institucionais, mantendo, porém, sua religiosidade; e na busca de vertentes religiosas emocionais, como o pentecostalismo e/ou as comunidades emocionais. Entre as mudanças informadas pelos últimos censos, podemos destacar: diminuição de católicos e de evangélicos tradicionais, crescimento de evangélicos

³⁷ MW CIÊNCIA E SAÚDE. *Maioria das mortes de jovens poderia ser evitada, afirma OMS*, 2014.

³⁸ Cf. ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*, 2006.

³⁹ Cf. NOVAES, R. *Juventude e sociedade: jogos de espelhos*, 2007.

pentecostais, e o aumento dos jovens que se declaram “sem religião”, mas têm alguma fé e não se consideram ateus ou agnósticos.

Pesquisa feita a respeito da espiritualidade dos jovens brasileiros constata que 65% deles continuam profundamente religiosos, 30% religiosos e somente 4% se dizem sem religião. 74% rezam diariamente, 35% vivem de acordo com os preceitos religiosos. Os resultados classificam o Brasil como o 3º país mais religioso entre 21, depois da Nigéria e da Guatemala.⁴⁰

Na esfera religiosa muitos jovens encontram espaços de construção de identidades juvenis e agregação social. Nas igrejas ou em outros pontos de encontros, eles têm a possibilidade de experimentar e integrar-se à cidade pela ressignificação do elemento religioso e o seu caráter de lazer e interação. Esse “modo de estar juntos” e a capacidade para acionar determinada gramática religiosa juvenil, por meio da música, dança, midiaticização juvenil e redes sociais, opera, muitas vezes, como uma mediação institucional com base no pertencimento ao grupo religioso, evocando representações de criatividade, protagonismo e reconhecimento no âmbito interno e externo da igreja. Esse pertencimento ao grupo religioso e à interação com outros jovens, nos diferentes espaços por onde transitam, passam a ser vistos também como formas de lazer, entretenimento e estilo de vida, atribuindo sentidos a suas experiências como jovens.

Para Novaes, os jovens contemporâneos vivem em um tempo em que as religiões não são mais as principais fontes distribuidoras de imagens e sentido de vida dadas às gerações pelas autoridades religiosas. Mas, por se tratar de suas buscas e escolhas, as vivências religiosas ganham maior importância em suas biografias e são mais frequentemente usadas para explicar suas maneiras de “estar no mundo”.⁴¹ Atualmente, percebe-se o aumento de jovens que buscam como ponto de unidade entre as religiões as pautas sociais, promovendo ricos debates e iniciativas em torno de temas como racismo, violência, participação das mulheres na sociedade e igreja, etc.

Para Libanio, os jovens pós-modernos tendem a afastar-se da ideia de religião como um peso, uma tradição fechada, para dar-lhe tom de festa, de prazer, de experiência gratificante.⁴² Valorizam a própria vivência e a atitude pessoal. A religião perde para eles muito da dimensão transcendente. Ela tem seu valor para eles enquanto espaço de vivências, como lugar para respostas e de realização. Multiplicam-se os movimentos espiritualistas. A internet favorece o

⁴⁰ LIBANIO, J.B. *Para onde vai a Juventude?*, p.185.

⁴¹ Cf. NOVAES, R. *Juventudes e Religiosidades*, p.20.

⁴² LIBANIO, J.B. *Para onde vai a juventude?* p. 185.

sincretismo religioso ao divulgar expressões religiosas oriundas de várias regiões e denominações.

A crise da transmissão religiosa e o relativismo atingiu todas as instituições de socialização tais como a família, a escola e as religiões. Contudo, mesmo não assumindo as ideias defendidas pelos pais, suas decisões levam em consideração a tradição familiar. Nesse contexto atual, as identidades religiosas são cada vez menos herdadas e vão sendo construídas a partir das experiências pessoais dos indivíduos, cada um com sua forma de crer e de se expressar. Para as instituições religiosas, o grande desafio é manter os jovens nas fileiras da igreja, nos grupos e atraí-los, visto que as mais tradicionais, como a católica e algumas evangélicas, tendem a perder esses membros para outras formas de vivência do sagrado e de ofertas de bens da salvação.

Diante de cenários tão complexos e amplos em que a juventude brasileira transita, inúmeras diferenças e desigualdades manifestam-se na conformação de situações e modos de pensar e valorar os temas que a afeta. Algumas diferenças pesam mais que outras na estruturação de distintos tipos de desigualdades, como a baixa escolarização e dificuldade de ingresso no Ensino Superior; a migração típica dos jovens da área rural para a urbana; baixa remuneração; poucas chances de conexão e participação; contexto de violência; as diferenças de cor e etnia, especialmente, em relação aos jovens negros(as). Contudo, os(as) jovens brasileiros(as) vivem um período de ampliação de seus direitos e institucionalidade. Trata-se de ampliar possibilidades de acesso aos seus direitos e ao patrimônio cultural material e imaterial de seu país.⁴³

Contudo, é preciso sublinhar que os “espaços governamentais de juventude” não lograram grande visibilidade social e o grau de conhecimento sobre o que são e fazem os governos por suas juventudes é baixo. Esse desconhecimento pode ser atribuído, em parte, às dificuldades que os governos têm de divulgar suas ações e em parte ao fato de a sociedade (jovens e adultos/as) priorizarem seu olhar para as crianças e as famílias. Não só não há visibilidade para o público em geral como, também, há dúvidas sobre a eficácia das políticas voltadas para a juventude, sobretudo, na área da inserção produtiva. Sabemos que a implantação de políticas públicas depende tanto de disputas por recursos como de pressão social que gerem o reconhecimento e a visibilidade das novas gerações.

⁴³ Cf. NOVAES, R. *Juventudes e Religiosidades*, p.19.

O Estatuto da Juventude⁴⁴ prevê os jovens como sujeitos sociais e esses devem ter seus direitos garantidos e respeitados pelo Estado brasileiro, porém, eles encontram muitas dificuldades de ter acesso ao que lhes foi assegurado e de ver as políticas públicas implementadas, especialmente, no que se refere ao cenário de genocídio juvenil no País. Municípios, Estados e a União precisam pensar conjuntamente políticas públicas que denunciem e enfrentem a marginalização e o extermínio da juventude brasileira. Por fim, a promoção das políticas públicas é uma forma de efetivar no mundo a prática da justiça, da paz e do desenvolvimento de todas as pessoas, de forma igualitária, em uma realidade tão ampla e complexa como a do Brasil.

1.1.2 O CONTEXTO HISTÓRICO E A REALIDADE DA JUVENTUDE MARANHENSE

Conforme Ana Maria Quiroga, a juventude não consiste em um fenômeno meramente demográfico. Trata-se de uma complexa condição social, que influencia e é influenciada pelas diferentes culturas e possui uma condição dinâmica e mutável ao longo do tempo, de acordo com as transformações da sociedade.⁴⁵ Não se pode, portanto, falar de uma juventude universal, visto que ela não consiste em um fenômeno que está posto em qualquer lugar e tempo, sem implicações sociais.

No Brasil, os(as) jovens são vistos a partir de suas diferenças culturais, sociais e econômicas, associadas à falta de segurança. Diante desse quadro, jovens pobres, que escapam ao extermínio, representam a parcela excluída por excelência, pois sequer conseguem chegar ao mercado de trabalho formal e caracterizam-se, então, como um “perigo social” que deveria ser controlado, o que justifica e fortalece o modelo dominante das políticas repressoras voltadas a essa população. Essa vinculação da juventude com a desordem social é uma concepção que contribuiu fortemente até os dias atuais para reforçar a relação entre vadiagem/ociosidade/pobreza, bem como entre pobreza/violência/criminalidade.

No contexto brasileiro, os(as) jovens têm reservado uma singular atenção nas agendas e no olhar dos governos. O Estado do Maranhão, pela falta de uma política inclusiva, após décadas, vem se destacando na efetivação de planos e investimentos públicos, contemplando as

⁴⁴ O Estatuto da Juventude é uma Lei aprovada em 2013 que determina quais são os direitos dos jovens que devem ser garantidos e promovidos pelo Estado brasileiro ([Lei 12.852/2013](#)), detalhando garantias já previstas pela Constituição Federal de 1988 com maiores especificidades ao público jovem. O Estatuto faz com que os direitos já previstos em Lei, como educação, trabalho, saúde e cultura, sejam aprofundados para atender às necessidades específicas dos jovens, respeitando as suas trajetórias e diversidades.

⁴⁵ Cf. QUIROGA, Ana Maria. *Olhares atentos sobre as juventudes*, 2005.

juventudes maranhenses no atual governo. Nesta parte, me dedicarei a analisar a realidade dos jovens maranhenses, bem como o contexto histórico e social daquela região que resultou na identidade daqueles jovens. Serão contemplados aspectos históricos e culturais para desenvolvermos o panorama da juventude do Maranhão.

O estado do Maranhão, localizado a dois graus ao Sul do Equador, na fronteira sociogeográfica entre a Amazônia e o Nordeste do Brasil, possui uma diversidade de práticas culturais e religiosas, o que se relaciona ao conjunto múltiplo de povos que formaram essa região e à heterogeneidade das interações entre eles estabelecidas. Eram diversos os povos nativos que habitavam esse solo, quando da vinda dos primeiros europeus no século XVI. A estrutura social da região foi ainda mais complexificada com a chegada massiva de africanos a partir do século XVIII, quando o Maranhão, assim como a Bahia, passou a constituir uma das áreas mais negras do Brasil, e continuou sendo, do mesmo modo que a Amazônia, uma importante região indígena. O Maranhão, quando substituiu os escravos indígenas pelos africanos, no século XVIII, trouxe, juntamente com eles, uma imensidão de costumes, que hoje permeiam aquela sociedade e são vistos como símbolo de identidade maranhense.⁴⁶ No entanto, nem sempre foi assim até meados do século XX, pois as manifestações relacionadas aos negros eram piamente perseguidas, especialmente aquelas voltadas para o aspecto religioso.

O Maranhão foi o último estado do Brasil a aderir à independência do Brasil, em relação a Portugal. Na época, o Maranhão era uma das regiões mais ricas do Brasil. O intenso tráfego marítimo com a Europa, bem como as trocas comerciais com Lisboa, tornava mais fácil o acesso com o sul do país. Os filhos dos comerciantes ricos estudavam em Portugal e a relação política e econômica beneficiava ainda mais a relação entre colônia e metrópole portuguesa. Com forte cunho conservador, as elites locais eram avessas às ordens vindas do Rio de Janeiro. O governador do então estado colonial português, juntamente com grande número de portugueses que aqui ou ali viviam, a elite agrícola e pecuaristas, iniciaram intensa repressão aos que propagavam a favor da adesão do Maranhão à Independência, sobretudo, no interior do Estado. Contudo, a resistência à independência do Brasil durou até a Batalha do Jenipapo, no Piauí, que foi definitiva para a consolidação do território nacional. São Luís, a capital, foi bloqueada por mar e ameaçada de bombardeio, sendo obrigada a aceitar a independência. Somente em 28 de julho de 1823⁴⁷, quase um ano depois da emancipação do Brasil, o Maranhão aderiu à Indepen-

⁴⁶ Cf. MEIRELES, Mário Martins. *Os negros no Maranhão*, 1983.

⁴⁷ O único registro pouco mais detalhado sobre a “adesão” nos foi deixado por PAIXÃO E DORES, frei Manuel Moreira da (1823). *Diário da armada da independência*. 2ª ed. Brasília: MEC / Instituto Nacional do Livro, 1972. p.116. O autor era capelão da nau Pedro I, comandada pelo almirante Cochrane, que liderou um golpe e ameaçou bombardear a cidade de São Luís, caso não aderisse a Dom Pedro.

dência. O apoio à Coroa resultou no abandono e descaso com a região do Maranhão, que ficou fadada ao empobrecimento.

O Maranhão ficou muito tempo à margem da história brasileira, e guarda uma especificidade política que o diferencia das demais unidades federativas. Não é o fato de ter uma das oligarquias mais longevas do país⁴⁸, mas o fato de o líder oligarca ter tornado-se presidente da República, nos anos 1980. Outros Estados, como Bahia e Ceará, também tiveram suas respectivas oligarquias, e, no Maranhão, tal fato permitiu tanto seu revigoramento como domínio familiar, quanto à adoção de mecanismos de sucessão dinásticos.⁴⁹

Como em muitos Estados do País, o Maranhão também foi desprovido do atendimento governamental no plano nacional, desde a Constituição Federal (CF/88). Resulta daí uma estagnação política que se manteve por meio século, escassa em projetos e propostas alternativas para o enfrentamento dos problemas estaduais. Temos sempre a reiteração do mesmo, isto é, as propostas de inserção na economia nacional são baseadas em grandes projetos de interesse privado, os quais são apresentados como a redenção e o desenvolvimento para o futuro. No Maranhão, as políticas neoliberais consolidaram-se, especialmente, a partir do Programa Grande Carajás, apropriadamente projetado para uma região dotada dos recursos naturais necessários, das facilidades de exportação e dos convenientes interesses das oligarquias locais. Apenas na década 1990, sob o impacto da implantação dos grandes projetos da década de 1980, e embalada nas promessas de que estes transformariam o Estado em um polo siderúrgico-exportador, inicia-se uma nova etapa da industrialização no Maranhão.⁵⁰

Na realidade, no Estado ocorreu uma ocupação caracterizada pela expulsão dos posseiros, pelo desmatamento e implantação de pastagens, agravando ainda mais o quadro do latifúndio improdutivo, contribuindo para o agravamento dos conflitos no campo, crescimento desordenado da capital São Luís, crescimento do desemprego, do subemprego, êxodo rural e agravamento da questão fundiária.⁵¹

⁴⁸ A oligarquia de José Sarney dominou o poder político estadual desde meados dos anos 1960. Para tanto, contou com a desmobilização da oposição histórica por intermédio do apoio irrestrito da Ditadura Militar, associando-se estreitamente ao grande capital transnacional e nacional. A partir da Presidência da República (1985-1989) consolidou seu poder local. Da mesma forma, o governo de sua filha Roseana Sarney desfigurou completamente o plano estadual de governo originalmente planejado, retomando o pacote neoliberal e gerencialista que implementou durante seus dois primeiros mandatos. Enquanto o planejamento público brasileiro possui considerável literatura analítica, o planejamento público maranhense possui poucos planos e estudos relevantes em seu mandato.

⁴⁹ Cf. GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. *A invenção de uma rainha de espada: reatualizações e embaraços da dinâmica política do Maranhão dinástico*, 2008.

⁵⁰ Cf. BARBOSA, Zulene Muniz. *Maranhão, Brasil: luta de classes e reestruturação produtiva em uma nova rodada de transnacionalização do capitalismo*, p.211.

⁵¹ Cf. BARBOSA, Z. M. *Maranhão*, p.96-97.

No território maranhense, foi-se agravando a concentração fundiária, a grilagem de terras, a criação de pastos para a pecuária extensiva, a queima de roçados e a devastação de palmeiras de babaçu. Essas práticas têm, ao longo de décadas, ameaçado a sobrevivência de pequenos produtores rurais, como as quebradeiras de coco e os agricultores maranhenses. De fato, houve no Maranhão, numa longa duração, uma combinação entre racionalização econômica, grilagem e modernização amparada em projetos estatais autoritários. Os empreendimentos para o desenvolvimento da pecuária e a implantação de monoculturas tiveram um efeito negativo na vida de trabalhadores rurais do Estado. Ainda assim, também é verdade que os trabalhadores não têm permanecido inertes.

A partir da segunda metade do século XX intensificaram-se os problemas agrários no Maranhão, os quais resultaram de diversos fatores, inclusive, mas não exclusivamente, do processo de migração nordestina para o estado que alcançou seu apogeu nos anos 1950-60. [...] Em verdade, desde o século XIX parte das terras devolutas que se encontravam sob o domínio da União era reservada para a colonização estrangeira. Entretanto, como destacou Almeida (1998, p. 14), os incentivos ao estabelecimento de 'agricultores nordestinos' foram estimulados e apoiados financeiramente desde o governo imperial.⁵²

O destino desses deslocamentos, impulsionados pelas grandes secas de 1877, foram as cidades do litoral brasileiro, como Fortaleza, e os vales úmidos do Maranhão e da Amazônia. É preciso considerar os sentidos de “nordestino” nessas políticas de migração. Pelo menos uma questão deveria ser destacada na acepção do termo, ao menos em seu sentido específico de “cearense” que, muitas vezes, serve como termo genérico para referir-se aos nordestinos. No Maranhão, em territórios urbanos e rurais, a exemplo daqueles onde vivem as quebradeiras de coco, costuma-se afirmar que migrantes cearenses seriam profundamente racistas, pois são percebidos como brancos, particularmente no mundo caboclo, camponês, do Maranhão. O fato é que, pelo menos desde o século XIX até a segunda metade do século XX, a política de terras no Brasil voltou-se notadamente para a colonização.⁵³

É preciso considerar que a mobilidade dos camponeses se deve a pelo menos duas forças principais: aquela que resulta da pressão direta da grande propriedade, ou a que se inscreve na lógica interna da reprodução da agricultura camponesa. As duas faces da migração seriam então a esperança e o fracasso.

⁵² BARBOSA, V. *Mulheres do babaçu*, p.138.

⁵³ Cf. BARBOSA, V. *Mulheres do babaçu*, p.139.

Figura 1: Mapa do Estado do Maranhão e principais cidades.



Fonte: <http://www.mapas-brasil.com/maranhao.htm>

Em síntese, a política local foi e é fortemente oligárquica-familiar, mantida por interferência do governo federal, atuando acima e dentro das instituições formais, autocrática e antipopular, ao mesmo tempo centralizadora e excludente. Mas, uma nova conjuntura política surge das eleições de 2015, pois, pela primeira vez na história maranhense recente, uma oligarquia instituída, cujo maior trunfo foi o apoio do plano federal a sua candidata, foi derrotada pela oposição. O candidato a governador Flávio Dino (PCdoB), um ex-juiz federal de 46 anos, do PCdoB, venceu, em primeiro turno, a disputa pelo governo do Maranhão. Com 97,17% dos votos apurados, ele obteve 1,82 milhão, um total de 63,54% dos válidos, derrotando

Edson Lobão Filho, do PMDB, candidato do grupo do senador José Sarney.⁵⁴ O novo governo já trouxe tantos elementos importantes e inovadores para o povo maranhense que ninguém tem dúvidas de que uma nova e promissora etapa foi inaugurada na história daquele Estado, com reflexos significativos até mesmo para a história do Brasil.

Mesmo com todos os esforços do atual governo do Estado, as políticas de inclusão que se propõem a reintegrar esses segmentos, identificados como um público vulnerável, ainda apresentam muitas lacunas. A modernidade capitalista no Maranhão convive com os extremos da sua contradição, acirrando problemas estruturais.

Hoje em dia, o Maranhão é um dos Estados que possui grande contribuição para a herança cultural (arte, literatura, poesia, música) do País. Poetas como Gonçalves Dias e Raimundo Correia nasceram no Estado maranhense. Além disso, outros nomes importantes como Aloísio Azevedo, Coelho Neto, Humberto de Campos, Graça Aranha, Arthur Azevedo, Maria Firmina dos Reis⁵⁵, Ferreira Gullar, Maria Aragão⁵⁶ e a cantora Alcione fizeram o Estado do Maranhão ser reconhecido em seu potencial social, cultural e artístico.

São Luís é a única cidade brasileira a ser fundada por franceses, mas que antes era habitada pelos índios do grupo Tupi. São Luís norteou-se pela postura aristocrática de uma cidade em ascensão cultural e econômica, que primava pelo intelectualismo de sua gente. No século seguinte, a cidade, que tinha nascido em 1612, sob a demanda expansionista colonial da França, tomava os sons, as cores, as formas e as palavras de um outro povo, a Jamaica, um caráter de similaridade da cidade de São Luís do Maranhão com a revolta pregada nas letras das canções de *reggae* da Jamaica, que denunciam a fome e a miséria; sentido eufórico, que pontua, ao contrário, um caráter de intelectualidade e literalidade para a abastada São Luís do Maranhão. Desde meados de 1980, a alcunha faz-se por Jamaica Brasileira. Partindo do princípio de que a mídia funciona como um aparelho produtor de imaginários, a hipótese que levantamos para essa investigação baseia-se no princípio de que a mídia maranhense é o principal formador do imaginário cultural, que edifica a cidade de São Luís como a capital brasileira do *reggae*.

⁵⁴ NOSSA, Leonencio. Flávio Dino derrota grupo de Sarney e vence no Maranhão. *Revista Exames*, São Paulo, edição 140, outubro/2014.

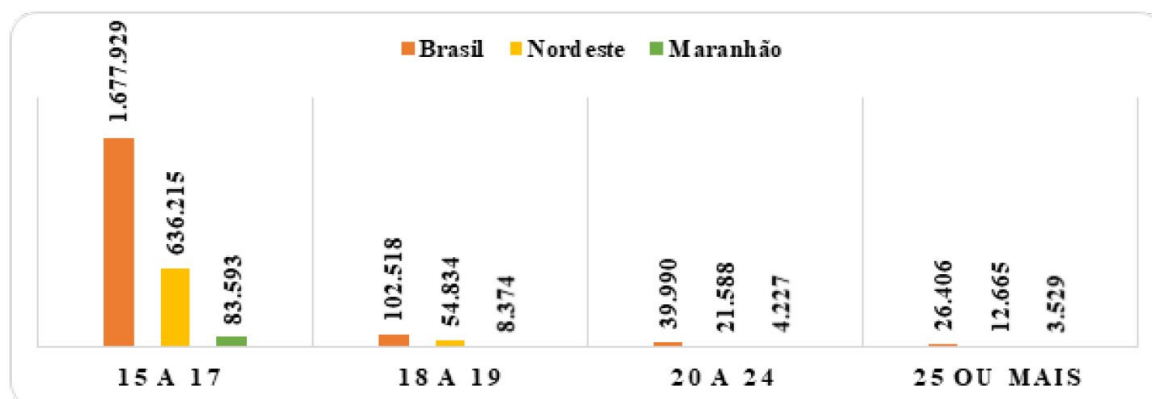
⁵⁵ Maria Firmina dos Reis foi a primeira escritora negra reconhecida da história do Brasil. Um dos primeiros livros publicados por uma mulher no Brasil foi *Úrsula* e é de sua autoria. Maria Firmina também reforçou sua posição antiescravista, compondo o hino da Abolição – em *A Escrava*, sendo ainda um ícone como a criadora da primeira escola mista e gratuita do estado do Maranhão.

⁵⁶ Maria Aragão foi uma das responsáveis pela criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Foi professora, médica e sindicalista. Ela lutou incansavelmente pela organização dos trabalhadores, por um ensino de qualidade e pela saúde pública de excelência. Foi presa após o fim da Greve Geral de 51. Seu legado em favor dos trabalhadores, das crianças e dos estudantes continua até hoje na história e arquitetura do estado.

O Maranhão possui a maior população negra do Brasil, com 80% segundo o IBGE 2010. A cidade de Serrano é o município com maior número de negros no Brasil, com 94,77%.⁵⁷ Considerando a população negra⁵⁸ do Estado, é preciso referir às Comunidades Remanescentes de Quilombos - CRQs, sendo o Maranhão também o segundo em comunidades certificadas. O perfil da população é filtrado por esses dados que identificam 52,9% das famílias abaixo da linha de pobreza com renda de até meio salário mínimo. Estudos do IBGE apontam que dos 100 municípios brasileiros com o menor IDH, 36 estão no Maranhão.

Para o Estado do Maranhão, a população jovem encarcerada representa 59,98% da população prisional local. No que diz respeito à escolaridade dos jovens em privação de liberdade no Estado, o Levantamento de Informações Penitenciárias (INFOPEN) aponta que 63,73% cursou ensino Fundamental Incompleto; 11,89% completaram o ensino Fundamental; 8,96% têm nível médio completo e 0,17% concluíram o ensino Superior, conforme a figura 2 revela.

Figura 2: Número de Matrículas nos anos finais do ensino fundamental no Maranhão



Fonte: Sinopse estatística da educação básica 2017 – INEP.

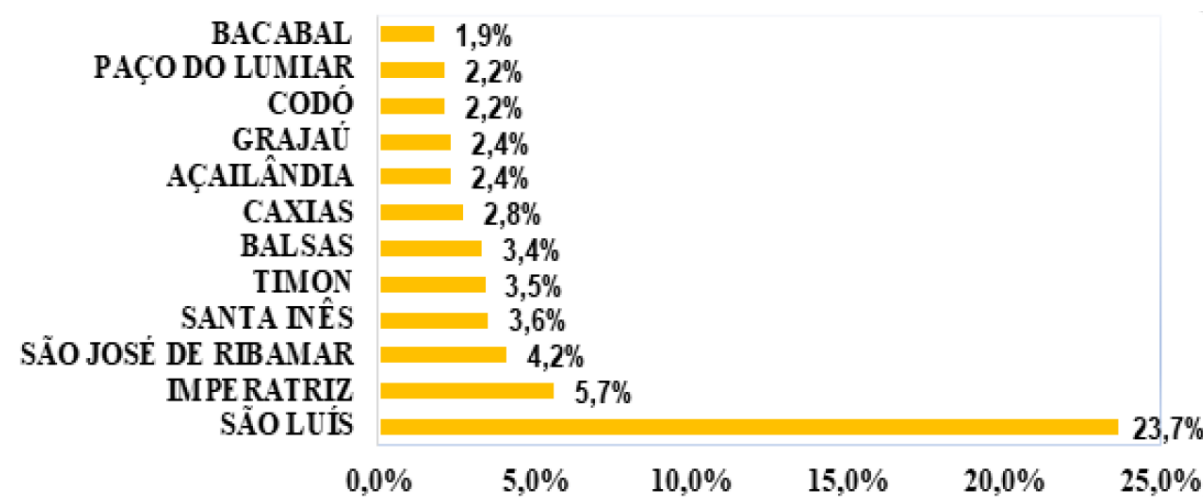
Em relação à mortalidade de jovens no Estado, prevalece o maior índice de óbitos dessa população por causas externas de residentes, conforme dados extraídos do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), fornecidos pelo DATASUS/MS. Conforme estatística da Secretaria de Estado de Segurança Pública, em 2017, apresentada na Figura , em todo Estado

⁵⁷ GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO. *Diagnóstico situação de vulnerabilidade da juventude negra no Maranhão*. SEEJUV, 2018, p.16.

⁵⁸ Com o objetivo de reduzir a vulnerabilidade da juventude negra à violência e prevenir a ocorrência de homicídios no Brasil, foi criado no ano de 2012 o Plano Juventude Viva. Este Plano promove e integra ações do Governo Federal com foco na transformação de territórios vulneráveis, na criação de oportunidades de inclusão social e autonomia para os jovens nesses territórios, no enfrentamento ao racismo institucional e na política de segurança pública.

do Maranhão foram registrados 2.005 homicídios, considerando os 217 municípios, sendo que 50,02% foram de jovens. Os municípios com maiores índices de homicídios na população total foram São Luís, Imperatriz e São José de Ribamar, sendo esses mesmos que registraram mais mortes entre jovens de 15 a 29 anos, conforme figura 3:

Figura 3: Municípios com maiores índices de homicídios de jovens no Estado do Maranhão para o ano de 2017



Fonte: Secretaria de Estado de Segurança Pública, 2017 .

Esse cenário, revela claramente o Mapa da Violência, nas principais cidades do Estado, mas que também atinge municípios do interior do Maranhão. O cotidiano das famílias maranhenses e em todo o País é marcado pelo medo da violência e a sensação de insegurança. Sabemos que a articulação entre todas as políticas públicas que promovam o bem-estar e a segurança da sociedade como um todo é emergencial e tem sido um dos grandes anseios dos jovens também.

O estado do Maranhão possui aproximadamente 6.904.298 de habitantes e destes, 1.868.205 são jovens com idade entre 15 a 29 anos, sendo que, 927.998 são do sexo masculino e 940.207 do sexo feminino, isto significa dizer que 27% da população maranhense são considerados jovens, nos termos legais definidos pelo Estatuto da Juventude.⁵⁹

No que tange as políticas públicas, voltadas a essa população no Maranhão, convém citar alguns avanços no Estado como a Criação da Secretaria Extraordinária de Juventude, que

⁵⁹ GOVERNO DO MARANHÃO, Secretária Nacional de Juventude. Secretaria de Estado Extraordinária de Juventude. *Plano Estadual de Juventude 2017*, p.6.

tem como missão fomentar políticas públicas que garantam os direitos, a elevação da qualidade de vida e o resgate da cidadania da juventude maranhense, através do desenvolvimento de programas e projetos voltados à juventude, a citar: oferta de Educação Integral no Ensino Médio com o advento dos IEMAS e os Centros de Educação Integral – CEI, Centro de Referência da Juventude e Inovação, Programa Cidadão do Mundo, Programa CNH Jovem, Juventude Prevenida, *Tour Jovem Cidadão*, Projeto Geração Ciência e Juventude com Ciência, Programa Cartão Transporte Universitário, dentre outras ações realizadas em interface com as demais Secretarias de Estado.⁶⁰

O Estatuto da Juventude garante às juventudes o direito à segurança e o acesso às políticas públicas. Apenas em 2010, essa população foi reconhecida constitucionalmente como sujeitos de direitos, por meio da inclusão do termo jovem ao capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, redação inserida pela Proposta de Emenda Constitucional nº 65, de julho de 2010, conhecida como PEC da Juventude e, posteriormente, em agosto de 2013, com a promulgação da Lei número 12.852, que instituiu o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens.

A Juventude deve ser o foco prioritário nas ações governamentais de prevenção e de enfrentamento das violências, uma vez que os dados apontam os jovens como maiores vítimas das causas externas, em especial dos homicídios, e por outro lado também ocupam a maior parte do sistema prisional, revelando que são as vítimas, mas também são autores de violência. O que ressalta a necessidade de alinhar a prevenção da violência com a garantia do acesso a bens e serviços essenciais e melhoria das condições de bem-estar, desta forma favorecendo o pleno desenvolvimento das juventudes. O grande desafio para as políticas públicas no âmbito dos direitos da juventude é, sobretudo, o direito à vida e à liberdade, sendo este direito garantido mediante o acesso a outros direitos fundamentais, sem os quais torna-se ainda mais difícil a vivência plena e saudável não apenas da fase juvenil, mas inclusive a continuidade dos demais ciclos de vida.

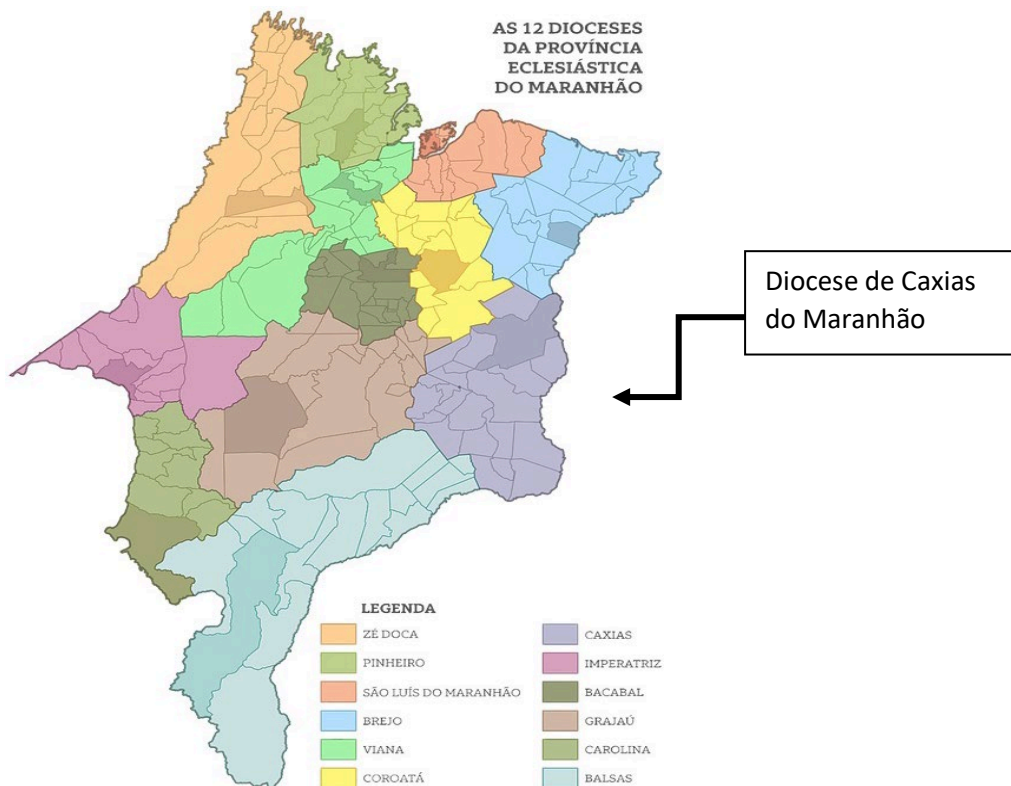
1.1.3 PASTORAL DA JUVENTUDE DA DIOCESE DE CAXIAS DO MARANHÃO - MA

As circunscrições eclesiais católicas do Brasil estão organizadas em regiões episcopais que têm seus conselhos regionais episcopais. Essas regiões contêm uma ou mais

⁶⁰ Cf. GOVERNO DO MARANHÃO. Secretaria de Estado Extraordinária de Juventude. *Plano Estadual de Juventude* / Secretária Nacional de Juventude. SEEJUV, 2017.

províncias eclesiásticas, distribuídas em dioceses. O Estado do Maranhão pertence ao Regional Nordeste V e é formado por 12 dioceses, conforme indicado na figura 4.

Figura 4: Dioceses e Províncias do Estado do Maranhão



FONTE: <https://www.cnbbne5.org/mapa>

E, da mesma forma que ocorreu em outros lugares do País, a PJ na Diocese de Caxias do Maranhão⁶¹ surgiu dos movimentos de Encontros de Jovens, modalidade de trabalho com jovens, adotada pela Igreja Católica após a extinção dos grupos da Ação Católica especializada (JAC, JEC, JIC, JOC, JUC), que tiveram grande atuação política no País. As primeiras organizações iniciaram nos anos 60, na cidade de Caxias, com a União dos Moços Católicos (UMC) em alguns bairros como Trezidela e Pontes. A UMC tinha como objetivo oferecer para os rapazes engajados um entretenimento (esporte, teatro e reflexão bíblica) para mantê-los distantes das situações de risco na sociedade. A expressão “moço” não significava que mulheres não frequentavam esse grupo, pelo contrário, muitas participavam de atividades; a preferência

⁶¹ Caxias do Maranhão é uma cidade do Estado do Maranhão, situada a 62 km a Noroeste de Timon, na divisa com o estado do Piauí. É a quinta maior cidade do estado do Maranhão e é um centro diocesano daquela região, isto é, uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. A Diocese de Caxias do Maranhão foi criada no dia 22 de Julho de 1939. É administrada por seu quinto bispo, Sebastião Lima Duarte.

por essa expressão dava-se porque naquele período, os rapazes eram vistos como mais propícios a “desviarem-se” das condutas estabelecidas pela sociedade, enquanto que as moças eram vistas como “propagadoras dos bons costumes familiares”, o que tornava mais fácil o acompanhamento das famílias junto a essas moças. O teatro foi um dos grandes atrativos da UMC. Muitos jovens empenhavam-se em dramatizações, elaboradas por eles mesmos, apresentadas pela cidade.

No início dos anos 70, ocorre em São Luís um Treinamento de Líderes Cristãs (TLC). A participação de jovens de Caxias nesse curso foi importante para as primeiras iniciativas dos Movimentos de Encontros que, a partir de 1979, ganhariam caráter de Pastoral da Juventude. De volta a Caxias, alguns participantes do TLC organizaram, no então Colégio Diocesano de Caxias, o grupo Meu Cristo Jovem, com reflexão e atividades voltadas para as comunidades eclesiais. O grupo Meu Cristo Jovem sofreu uma desarticulação; porém, em outros momentos, foram feitas tentativas de reorganização, mas foi extinto como o colégio Diocesano.

Na década de 70, surgem na cidade como Movimento de Encontro os grupos: Time de Cristo (TC) e Comunidade Juvenil da Trezidela (CONJUTRE – Nossa Senhora de Nazaré).⁶² O fator que contribuiu para o surgimento desses grupos e de outros é atribuído às “Missões” realizadas na diocese de Caxias, ainda nos anos 70. Missionários Franciscanos do Rio Grande do Sul vieram divulgar as missões para fortalecer as CEBs, e motivar a criação de novos grupos. Cada Missionário divulgava as missões a um meio específico (casais, crianças, jovens, etc.). Frei Augusto era responsável pela divulgação entre os jovens, ou seja, pelas missões jovens, atualmente, uma das ações de trabalho da Pastoral da Juventude. Com a visita dos missionários e o apoio dado aos grupos já existentes, jovens organizaram em Caxias uma coordenação central para facilitar o entrosamento entre os grupos e a expansão pelas demais cidades da diocese. No mapa representado na figura 5, constam as 22 cidades que compõem a Diocese de Caxias do Maranhão e sua extensão territorial, na divisa com o Estado do Piauí.

Figura 5 – Mapa da diocese de Caxias do Maranhão

⁶² Cf. BRAGA, Kátia de Sousa. *Pastoral da Juventude: O protagonismo do jovem no cenário político de Caxias na década de 80*, p.8.



Fonte: Livro das Santas Missões Populares 2018 – Diocese de Caxias do Maranhão-MA

As primeiras iniciativas de articulação da Pastoral da Juventude iniciaram nos anos 70 e as mesmas primeiras iniciativas foram se desenvolvendo em nível de Estado. Havia confusão entre a PJ das comunidades e a PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular), sentida em outras regiões do País, também refletida no Maranhão. Caxias destacava-se na defesa do modelo PJMP. Entretanto, mesmo com os conflitos acerca do modelo pastoral, ocorreu em 1982 em São Luís, o I Encontro Estadual da Pastoral da Juventude, articulado por jovens representantes de outras cidades do Maranhão. Nesse encontro, foram discutidos os problemas de articulação da PJ no Estado, bem como os sociais de cada município. Ficou definido o representante de cada diocese para a formação de uma coordenação estadual e assim contribuir no fortalecimento da PJ do Maranhão. No II Encontro Estadual houve a participação de jovens do Estado do Piauí. O objetivo desse encontro era organizar o Regional Nordeste IV, uma divisão da PJ Nacional em um estado ou mais, assim como era determinado pela Coordenação

Nacional, que compreendia os Estados do Maranhão e Piauí. Realizou-se em 1983, o I Encontro Regional com formação e estudos de questões sociais.

O Regional Nordeste IV funcionou com essa composição até meados da década de 80. Após, houve uma separação entre esses Estados para diferentes regionais (Maranhão se chamou Nordeste V e Piauí Nordeste IV). Na segunda metade da década de 80, a articulação da PJ em Caxias é impulsionada pela vinda à cidade do Padre Maurício Vanini, missionário comboniano⁶³, italiano que veio a Caxias desenvolver trabalhos na Paróquia Nossa Senhora de Nazaré e na Paróquia Nossa Senhora das Graças.⁶⁴ Ele era um admirador das potencialidades e da ousadia da juventude e logo se preocupou com a formação eclesial e política das novas gerações. Iniciou-se, portanto, um acompanhamento mais próximo dos grupos, para fortalecer o entrosamento. Foi então organizada uma coordenação central para articular encontros de formação em nível de cidade.

Em 1985, veio ao município de Caxias, para contribuir na organização da PJ diocesana, o Pe. Jorge Boran⁶⁵ que realizou um curso de formação para jovens, referente à organização da PJ, bem como aos desafios da mesma, com o objetivo de oferecer-lhes conhecimentos que os subsidiassem, frente às tendências políticas que surgiam. Vários estudos foram realizados com os jovens sobre as tendências que eram o centro das discussões dos anos 80, como o Marxismo, o Comunismo, o Leninismo, o Socialismo e outros, para que pudesse discernir e identificar os seus atores e suas estratégias. Caso contrário, esses jovens seriam superados pelo ritmo da História. Boran afirma que a Pastoral não faz opção partidária, mas prepara os jovens para que cada um faça sua opção com discernimento. Um jovem consciente do seu papel, na igreja e sociedade, entende que é necessário o povo chegar ao poder político para mudar as estruturas vigentes.⁶⁶

Jovens que chegam a esse nível de consciência sabem analisar os discursos dos políticos. Percebem os políticos que enganam o povo com discurso entusiástico a favor dos pobres, mas tem práticas que defendem os interesses das elites poderosas,

⁶³ Os Missionários Combonianos foram fundados por São Daniel Comboni em 1867, na Itália. Em 1952, os combonianos chegaram ao Brasil e tinham como objetivo o trabalho missionário no sul do Maranhão e no norte do Espírito Santo, além de sensibilizar a Igreja no Brasil na sua responsabilidade missionária. Sempre atuaram para alimentar uma Igreja comprometida com a vida, voltada para os pequenos e pobres, aliada dos movimentos sociais, e engajada na busca de caminhos de justiça e paz. Pe. Ezequiel Ramin, um Missionário Comboniano, foi morto numa emboscada em 1985, em Cacoal, no estado de Rondônia, por estar defendendo a vida dos povos indígenas e de trabalhadores sem-terra.

⁶⁴ Cf. PASTORAL DA JUVENTUDE. Anais da Assembleia da PJ de Caxias, 1988.

⁶⁵ Pe Jorge Boran, Padre, da Congregação dos Padres do Espírito Santo. Naturalizado brasileiro. Nasceu na Irlanda. Fundador e presidente do CCJ - Centro de Capacitação da Juventude. Dedicou sua vida ao acompanhamento da juventude. Foi assessor nacional do Setor Juventude-CNBB de 1983 a 1990.

⁶⁶ Cf. BORAN, J. *O Futuro tem nome*, p.241.

nacionais e internacionais. Sabem desmascarar os políticos que trabalham contra os interesses da maioria marginalizada.⁶⁷

Atividades como a Semana da Cidadania e o Dia Nacional da Juventude eram as que mais se destacavam e repercutiam na sociedade, porque traziam temas polêmicos e adequados ao contexto da juventude. A partir de 1985, ano decretado como Ano da Juventude pela ONU, os movimentos de conscientização de iniciativas da PJ intensificaram-se em toda diocese, devido ao trabalho de entrosamento entre grupos assessorados pelo padre Maurício.

A motivação dos diversos eventos e do trabalho dos grupos existentes fez com que se articulasse e organizasse a pastoral para outras cidades da Diocese. Em 1987, aconteceu o I Encontro Diocesano da PJ em Caxias com a participação de outras cidades, com o objetivo de estreitar a relação entre os grupos, fazer um retrato dos grupos existentes em toda Diocese, ou seja, nas cidades sobre administração eclesial do bispo de Caxias e de despertar esses jovens para a conscientização política.⁶⁸

O principal obstáculo para a formação desses jovens foi/é a questão financeira. Ao longo de mais de 30 anos, a Pastoral da Juventude do Brasil ainda se esforça para definir um projeto financeiro que resolva tal problema interno. Entretanto, tais obstáculos não impediram a forte representatividade da Diocese, em importantes encontros em nível regional, nacional e sul-americano. Como se percebe, a consolidação da PJ em Caxias dá-se nos anos 80 e é atribuída às grandes contribuições dadas pelo o Padre Maurício e alguns jovens que, ao passarem por uma formação, dedicaram tempo integral para oferecer aos jovens da Diocese de Caxias um espaço de participação eclesial e iniciativa política.

No segundo semestre de 2003, a Diocese de Caxias dava início a EFOCAP, Escola de Formação de Assessores e Coordenadores Paroquiais, com o apoio do Bispo Dom Luís D' Andrea e dos párocos diocesanos, na motivação de jovens, nos cursos oferecidos. Tratou-se de uma escola de formação de baixo custo, uma vez que a Pastoral da Juventude firmou parcerias com outras pastorais e entidades simpatizantes. A EFOCAP teve três etapas com diferentes temáticas e níveis (coordenadores e assessores) e continua oportunizando a formação de muitas lideranças.

A PJ diocesana de Caxias vem mantendo-se fiel aos seus princípios e desejos, buscando inserir o jovem na participação comunitária, política e social. Desafios surgem, porém são 30 anos de história de superação e conquistas, na luta em adequar-se aos novos tempos,

⁶⁷ BORAN, J. *O Futuro tem nome*, p.242.

⁶⁸ Cf. BRAGA, Kátia de Sousa. *Pastoral da Juventude: o protagonismo do jovem no cenário político de Caxias na década de 80*, p.18.

compreender a cultura moderna oferecida ao jovem, pelo Sistema dominante, associado à mídia, sem perder as instituições fundamentais na qual se baseia.

Fazer esse relato histórico contribui para mostrar sua importância na formação humana e cristã de jovens para despertá-los na consciência de grupo e participação, dedicando-se à formação de militantes para o engajamento sociopolítico que vem habilitando jovens da classe popular a participarem de um grupo, contribuindo para o fortalecimento dessa classe e a construção de uma sociedade mais justa.

1.1.4 GRUPOS DE JOVENS NA CIDADE DE SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO – MA E O MANUSEIO DOS REGISTROS ENCONTRADOS

O Município de São Domingos do Maranhão, MA, está inserida na mesorregião centro maranhense. De acordo com o Censo demográfico do IBGE, possuía em 2010, 33.610 habitantes sendo que destes, 17.313 habitantes (51,51%) estavam localizados em áreas urbanas e 16.297 habitantes (48,49%) em áreas rurais. Atualmente, a população está estimada em 34.384 pessoas.

A economia é baseada no comércio e na agricultura - conhecida como "terra do abacaxi", por seu grande índice de exportação para o Piauí, Ceará e Pernambuco. Com água em abundância e terras bastante férteis, o povoado fundado pelo pioneiro José Tibúrcio Feio cresceu rapidamente, em especial a partir de 1932, com a chegada de famílias nordestinas. Em 1940, pelo Decreto-Lei municipal Nº 15, de 20 de janeiro desse ano, passou à condição de distrito do município de Colinas, com denominação de Pucumã, cujo nome conservou-se quando de sua elevação à categoria de vila, em 1947. A 24 de setembro de 1952, pela Lei Nº 756, tornou-se cidade e sede do município de São Domingos do Maranhão.

Conforme observado na Figura 6, o mapa indica a localização do Município de São Domingos no Estado do Maranhão.

Figura 6: Localização do município de São Domingos do Maranhão



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Domingos_do_Maranh%C3%A3o#/media/Ficheiro:Maranhao_Municip_SaoDomingosdoMaranhao.svg

Na cidade de São Domingos, a Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro existe há mais de 90 anos e sua organização urbana e rural acontece pelo atendimento às comunidades, organizadas em setores. Entre as diversas pastorais e movimentos que atuam e trabalham nessa igreja, há a preocupação com a formação de lideranças, especialmente das juventudes.

O grupo de jovens da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro iniciou em 1981 e não tinha uma identidade pastoral ou de movimento definida. Mesmo sem identificação pastoral, ele possuía raiz missionária, isto é, buscou desde o começo trabalhar na evangelização, na participação comunitária, na visita às comunidades e na formação das suas lideranças.

Depois de onze anos de caminhada, o grupo assumiu a identidade Pastoral da Juventude. Na mística da Pastoral da Juventude há o espírito missionário. As bases, assim chamadas, são organizadas por meio da nucleação de novos grupos, e naquele momento o grupo realizou uma votação e foi chamado pelos seus membros, de JAC (Jovens Anunciadores de Cristo). Esse nome foi dado pelos jovens porque queriam conservar na sua identidade a sua missão de serem missionários e animarem os outros jovens e comunidades da Paróquia. Por ser o primeiro grupo era chamado de “Pai dos grupos de base, em São Domingos”. A Diocese de Caxias motivou a formação de grupos em todas as paróquias e esse grupo também começou a ser acompanhado

por coordenadores e assessores da Equipe diocesana, dos quais eu fiz parte. Essa experiência junto a esse grupo foi de sete anos e fez brotar em mim o desejo de aprofundar o estudo sobre juventudes e a realidade desses jovens. Nesse movimento, em consonância com minha Congregação Notre Dame, fui orientada a retornar ao Rio Grande do Sul para iniciar os estudos do Mestrado.

O grupo JAC, junto à assessoria paroquial, foi responsável por nuclear ou contribuir nas visitas e formações das novas lideranças nos grupos de jovens, especialmente, na área rural. Quando cheguei à cidade de São Domingos do Maranhão existiam dois grupos ativos: JAC e JAV. Os grupos formados e acompanhados pelo JAC foram em torno de dezoito (18), entre eles: JAV (Juventude em Ação pela Vitória, no povoado Viola, em novembro de 1997); JUP.COM (em 2015, Jovens Unidos pela Paz, do povoado Baixão Grande); JUSC (Jovens Unidos Servindo a Cristo, da comunidade urbana São Mateus); JULAC (Jovens Unidos Louvando a Cristo, povoado Lagoa Nova); JCC (Jovens com Cristo, povoado Alto das Beatas); JUF (Jovens Unidos pela Fé, povoado Badé); JFC (Jovens Fortalecidos em Cristo, povoado Inhumá); JUPEF (Jovens Unidos pela Fé, povoado Vera Cruz); JF (Jovens de Fé, povoado Morada Nova); JUPE (Jovens Unidos pela Esperança, povoado Paul); FJC (Força Jovem Católica, povoado Condurú); JSC (Jovens Seguindo a Cristo, povoado Olho d'Água); JAC (Jovens Adoradores de Cristo, povoado Sumaúma); JUBC (Jovens Unidos Buscando a Cristo, povoado Atraqueira); JCI (Juventude Conquistando o Impossível, povoado Porto Alegre); JUC (Jovens Unidos por Cristo, povoado Pucumã); e JEDAC (Jovens Exemplo de Amor a Cristo, povoado Penteados). Alguns desses grupos continuam sua caminhada e outros, pela falta de lideranças que continuassem o processo, acabaram sendo desarticulados e não continuaram suas atividades.

Anteriormente, no ano de 2012, quando cheguei ao Estado do Maranhão, iniciei o processo de acompanhamento aos jovens e grupos na cidade de Governador Luiz Rocha, que pertence paroquialmente à cidade de São Domingos. A pedido deles, nessa cidade, foram nucleados quatro grupos de base, nesse primeiro ano: Grupo da Igreja Matriz São Francisco, chamado JUPAC (Jovens Unidos pela Amizade em Cristo, em março de 2012); JUPEF (Jovens Unidos pela Fé, povoado Caracol); JUPEFD (Jovens Unidos pela Força de Deus, povoado Centro dos Bastins); JUAC (Jovens Unidos Amando a Cristo, povoado São João da Mata).

No ano de 2013, fui transferida para a cidade de São Domingos, ao lado de Governador Luiz Rocha, onde atuei até o ano de 2018, e ampliei junto aos demais assessores e coordenadores o trabalho junto aos jovens, nas comunidades da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Diocese de Caxias e no Regional Nordeste V, Maranhão.

E, desse modo, chego ao material que fui reunindo ao longo desses setes anos, sem ter muitas vezes a noção de que isso poderia compor uma memória histórica de um processo formador. Possuo registros como atas, fotos, anotações pessoais que fizeram e fazem parte de uma memória. Com o advento do Mestrado fui me dando conta de que esse material já seria uma das fontes de pesquisa. E ao reorganizar esse conjunto de registros, compus também um levantamento de questões feitas aos coordenadores e secretárias do grupo JAC. Essas questões referem-se à história e à formação do JAC, perguntas sobre a mística, a identidade, a missionariedade que a acompanha e à formação pessoal de cada um.

O registro disso, devido à pandemia do COVID-19, foi realizado por *whatsapp*. A opção foi de não nomear ninguém para contemplar a Resolução 510 de 7/4/2016 e preservar a identidade de todas as pessoas envolvidas. Da mesma forma, o material que reporta aos registros é analisado sem que nomes sejam revelados como prática usual da pesquisa científica nas Ciências Humanas, conforme o Apêndice “K” relata.

Ao todo consultei dois cadernos de secretaria, cinquenta fotografias, portfólios com as pautas e atividades dos encontros e selecionei oito registros para exercitar um primeiro caminho de análises para essa dissertação. Há uma série de materiais que não serão explorados agora, mas que ficam para um exercício posterior que poderia incluir outras formas de pesquisa.

Um processo importante que gostaria de assinalar foi o papel da assessoria na orientação, formação e acompanhamento às secretárias do grupo JAC. Ensinar a produzir um registro, a prática de anotação nas reuniões convocadas e nos encontros do grupo de base para depois haver o repasse ao grupo, foi algo fundamental. O registro na PJ deve conter as experiências, as opiniões, os combinados, as principais falas dos coordenadores e membros na condução dos momentos de espiritualidade, de reflexão, análise de realidade e articulação de atividades. Além disso, a Secretaria precisa ter o cuidado em perceber quem está presente e quem está afastando-se do grupo. Muitos jovens que assumiam o serviço de ser secretários (as) não tinham o hábito da escrita e da leitura. Incentivar esse processo de liderança, memória e resgate da própria caminhada e história foi um processo lento, mas muito importante na formação dos jovens. Sem memória não há história, nos afirma o Apêndice B.

A análise dessas produções será realizada a partir da integração de metodologias já mencionadas e, junto a isso, integrarei minha experiência de assessoria, acompanhamento e observação, ao longo dos sete anos, com a descrição das experiências vivenciadas com o grupo de jovens.

1.2 FONTES DA PJ E INSPIRAÇÕES METODOLÓGICAS PARA COM ESSA PESQUISA: A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO, A EDUCAÇÃO POPULAR E A TEOLOGIA FEMINISTA

A dimensão metodológica refere-se ao jeito de caminhar, de desenvolver uma ação e é, sobretudo, um processo grupal. É importante situar historicamente como chegamos onde estamos para traçar perspectivas sobre onde queremos chegar. Tendo clareza do ponto de partida e do ponto de chegada, a Metodologia define e norteia o modo, o caminho pelo qual vamos percorrer e por qual itinerário. Qualquer pessoa ou grupo, que esteja desenvolvendo atividade e/ou projeto, tem um modo específico de fazê-lo, tem uma metodologia própria, mas sem muitas vezes, ter um aprofundamento maior ou mesmo sem consciência esclarecida a respeito do que faz. Ao resgatar os modos de trabalhos com esse grupo farei esse exercício para entender se a metodologia escolhida ou adotada (mesmo sem ter consciência dela) produziu os resultados desejados. À medida em que estou estudando esse processo, percebo que a metodologia contribui para o êxito do trabalho pastoral no empreendimento, qualquer que seja sua natureza.⁶⁹ Relembro que a questão da pesquisa tem como foco compreender de que modo a Pastoral da Juventude possibilita saberes para uma Teologia que vê na jovem e no jovem um lugar teológico.

Segundo a tese de Ronald Apolinário Lira⁷⁰, na Pastoral da Juventude do Brasil consolidou-se como método de análise da realidade em que o jovem está inserido, o “ver-julgar-agir”. Essa metodologia é mais uma herança que a Pastoral da Juventude do Brasil (PJB) recebeu da Ação Católica Especializada (ACE). O método “ver-julgar-agir” foi estruturado pelo padre belga Joseph Cardijn, fundador da Juventude Operária Católica (JOC), que se tornou posteriormente uma das principais influências para o processo de especialização da Ação Católica pelo mundo, inclusive no Brasil. Essas marcas influenciaram profundamente a PJB, contribuindo para a construção do seu modelo de ação-intervenção na realidade, pois ele prevê a construção da capacidade do jovem e da jovem em seu pensar e criticar, pressupondo a análise de um fato, ou de uma realidade específica a partir dos três momentos específicos.⁷¹

⁶⁹ Coerente com as abordagens teórico-metodológicas adotadas no trabalho de pesquisa buscou-se refletir com os jovens sobre seus saberes e vivências partilhados em cada encontro e atividade no grupo de base, no qual se colocam valores religiosos, sociais e políticos na confrontação da atividade de trabalho com as normas antecedentes. A produção dos dados e registros através de diferentes procedimentos: registros de reuniões e definição de metas; observação participante durante os anos de acompanhamento; entrevistas individuais; debates coletivos; e, apresentação e discussão das reflexões do pesquisador a respeito dos dados com os participantes, provocando confrontações de percepções mútuas.

⁷⁰ Cf. LIRA, Ronald Apolinário. *Um Momento Novo*: Pastoral da Juventude e formação político-partidária na diocese de Nova Iguaçu-RJ, 2015.

⁷¹ Cf. LIRA, R. A. *Um Momento Novo*, p.124.

O método histórico crítico fundamentou a Teologia da Libertação (TdL), fazendo com que a análise documental e a análise da realidade fossem tomadas desde a realidade da vida das pessoas. O método histórico-evangelizador tem sido uma releitura desse contexto da TdL e complementado, inclusive, o método histórico-crítico. No trabalho pastoral, buscou-se perceber que para evangelizar é preciso partir das realidades concretas.

A metodologia histórico-crítica foi produzida em um contexto em que os Movimentos Eclesiais de Base estavam intrinsecamente relacionados com a Educação Popular, motivada por Paulo Freire, junto com os Movimentos de Cultura Popular das décadas de 60, 70 e 80 do sec. XX, na América Latina. Nesse mesmo contexto, Faustino Teixeira aponta que as CEBs⁷² ao serem incentivadas pela Teologia da Libertação e após o Concílio Vaticano II (1962-1965), se espalharam no Brasil e em toda a América Latina principalmente nos anos 1970 e 1980, propondo aproximação entre a Igreja e a Sociedade, procurando encontrar respostas aos problemas sociais e em seu engajamento eclesial. Para isso, buscaram através do método ver-julgar-agir olhar a realidade em que viviam (ver), julgá-la com um olhar na tradição bíblica (julgar), para encontrar caminhos de ação através do fator fé (agir).

No período compreendido entre 1960 e 1964, surge, no Brasil, uma série de movimentos voltados para a educação e a cultura popular. Alguns deles, como a União Nacional dos Estudantes (UNE), os Centros Populares de Cultura (CPC), os Movimentos de Cultura Popular (MCP) e o Movimento de Educação de Base (MEB) apresentavam divergências de pensamento entre si. Contudo, tinham como ponto convergente tornar o conhecimento um instrumento de emancipação política. Mas a expressão que mais marcou a época foi a criação da Ação Popular (AP), formada por um grupo de pessoas ligadas à ideologia da Igreja Católica Progressista, que objetivava alfabetizar e conscientizar politicamente as camadas populares.

Já em 1963 e início de 1964, o MEB estabeleceu aproximação com a proposta de Paulo Freire, cuja dinâmica correspondia a uma expectativa de conscientização e questionamento a qualquer educação puramente mecânica e sem significado para os sujeitos. Desse modo, Teixeira afirma:

O método Paulo Freire introduzia a educação como prática de liberdade, como instrumento do educando. O primeiro passo consistia em levar o educando a se

⁷² As comunidades eclesiais de base (CEB's) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou a capela (rural), por iniciativa de leigos, religiosos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, segundo outros. As comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos ou formar um único grupão a que se dá o nome de comunidade eclesial de base. A palavra libertação sobressai no vocabulário das CEB's. Ela está presente nos cânticos, na meditação do Evangelho, no plano de ação. Ela ajuda a comunidade a passar de uma consciência social reformista, para a consciência da transformação social, da modificação do modo de produção capitalista

conscientizar de sua problemática, 'a pensar, a reconhecer o seu lugar na sociedade, a ver as relações de dominação que impedem o seu progresso' [...].⁷³

Esse processo contribuiu para uma sociedade alternativa, em que a teoria (Teologia) ilumina a prática. Assim, a Teologia da Libertação defende uma educação popular que valoriza o saber do povo. É uma educação que conscientiza, dignifica o oprimido, que o liberta da ignorância.

Os documentos do Concílio Vaticano II demonstraram que havia outras formas de fazer Teologia com o povo; esse grande evento trouxe para a Igreja o desafio de pensar em outros métodos teológico-pastorais. Destacam-se três aspectos, de modo especial: a) “possibilidade de um fazer teológico a partir do contexto do povo de Deus; b) a abertura para que os leigos/as pudessem fazer cursos de Teologia; c) devolução da Bíblia ao Povo de Deus”⁷⁴. Apresentou-se o “sacerdócio comum” a todos os batizados e à comunidade sacerdotal (batizados) possui uma índole sagrada e uma estrutura orgânica (LG 11). Dessa forma, a pesquisa na Teologia também caminha nessa direção, ou seja, propostas como Ver, Julgar e Agir (histórico-crítico) são questões de método e metodologia que incidem na forma como fazer pesquisa em Teologia. “A nova proposta metodológica irá revolucionar a pedagogia dentro da Igreja tradicional [...]. Essa nova metodologia fez surgir uma nova espiritualidade que unia fé e vida.”⁷⁵ Seguindo esse mesmo propósito conciliar, a exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit* assinala que para qualquer método e processo formativo, deve-se ter presente o crescimento individual e coletivo:

Qualquer projeto formativo, qualquer caminho de crescimento para os jovens, deve incluir certamente uma formação doutrinal e moral. É igualmente importante que esteja centrado em dois grandes eixos: um é o aprofundamento do *kerygma*, a experiência fundante do encontro com Deus através de Cristo morto e ressuscitado. O outro é o crescimento no amor fraterno, na vida comunitária, no serviço (ChV 213).

É possível fazer uma real leitura da realidade e ter uma prática pastoral que resgate a dignidade dos considerados excluídos? Para isso é importante situarmo-nos no mesmo lugar social de Jesus de Nazaré que é o lugar social do pobre, do “excluído”, atitude etnográfica, de acordo com a antropologia. A partir daí Jesus escutou, falou, agiu, interpelou pobres e ricos e caminhou com os discípulos. Deixando-nos conduzir pelo Espírito Santo, na busca honesta da Verdade em vista do bem comum, chegaremos a bom termo, mesmo se inicialmente estivermos caminhando na direção errada como os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35).

⁷³ TEIXEIRA, Faustino Luis Couto. *A gênese das CEBs no Brasil: elementos explicativos*, p.101.

⁷⁴ REIS, Ari (org). *Metodologia da Ação Evangelizadora: uma experiência no fazer teológico-pastoral*, p. 34.

⁷⁵ BORAN, Jorge. *O futuro tem nome, Juventude: sugestões práticas para trabalhar com jovens*, p.25.

Diante da revelação de Jesus ao partir o pão e da sua presença ressuscitada é fundamental estarmos conscientes da necessidade de participarmos mais livremente e plenamente nos destinos de nossa sociedade para que atuemos inspirados pela Trindade, com lucidez evangelizadora, comunitária e política. Diante disso, podemos nos questionar se é possível sermos cristãos sem a experiência de um Deus Trindade e da participação? Para Luiz Carlos Susin, a comunhão e a unidade presente na Trindade, “nas diferenças em que um está para o outro, com o outro, no outro, sem, no entanto, anular a absoluta alteridade e diferença do outro caracteriza a relação comunitária do Deus Trino. A diferença e o absoluto de cada um constituem a comunhão e a unidade”⁷⁶. Teresa Forcades também afirma a unidade na Trindade como modelo na metodologia da integração na diversidade:

Do ponto de vista social e político, a consequência desta unidade na diversidade e deste respeito pela originalidade pessoal irreduzível do outro é a potenciação da pluralidade. Em lugar de a tolerar como um mal menor e de desejar que esta vá diminuindo para dar lugar a uma visão comum, a pluralidade deve ser valorizada como um bem a acrescentar, como a condição mais apreciada de todo o grupo humano e de toda a sociedade autenticamente democrática.⁷⁷

A ação evangelizadora acontece na relação estabelecida e, por isso, precisa ser um objeto de reflexão relacionada à capacidade de observarmos uma realidade que está dentro de nós, mas que se constrói no vínculo com os outros, com o mundo e com Deus. Sabemos que as relações humanas se realizam através da linguagem. A linguagem é que possibilita as relações interpessoais. Desse modo, a relação é que deve ser focada.

A metodologia histórico-evangelizadora parte de uma perspectiva pedagógica e também da participação, o que envolve a reflexão de questões que o método histórico-crítico talvez não estivesse levando mais tão a sério. A ação evangelizadora, isto é, quem evangeliza e o que é evangelizado, precisa levar em conta algumas interrogações: até que ponto o evangelizado não está evangelizando? E quem evangeliza não seria também evangelizado? A graça de Deus age em todos e a crença no Espírito, que age nos corações, leva-nos a confirmar que um método evangelizador parte das relações dos envolvidos nas realidades e da ação divina em todos e todas.

Elli Benincá propõe como objeto de análise e estudo a ligação entre a ciência pastoral e a relação agente-comunidade-contexto. “Essa definição faz com que o autor tenha que propor um processo metodológico para dar conta desse objeto que não pode ser isolado, dissecado e

⁷⁶ SUSIN, Luís Carlos. *Assim na terra como no céu*, p.49.

⁷⁷ FORCADES I VILA, Teresa. *As falsas democracias e as consequências políticas da noção cristã de “pessoa”*, p.21.

manuseado como se fosse uma coisa. A este processo metodológico denomina de metodologia histórico-evangelizadora.”⁷⁸

A Metodologia Histórico-Evangelizadora (MHE)⁷⁹ contribui de modo especial na realização de um planejamento participativo: fazendo um levantamento da realidade (cenário interno e externo; descrevendo a utopia de pessoa humana, sociedade, Igreja, pastoral que queremos; fazendo um levantamento de necessidades e potencialidades; elaborando uma Declaração de Visão, onde você e seu grupo estarão daqui a um determinado tempo, porque e como terão atingido tais objetivos; elaborando e realizando os programas, projetos e atividades correspondentes de modo participativo; avaliando, concomitantemente a partir dos registros, sistematizando assim a experiência e ressignificando aquilo que for necessário. Deste modo, vamos clareando a missão, aprofundando a espiritualidade e criando uma mística.

A inclusão do princípio da participação popular caracteriza a MHE e parte da realidade da vida, que confrontada com a Palavra de Deus e com a doutrina, ilumina a vida e seu contexto. Partindo da experiência de cada pessoa e/ou grupo, sobretudo de suas relações, é possível estabelecer um diálogo com maior profundidade, buscando compreender a própria realidade e buscar um sentido novo e mais profundo para a vida. Por isso, a MHE parte da ideia de que a ação evangelizadora deva ser consciente, intencionada e direcionada.⁸⁰

Para uma ação educativo-pastoral ser relevante é necessário conciliar a teoria e a prática, numa relação dialética. Não interessa tanto qual vem primeiro. Para uma pessoa pode ser a teoria e para outra a prática. O fundamental é que uma leve à outra a inter-relacionar-se. Cada pessoa ou grupo normalmente já tem uma experiência de vida e/ ou trabalho que marca e determina o modo de agir e ver o mundo, experiência essa que precisa ser explicitada e sistematizada, mas também existem diferentes teorias sistematizadas a partir da prática de outras pessoas e grupos que servem de fonte de conhecimento e inspiração de novas ações.

Neste processo, a evangelização enquanto serviço e processo de sujeitos em relação, é orientada pela observação, registro, sessões de estudo e reencaminhamentos.⁸¹ Observam-se as práticas e o contexto (social, histórico, eclesial), buscando perceber as suas determinações e compreendendo suas necessidades (carências e potencialidades) que aí aparecem. Registrar é

⁷⁸ BENINCÁ, Elli. *Metodologia Pastoral*, p.74.

⁷⁹ Proposta pedagógica construída em diálogo com a práxis produzida pela Igreja, com destaque para experiências realizadas no Brasil, a partir da atuação especializada com a juventude e a práxis pedagógica produzida na academia. A MHE tem como objetivo de investigação a relação entre o agente (educador ou agente de pastoral), a comunidade (educandos ou comunidades) e o contexto mais amplo, cenário onde se dá a relação, seguindo os passos da observação, registro, sessão de estudos e novos encaminhamentos para a prática.

⁸⁰ Cf. BENINCÁ, E. *Metodologia da Ação Evangelizadora*.p.24-28.

⁸¹ Cf. REIS, Ari. *Metodologia da Ação Evangelizadora*, p.58.

fundamental e a observação de modo detalhado contribui para a análise e a discussão dessa realidade no grupo e no que compõe suas experiências. Refletir os registros embasa o aprofundamento das questões e temas significativos que surgem e que merecem novas observações, avaliação e aprofundamento teórico.

Quando estamos em um grupo, como no caso é o de jovens, é preciso estar no meio deles (inserir-se), aprender com os estudos antropológicos a ouvir seus relatos, sonhos e desejos; ajudá-los a registrar a própria experiência e a confrontá-la com a experiência do Povo de Deus e juntos, construir a estrada, percorrendo o caminho de/com Jesus, recriando sua experiência no processo grupal/comunitário.

Junto com as experiências metodológicas do MHE estão marcadas as experiências da educação popular que, no Brasil tem na figura de Paulo Freire sua grande inspiração. É por meio do seu legado que grande parte das ações junto aos grupos populares, a partir da década de 60, se concretizaram. Essa história já está bastante registrada na área da Educação em suas pesquisas, distribuídas no país inteiro, por meio dos Programas de Pós-Graduação que, em boa medida, são os guardadores desse legado, mas não só⁸². A tarefa de ensinar deve, com certeza, transformar realidades, recriar situações, em suma, promover o crescimento. Afirmar Freire que “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos, constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção que implica decisão, escolha, intervenção na realidade.”⁸³

A Educação Popular será um agente metodológico criativo que se mistura às experiências vividas nas Igrejas cristãs. As fontes que fundamentam essa perspectiva são muitas, elas vão desde o materialismo dialético com inspirações marxistas, passando pela Escola dos *Annales*⁸⁴ e, principalmente, ancorando-se nos estudos antropológicos e sociológicos de variadas perspectivas. Segundo Edla Eggert, a educação popular no Brasil e na América Latina anunciou que a Educação possui também dimensão política e desafiou para um compromisso nas diversas realidades, sejam elas questões indígenas, questões agrárias; envolvendo situações de violência, de gênero, de classe, de raça/etnia; à área da saúde, além de

⁸² Convém registrar os inúmeros institutos e Fóruns Paulo Freire que movimentam outros setores para além das Universidades. No RS o Fórum Paulo Freire já está em sua 21ª Edição no ano de 2019. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/xxi-forum-de-estudos-leituras-de-paulo-freire/>

⁸³ FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*, 2002, p.46.

⁸⁴ Entre os métodos participativos de pesquisa, a “Escola de Annales” rompeu com o conceito de pesquisar somente fontes documentais oficiais e caminhou para a história cultural. O grupo dos Annales ou Escola dos Annales era formado pelos líderes da historiografia francesa Lucien Febvre e Marc Bloch. Teve início em 1929, e visava anular a concepção dos historiadores ditos metódicos (positivistas).

criar conexões com a religiosidade popular e temáticas de arte popular, entre outras tantas questões.⁸⁵

Carlos Rodrigues Brandão é um dos pesquisadores que, apesar de a sua formação inicial ser a Psicologia, é na Antropologia, junto com a militância no campo popular, que nos brinda com um legado metodológico importante⁸⁶. Celso Beisiegel é outra referência nacional como um dos pioneiros da Educação Popular. Ele se interessou pelo tema da universalização da educação para todos como direito a ser efetivado pelo Estado. Possui um envolvimento com a política de educação de jovens e adultos, sobretudo do direito à alfabetização. Enfatizou que há um pensamento conservador que culpabiliza as classes populares pelos problemas educacionais.⁸⁷

Essa é, sem dúvida, uma complexa rede metodológica, com produções de diversos campos das ciências humanas que, em especial, tem na teologia feminista um dos aspectos centrais. Com certeza, ela pode ser considerada uma nova proposta epistemológica dentro do campo da Teologia, porque ela fomenta o conhecimento. Portanto, é possível caminhar por trilhas novas na produção desse conhecimento, em que se critica a forma como esse conhecimento foi feito até aqui.

A Teologia Feminista propõe outros aspectos; não entra só na racionalidade fria, entra em dados empíricos, dados mais emocionais em que a pessoa vem inteira, e isso enriquece epistemologicamente; portanto, outras leituras são relevantes de outro ponto de vista e a partir de um sentir diferente, que vem da experiência das mulheres.

O modo diferente de produzir Teologia, que é enfatizado nas narrativas das docentes, tem a ver com o método utilizado de desconstrução e reconstrução, baseado na hermenêutica feminista⁸⁸ e na incorporação das categorias de gênero e de experiência das mulheres, bem como na abordagem de novos temas, como corporeidade e violência contra as mulheres. Nesse modo diferente de produzir Teologia, o conteúdo das narrativas também dá ênfase à releitura crítica que elas fazem da Teologia tradicional masculina, partindo da metodologia da suspeita, que tem como critério de discernimento crítico as experiências concretas das mulheres. Essa

⁸⁵ EGGERT, E. Mais indícios da colonialidade latino-americana: indicações teórico-metodológicas inacabadas para a pesquisa na Educação Popular, 2012.

⁸⁶ Cf. STRECK, Danilo; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). *Pesquisa Participante: a partilha do saber*, 2006.

⁸⁷ Cf. PAULO, Fernanda S. Legado de Celso de Rui Beisiegel: um dos pioneiros da educação popular. *Revista de Educação Popular*, 2020.

⁸⁸ Para Deifelt (2003) e Gebara (2008), a hermenêutica feminista coloca as experiências das mulheres, em suas diversidades de raça, tradição, cultura e classe, para dentro da reflexão teológica, o que torna a Teologia feminista um saber sempre parcial, datado, contextualizado.

metodologia é indicada como parte do que diferencia a produção feminina da Teologia tradicional.

A expressão teológica feminista parte sempre do vivido, daquilo que é experimentado no presente. Isso provoca a consequente recusa de uma linguagem abstrata diante da vida e das coisas que tocam a profundidade da relação humana. Por causa disso, há um esforço crescente para ‘desmontar’ os antigos conceitos teológicos para descobrir a que realidades vitais correspondem. São as realidades vitais o ponto de partida de uma explicitação teológica mais organizada.⁸⁹

Com a presença das mulheres na área de conhecimento da Teologia e das Ciências da Religião, a forma de produzir e interpretar a si mesmas tem sido desafiada com novas posturas e conceitos para a própria sociedade. As religiões, assim como os estudos que tentam compreendê-las e explicá-las, sofreram nas últimas décadas de maneira significativa com os impactos do feminismo, seja como movimento, seja como pensamento. As reivindicações das fiéis leigas e/ou das clericais, variam desde o acesso ao sacerdócio e ao ministério, no campo cristão, e em especial no mundo católico, até o uso do véu, ou sua recusa, entre as muçulmanas, além de outras manifestações de movimentos religiosos feministas que reivindicam maior autonomia e liderança das mulheres nos espaços comunitários. O desenvolvimento de um discurso teológico elaborado por mulheres é distinto, em muitos aspectos, daqueles que escrevem os homens que é marcado pela forte influência das ideias feministas.

A Teologia Feminista é compreendida como uma corrente dentro da tradição bíblica-cristã que busca exercer um papel crítico na igreja e na sociedade. Por ser uma teologia crítica, surge a partir de uma experiência de contradição. Ela evidencia os aspectos que geram as contradições e busca alternativas de interpretação teológica que sejam consistentes e que permitam superá-las. Tais contradições provêm de situações permeadas de discriminação e injustiça. O caminho dessa teologia é, portanto, básica e necessariamente, um caminho de luta e de reivindicações.

Para Eli Bartra, uma prática chave da última década e uma parte fundamental do método feminista tem sido a chamada desconstrução. Em sua forma mais simples, significa a análise meticulosa do que se publica sobre o assunto que está sendo trabalhado para descobrir os preconceitos sexistas e tentar corrigi-los. Significa desmontar as várias disciplinas devido ao seu marcado androcentrismo e tentar construir novas, não sexistas e não androcêntricas. Sempre dentro de um método, e se for feminista, a forma como é lido, ouvido, observado ou

⁸⁹ GEBARA, Ivone. A Mulher Faz Teologia – Um ensaio para Reflexão. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, p.11.

questionado, já tem um enfoque diferente, um caráter não androcêntrico e não sexista.⁹⁰

Revisões das interpretações existentes dos textos sagrados e a proposição de novas interpretações são uma constante entre as teólogas feministas. As doutrinas e a organização institucional têm sido alvo de sua crítica. Também os cultos realizados por grupos de mulheres têm constituído-se como espaços de contestação e de criação imaginativa de novas formas de relacionar-se com suas crenças. Pode-se dizer que nenhuma área das religiões instituídas deixou de passar pelo crivo crítico do olhar feminista.

As teólogas feministas vêm desenvolvendo pesquisas que reconhecem as histórias de vida e as experiências das mulheres como eixo fundador para outra forma de pensar a produção do conhecimento teológico. As instrumentalizações para produzir as histórias de vida no âmbito da Teologia latino-americana têm se pautado por meio da Educação Popular que se traduz como uma Pesquisa Participante. No fazer teológico feminista latino-americano, o conhecimento não se dá apenas por meio do exercício da razão instrumental, pois a reflexão não se separa da experiência do mundo da vida. No cotidiano também se encontra a experiência de Deus e é N'Ele em que se devem ocorrer as construções de relações de dignidade à vida de mulheres e homens.

A Teologia Feminista na América Latina surge conectada com a Teologia Feminista do Primeiro Mundo, porém segue com as características específicas da singularidade do contexto sociocultural latino-americano. As mulheres latino-americanas e caribenhas possuem diferente realidade histórica, cultural, social e étnica. O lugar social é fundamental para entender a vida e a experiência das mulheres. Essa produção teve início nos anos 1970 e 1980 e, aos poucos, foi se consolidando e abrindo-se, também, para a abordagem de gênero. A Teologia da Libertação, a partir da perspectiva da mulher latino-americana, possui uma perspectiva elaborada, a partir de sua própria situação, e da consciência das mulheres oprimidas, conforme afirma a teóloga mexicana Maria Pilar Aquino.⁹¹

Na América Latina, as mulheres têm conduzido seus debates mais ao redor dos dogmas androcêntricos e sexistas, que as excluem das instâncias de decisão e do poder, nas igrejas cristãs, do que propriamente nas diferenças entre as religiões. Constata-se que esses dogmas marginalizam não só as mulheres, mas os próprios homens de diferentes raças e culturas, discriminados socialmente, em nome de um 'Cristo Branco, de traços europeus'.⁹²

⁹⁰ Cf. BARTRA, Eli. *Acerca de la investigación y la metodología feminista*. Eli Bartra (Org.), *Debates en torno a una metodología feminista? Ciencia y feminismo*, 2020.

⁹¹ Cf. AQUINO, M. P. *A Teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina*, p. 55.

⁹² Cf. AQUINO, M. P. *A Teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina*, p. 39.

Com o exercício da reflexão teológica trata-se de perguntar à Escritura, ao contexto histórico que lhe deu origem, à tradição de nossos povos ancestrais, à tradição e aos ensinamentos da Igreja, à teologia em geral, ao povo de Deus e à própria realidade histórica atual, sobre a consistência da mulher como sujeito de pleno direito na igreja e na sociedade. Dito de forma sucinta, a teologia feminista latino-americana é uma reflexão crítica, emanada da fé, sobre a experiência de Deus, vivida na prática libertadora das mulheres, informada pela divina página contida nas tradições libertadoras da Escritura, pela tradição vívida da Igreja e pela realidade atual.⁹³

Nesse sentido, a Teologia feminista começa como um movimento que promove espaço para novas experiências de vida, provocando mudanças na linguagem religiosa e na prática de algumas Igrejas cristãs. A Teologia feminista cria uma primeira ruptura básica com o exclusivismo patriarcal e introduz a primeira diferença fundamental e origem de todas as demais diferenças, a diversidade humana, compartilhando de teorias, lutas e reivindicações de mulheres, nos diversos movimentos libertadores, na promoção da integridade humana para as mulheres, em seus vínculos familiares e sociais. Um exemplo disso é o método da desconstrução do vocabulário, dos pensamentos e de valores patriarcais.

Diante das metodologias que a PJ vem desenvolvendo ao longo de sua história, outra fonte é a educação não formal, que acontece nos grupos de jovens, tendo seu ponto de partida na práxis (realidade que é refletida). Utiliza uma metodologia indutiva, começando com a realidade, com a vida das pessoas e a situação concreta em que as pessoas se encontram.

A metodologia indutiva da educação não formal requer uma interação contínua entre teoria e práxis (realidade e prática que são refletidas). A realidade corrige a teoria e a teoria ilumina a realidade. A metodologia indutiva ajuda as pessoas a pensarem por si mesmas em vez de apenas repetir o que aprenderam. Em muitos países a abordagem educacional não formal para evangelizar jovens e adultos está se tornando uma prioridade. Talvez a Igreja do futuro tenha menos pessoas. Porém, segundo a espiritualidade bíblica, quando somos desafiados e sentimo-nos fracos, tornamo-nos fortes. Mas é importante que sejamos fermento na massa, que evangeliza, não a partir de uma posição de poder clerical, mas sim através do testemunho e do dinamismo de seus membros, especialmente os jovens.

Diante das opções futuras em que as juventudes vêm se posicionando e conduzindo seu processo de afirmação, é importante que a Igreja esteja presente para ajudar no processo de discernimento. Além disso, o futuro de todas as instituições depende de sua capacidade de atrair e envolver a próxima geração. Um dos princípios tradicionais nos documentos da igreja é que os jovens são os melhores apóstolos de outros jovens.

⁹³ AQUINO, M. P. *A Teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina*, p. 9.

O método Ver, Julgar, Agir é um exemplo de método indutivo bem conhecido na Igreja e definido no documento “*Mater et Magistra*” do Papa João XXIII como o melhor método para criar consciência social. Esse método foi consagrado pela Igreja da América Latina e continua sendo usado para a estrutura da maioria dos seus documentos. Na metodologia de educação não formal, a evangelização não é mais somente uma questão de aprender os ensinamentos da Igreja, mas de tornar a Religião e a Doutrina relevantes para a vida das pessoas, começando pelos desafios enfrentados na vida diária.

Para isso, a Teologia precisa cuidar para não ser demasiadamente adulta, correndo o risco de não levar em conta em seus processos e metodologias o verdadeiro processo de humanização, compreensão e conhecimento da realidade juvenil. Mesmo afirmando a maturidade teológica ser uma graça, ela não é estática, imutável. Muitas vezes no processo de acompanhamento, percebemos que ela não tem “cara de jovem”, é autoritária, pouco envolvente e participativa. Os trabalhos de evangelização da juventude precisam carregar maturidade sem perder a dinamicidade do provisório, isto é, da novidade e da juventude.

Esse entendimento no processo de formação da juventude torna-se uma ferramenta importante nessa tarefa e considero-a fundamental para a formação de lideranças. A aquisição do conhecimento, dos saberes da experiência e da prática das metodologias método histórico-crítico, o histórico-evangelizador, a hermenêutica feminista e a pesquisa participante, possibilitam a formação integral, crítica e libertadora do ser humano, traduzindo-se numa Teologia para a realidade juvenil, desvelando o teológico nessa realidade.

Portanto, a proposta metodológica da Pastoral da Juventude baseia-se no entendimento do jovem enquanto sujeito da ação evangelizadora, a serviço da animação e organização das comunidades eclesiais atuantes nos diferentes espaços da sociedade. A metodologia indutiva parte da realidade da vida, da prática concreta, para depois confrontar suas conclusões com a teoria, a doutrina. Esta metodologia colabora para a teoria adaptar-se à realidade concreta, e provoca nova reflexão e ação para que a vida seja encarnada com o senso crítico e o engajamento. Esse modelo de metodologia utilizado pela Pastoral da Juventude é também a metodologia utilizada pela CNBB, para o planejamento pastoral.

No seguinte capítulo, será analisado o processo que a Pastoral da Juventude sistematizou no decorrer de sua história, as dimensões da formação integral e o processo de educação na fé as quais estão presentes nas ações pastorais e pedagógicas que a norteiam como Civilização do Amor. O grupo de base é de suma importância na vida do próprio jovem e da igreja, seja para sua caminhada, memória e o trabalho que ele desenvolve com os diferentes tipos de jovens, contribuindo, assim, na promoção e capacitação de lideranças protagonistas de sua história.

2 PASTORAL DA JUVENTUDE E O GRUPO DE BASE

A Pastoral da Juventude (PJ) é uma Pastoral Orgânica da Igreja Católica, ou seja, é um setor da Igreja reconhecido por ela como parte do seu todo, é parte da Pastoral de Conjunto, tendo um bispo acompanhando-a na Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude⁹⁴. Ela surge como um organismo católico com uma organização nacional, tendo metodologia e linha própria, aberta ao novo e com acolhimento aos anseios da juventude, evangelizando de forma inculturada na realidade em que vivemos. Sua organização é formada por muitas lideranças entre jovens e adultos que compõem e articulam os grupos de base.

Segundo o subsídio da PJ, *Somos Igreja Jovem*⁹⁵, não é um erro dizer que a história da Pastoral da Juventude começa pelos anos 70 ou, ainda, com a Ação Católica Especializada (ACE) nas suas representações juvenis (JAC – Juventude Agrária Católica, JEC – Juventude Estudantil Católica, JIC- Juventude Independente Católica, JOC – Juventude Operária Católica, JUC- Juventude Universitária Católica), nos anos 60.⁹⁶ As conferências episcopais tiveram uma grande influência sobre o trabalho de organização e evangelização na América Latina.

As Conferências de Medellín e Puebla trouxeram novos ares para a ação pastoral na opção pelos jovens e os pobres⁹⁷. Durante algum tempo a PJB (Pastoral da Juventude do Brasil)

⁹⁴ A Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude, anteriormente chamada de Setor Juventude, é um organismo que há em cada diocese católica brasileira, responsável por articular as expressões eclesiais e o processo de evangelização das juventudes católicas. Na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em maio de 2011, durante a 49ª Assembleia Anual da CNBB, em Aparecida, os bispos do Brasil aprovaram a criação da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude. Atualmente, a Comissão é composta por três bispos referenciais para o Brasil e dois assessores. É o espaço que articula, convoca e propõe orientações para a evangelização da juventude, por meio da organização da Pastoral Juvenil, respeitando o protagonismo juvenil, a diversidade dos carismas, a organização e a espiritualidade para a unidade das forças ao redor de algumas metas e prioridades comuns na unidade das forças ao redor de algumas metas e prioridades comuns, à luz do Documento 85 “Evangelização da Juventude”, das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e do Documento de Aparecida.

⁹⁵ O subsídio *Somos Igreja Jovem* é uma publicação fruto de muitas mãos, assessores e jovens. Trata-se de uma contribuição para o processo de evangelização da Pastoral da Juventude no Brasil, colaborando para o fortalecimento da identidade desta Pastoral a nível nacional junto aos jovens que, organizados pela imensidade nos grupos de base, nas coordenações paroquiais, diocesanas, regionais e nacionais, acompanhados pelos assessores, na tarefa do caminho que se constrói conjuntamente. Esse material pauta a importância da articulação da caminhada pastoral como ação pedagógica, que se constitui com e para os jovens que procuram ser a Igreja da Boa-Nova e das utopias.

⁹⁶ Cf. SILVA, J.; VIEIRA, L.; SILVA, R. (Org.). *Somos Igreja Jovem*, p. 28.

⁹⁷ Se em Medellín (1968) a Igreja já expressava sua predileção pela juventude, em Puebla (1979) ela declara sua preferência. A Igreja chama os jovens a cada vez mais engajarem-se nas questões sociais, culturais, políticas e religiosas, contribuindo para transformar a realidade latino-americana tão sofrida. Em Santo Domingo (1992), onde ocorreu a IV Conferência do CELAM, a Igreja, preocupada com as transformações pós-modernas que estavam ocorrendo, reafirma sua opção preferencial pelos jovens. No entanto, mais que reforçar sua opção preferencial, a Igreja declara que esta opção deve ser *afetiva e efetiva*. E no contínuo caminho de apoio efetivo e afetivo aos jovens a Igreja do Brasil em suas últimas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2011-2015) embebida do espírito da V Conferência do CELAM realizada em Aparecida (2007), convoca todos para perceberem a grande missão da Igreja em relação à juventude. Assim, é necessário sempre o maior apoio aos grupos de pastoral da juventude orgânica. Esses grupos devem sempre ser apoiados pela Igreja, através de

e suas ramificações representavam toda a juventude católica, com poucas exceções – jovens engajados em congregações religiosas, como a Juventude Franciscana, os Marianos e outras ordens, além dos participantes de movimentos, - como os Vicentinos, Cursilho da Cristandade e outros grupos⁹⁸.

A movimentação da juventude no início da década de 70 foi pouca, em virtude da repressão da ditadura militar, prevalecendo apenas alguns “Movimentos de Encontros” com tendência mais espiritualista e voltados aos problemas psicoafetivos dos jovens. Nesse contexto, em 1973, acontece o 1º Encontro Nacional de Pastoral da Juventude e o 2º Encontro Nacional em 1976, ambos no Rio de Janeiro. Foram convocados por dirigentes de Movimentos de Encontros (Treinamento de Liderança Cristã, Encontros de Juventude, Curso de Líderes Jovens, etc.) e não tiveram grande repercussão e participação nacional dos grupos, pois vários regionais ainda não tinham trabalhos pastorais organizados.

No final da década de 70 e no início dos anos 80 a Igreja estava em um período muito próspero de articulações. O 3º Encontro Nacional dos grupos de base, que aconteceu em Brasília, em 1978, definiu os princípios que nortearam a PJB: realização de uma pastoral da juventude orgânica, que parta da realidade dos jovens, que atinja a grande massa das juventudes a partir de grupos de base e tenha como linha de trabalho o método ver-julgar-agir. Dessa forma vai-se formando uma Pastoral da Juventude com um engajamento mais real, voltada aos problemas sociais e dando respostas às necessidades do seu tempo.⁹⁹

Segundo Flávio Sofiati, a partir dos Encontros Nacionais articulados pela PJB, consolidou-se uma importante organização juvenil católica e a produção dos próprios documentos sobre formação na PJ. Essa experiência no Brasil impulsiona a articulação latino-americana de pastoral juvenil e dá suporte para que a Igreja desempenhe um papel importante na educação dos jovens.¹⁰⁰ “O principal avanço do período de 1973-1983 foi a construção de certo protagonismo juvenil no trabalho pastoral dos católicos”.¹⁰¹ Na opinião de Dick, nesse período a PJ deixou de ser Pastoral 'de' Juventude para se tornar Pastoral 'da' Juventude”. O auge desse processo foi o 4º Encontro Nacional, que teve uma presença de 53,3% de participantes jovens.¹⁰²

investimento pessoal e material. Nessa opção afetiva a Igreja deseja que os grupos de jovens tenham sempre um caráter vocacional, preparando os jovens para o futuro.

⁹⁸ Cf. SILVA, J; VIEIRA, L.; SILVA, R. *Somos Igreja Jovem*, p. 28.

⁹⁹ Cf. SOFIATI, *Juventude Católica*, p.69.

¹⁰⁰ Cf. SOFIATI, Flávio M. *Juventude Católica*, p.71.

¹⁰¹ SOFIATI, F. *Juventude Católica*, p.71.

¹⁰² Cf. DICK, Hilário. *O caminho se faz: história da Pastoral da Juventude do Brasil*, p.20.

Através das Assembleias Nacionais, a Pastoral da Juventude realizava seu planejamento e deliberação (definição de planos de ação, organização interna, etc.). Em 1995, a partir da 11ª Assembleia Nacional da PJ (ANPJ), surgiu a organização paritária das quatro Pastorais da Juventude do Brasil (PJB): Pastoral da Juventude (PJ), Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e Pastoral da Juventude Rural (PJR). Desde então, a PJ precisou definir sua organização em relação às demais. Por certo tempo, ela ficou um pouco desorientada, pressionada a criar uma estrutura e articulação particular. Esse período favoreceu a intensa produção de cartas, textos, materiais de estudo sobre sua identidade, missão e especificidade. Mesmo com muitas dificuldades, o acompanhamento e o apoio da assessoria e do Setor Juventude (CNBB) tiveram papel fundamental na consolidação das pastorais da juventude. Entretanto, as assembleias, os encontros nacionais e os seminários para assessores tornaram-se momentos importantes para refletir o acompanhamento dos jovens para a vida em grupo e para debater temas essenciais para a PJ: processo de educação na fé, a metodologia de trabalho com jovens, o mundo do trabalho, a cultura, o planejamento da ação pastoral e a missão.

A PJ, como Pastoral da Igreja, relacionar-se-á tanto no meio religioso das CEBs e paróquias, como nos meios sociais laicos, no campo, nas escolas e universidades. Ela pode ser considerada uma referência dos grupos de jovens das CEBs, ligados ao ideal do catolicismo progressista. Em outras palavras, dentro do Setor Juventude da CNBB, a PJ tornou-se a representante do tipo de juventude, atuante na militância política. Desde então ela lida tanto com as necessidades sociopolíticas de seus membros, quanto com a dimensão espiritual, embora nem sempre bem articulado.¹⁰³

Em um resumo do que seria a PJ, Siliprandi (2008) afirma:

[...] a Pastoral da Juventude (PJ), conceituada como pertencente à ala progressista da Igreja Católica, uma vez que incorpora elementos da Ação Católica, da Teologia da Libertação e da 'pedagogia do oprimido de Paulo Freire'. Na contemporaneidade, estas disputas continuam perceptíveis. De um lado, estão os grupos vinculados à ala progressista, com influências da Teologia da Libertação, dentre eles a própria PJ. E de outro, os movimentos conservadores voltam a ter visibilidade. Ambos se encontram situados no interior da Igreja Católica e são fortes exemplos de sua diversidade e conflitos internos.¹⁰⁴

¹⁰³ Cf. LIRA, Ronaldo A. *Um momento novo: Pastoral da Juventude e formação político-partidária na Diocese de Nova Iguaçu*, p. 125.

¹⁰⁴ SILIPRANDI, Aline de Moraes. *Somos o presente da Igreja: a religião na subjetividade de jovens da pastoral da juventude*, p. 12.

Em sua dissertação de mestrado, Joilson Toledo aponta para a PJ a partir do ponto de vista de sua matriz histórica como parte do “agrupamento católico relacionado com a Teologia da Libertação, neta da Ação Católica e filha das CEBs.¹⁰⁵ Do ponto de vista do método, existe uma profunda relação com a Ação Católica, pois foi a Ação Católica Especializada (JAC, JEC, JIC, JOC e JUC) que impulsionou o protagonismo juvenil na Igreja Católica.

A ação da TdL sobre a PJ dá-se, principalmente pela proximidade que esta tem com as CEBs¹⁰⁶. Mas a afinidade entre a TdL e a PJ não foi a única influência para sua existência, pois entre 1967 e 1980, movimentos jovens conhecidos como Movimentos de Encontro preencheram a agenda dos jovens católicos na ausência de uma articulação de formação juvenil.¹⁰⁷ Esses movimentos eram baseados em um forte apelo à espiritualidade e à afetividade, mas sem uma ênfase especial para com a formação continuada da juventude como lideranças em tempo integral.

Negar a influência desses movimentos na PJ seria afirmar que os jovens militantes da PJ estiveram alheios à participação na vida de suas igrejas durante toda a década de 1970 e o início da de 1980.

Com o passar do tempo, em cerca de 30 anos de existência, a PJ teve que enfrentar diversos desafios tanto no campo institucional católico como nas questões que as juventudes trouxeram da sociedade laica para dentro da Igreja. As esferas de interesse dos jovens ao longo desses mais de quarenta anos fizeram com que a PJ se modificasse bastante, elegendo novas prioridades e redefinindo suas metas junto à juventude.

A proposta da PJ influenciou os jovens das CEBs de maneira profunda quando de sua formação na primeira metade dos anos de 1980 até o fim dos anos de 1990. A tarefa de formação teórica do protagonismo e a Formação Integral continuam sendo propostas na promoção de novas lideranças e fortalecimento dos grupos. Essa influência é muito visível até hoje na mística e na hermenêutica bíblica (fé e vida) em que a PJ se fundamenta: Leitura Popular da Bíblia e Ofício Divino da Juventude. Também é importante lembrar o papel importante que a Leitura

¹⁰⁵ Cf. TOLEDO, Joilson de Souza. *Hermenêutica Bíblica da Pastoral da Juventude: Cenários e Aproximações a partir de Êxodo 3,1-6*, 2016.

¹⁰⁶ As CEBs, a Comunidade Eclesial de Base são grupos pequenos de pobres e leigos que se encontram para meditações e preces. Meditam a Palavra a partir da experiência da vida. Foram originalmente pensadas como um meio de fortalecer a presença da Igreja tradicional. Foram pensadas com a intenção de estimular a fé dentro de uma sociedade secular, não para modificar a sociedade. Entretanto, poucos anos antes de a reunião da CELAM em Medellín, as CEBs tornar-se-iam mais políticas. Essas estão localizadas principalmente nas favelas, áreas de difícil acesso e regiões rurais onde os padres não podem alcançar com tanta frequência. Mas, com o tempo essas comunidades passam a se ver como atores de conscientização política.

¹⁰⁷ Cf. DICK, Hilário. *O caminho se faz: história da Pastoral da Juventude do Brasil*, p.14.

Orante da Bíblia tem nas Escolas Bíblicas para Jovens. Aliás, em alguns lugares do Brasil, a Leitura Orante da Bíblia foi introduzida na PJ pelas Escolas Bíblicas.¹⁰⁸

A articulação da PJ tem como propósito uma proposta pedagógica fundamentada em dois princípios: a “Formação Integral” e o “Processo de Educação na Fé”, ambos são opções formativas de jovens espiritualizados, comprometidos, críticos da realidade social e prontos para exercer trabalhos na Igreja ou na sociedade de forma militante, sintetizada no seu primeiro documento oficial.¹⁰⁹ A PJ sistematizou em sua caminhada a formação integral para responder a cinco dimensões fundamentais da vida do jovem para que ele cresça em sua totalidade: Personalização (afetividade, autoconhecimento, autorrealização, autocrítica); Integração (relações, superação dos bloqueios da comunicação, confrontar ideias); Evangelização (espiritualidade, conhecimento teológico, bíblico, mística, vida sacramental); Conscientização (capacidade de analisar e participar, consciência crítica, visão histórica, aprofundamento nas ciências sociais, econômicas e políticas, exercício da cidadania, defesa da vida e da ecologia); Capacitação (saber planejar, executar, revisar, criar, seja na participação do grupo, na coordenação ou na organização da vida e trabalho).¹¹⁰

O grupo de jovens é o lugar privilegiado para trabalharmos essas dimensões que são mediadas pela arte, pelo lúdico e pela beleza, tendo os temas da ecologia, da comunicação e da atuação em rede como temas transversais nesse processo.¹¹¹ Por isso, em cada encontro, o momento de oração, de estudo, reflexão é um espaço para que os jovens aprofundem e assumam essas dimensões como parte integrante de suas vidas e do desenvolvimento de seus dons e capacidades.

Ao aprofundarmos o todo das dimensões, o jovem deveria ser capaz de articular-se entre o mundo da afetividade, religião e sociedade, como evangelizador jovem de outros jovens. Ainda que essa seja a proposta da maioria das religiões – ocupar integralmente a vida do fiel e oferecer respostas para todas as esferas sociais –, a proposta de formação da PJ é orientada de maneira formal, através de subsídios e materiais didáticos elaborados pela assessoria, acompanhantes e jovens. A ideia de protagonismo juvenil nas questões sociais e religiosas,

¹⁰⁸ Cf. TOLEDO, Joilson, *Hermenêutica Bíblica da Pastoral da Juventude: Cenários e Aproximações a partir de Êxodo 3,1-6*, 2016, p. 121.

¹⁰⁹ O primeiro documento oficial da PJ foi o número 44 da coleção Estudos da CNBB (1986). Ele resume e valida as bases de ação da PJ no Brasil. Ainda que tenha sido lançado em 1986, sua elaboração é anterior a essa data, que seria o ano de 1983.

¹¹⁰ Cf. LIRA, Ronaldo A. *Um momento novo*, p.125.

¹¹¹ Cf. SILVA, J. VIEIRA, L; SILVA, R. *Somos Igreja Jovem*, p.58.

direcionou a dinâmica de trabalho da PJ, diferenciando-a dos chamados “Movimentos de Encontro”.¹¹²

Além dos projetos formativos, a PJ possui uma organização própria, seguindo a estrutura pastoral da Igreja. Nessa grande rede chamada PJ, os fios que a tecem são comparados a uma instância organizada com tarefas, composição e características próprias. Os fios que compõem essa rede são unidos e integrados e desempenham seu trabalho cumprindo seu objetivo. Da mesma forma podemos comparar com a organização da PJ: “existem os grupos de base na comunidade, coordenações paroquiais, áreas pastorais, coordenações (arqui)diocesanas sub-regionais, coordenações regionais e coordenações nacionais”.¹¹³

Os grupos de base são uma opção político pedagógica e teológica da Pastoral da Juventude e na vivência grupal acontece a ação evangelizadora. Eles priorizam o protagonismo juvenil, a vida comunitária e a evangelização. “A reunião do grupo é um momento importante e fundamental na vida dos jovens. É no processo de reunião que o grupo nasce, cresce e amadurece. A reunião é o “miolo” da fruta, na formação integral do grupo jovem que entra no processo.”¹¹⁴

Segundo o Plano Trienal da PJ (2005-2007), os grupos de base são grupos que se reúnem frequentemente para a reflexão. Comprometem-se na oração e ação. São grupos de vida, nos quais todos têm sua própria maneira de ser. Não existe um modelo pronto, para ser copiado. O desenvolvimento das reuniões e encontros, possuem características diversas em cada lugar e grupo. Enfim, o grupo é lugar de amizade, de crescimento na fé, de socialização juvenil, de conhecimento integral de si, do outro, da comunidade, da sociedade, do projeto de vida e da vocação.¹¹⁵

No subsídio de estudo da PJ nacional afirma-se que

O grupo é a BASE da PJ. É no grupo e pelo grupo, que a Pastoral da Juventude acontece, ou não. Quando o grupo busca viver o Processo de Educação da Fé, com base na metodologia proposta pela PJ, atuar na sua comunidade, sendo evangelizador no próprio grupo e fora dele entre outros jovens, já está sendo e/ou fazendo a PASTORAL DA JUVENTUDE.¹¹⁶

¹¹² Cf. LIRA, Ronaldo A. *Um momento novo*, p. 126.

¹¹³ SILVA, J; VIEIRA, L. SILVA, R. A.A, *Somos Igreja Jovem*, p.128.

¹¹⁴ TEIXEIRA, Carmen Lúcia (Org.) *Como iniciar um grupo de jovens?*, p.10.

¹¹⁵ Cf. PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL. *Plano Trienal 2005 a 2007: vamos fincar o nosso pé e fazer a nossa história – Ampliada Nacional da Pastoral da Juventude – Salgado/SE*. São Paulo: Loyola, 2005.

¹¹⁶ SILVA, J. V. L.; S.R. *Somos Igreja Jovem*, p. 128.

No subsídio *Bora falar de Pastoral da Juventude?* a Pastoral da Juventude define-se como uma organização de jovens presentes nas comunidades eclesiais através de grupos formados por eles com o intuito de contribuir na evangelização das juventudes, entendendo que isso é muito mais que uma missão, um encontro, ler a Bíblia ou falar de Jesus para os outros. Evangelizar para a PJ é algo sério, é a base fundamental para a construção de algo novo, que está prestes a chegar, é transformar a realidade que nos desafia e nos exclui de todas as possibilidades de vida digna. Por isso, precisa ter, além de rosto jovem, uma organização metodológica que faça perceber os passos e os avanços dados em um processo de educação na fé.¹¹⁷

A partir dos apelos do Evangelho, a PJ opta preferencialmente pelos jovens empobrecidos, por serem maioria e vítimas de uma estrutura social injusta. Nas classes populares estão o lugar social de onde se analisa toda a humanidade e se percebe o desafio da construção de um mundo sonhado por Deus. Portanto, optar pelos jovens empobrecidos é também olhar a sociedade a partir do lugar social do pobre.¹¹⁸

No atual cenário, uma teologia que fomente a esperança e a opção preferencial pelos jovens não apenas se justifica, mas torna-se um tanto que urgente. É em um contexto de acolhida, de compreensão e misericórdia que os jovens devem ser reconhecidos em suas realidades, sem julgamentos ou condenações, mas acolhidos, ouvidos e amados com ternura, acolhidos na gratuidade, para serem formados em Cristo e impulsionados à missão da construção de um mundo mais justo para todos. Acolher e relacionar saberes, analisar e refletir teologicamente a partir dos saberes que emergem nos grupos de base da PJ significará uma contribuição ao caminho dos jovens na Igreja e na sociedade em que vivem. Como afirma Dom Bosco: “A juventude é a porção mais delicada e preciosa da sociedade humana.”¹¹⁹

2.1 O DIVINO NO JOVEM: AS JUVENTUDES, UM LUGAR TEOLÓGICO

Um dos pontos mais refletidos, debatidos e polêmicos da Teologia da Libertação (TdL) segundo Francisco de Aquino Júnior, refere-se à compreensão e determinação do “lugar teológico”. Autores como o dominicano espanhol Melchor Cano, os Jesuítas Jon Sobrino e Ignacio Ellacuria possuem duas compreensões distintas sobre o conceito “lugar teológico”. Para Melchor Cano, seria na argumentação teológica referir-se às “fontes”, ou seja, os dez

¹¹⁷ PASTORAL DA JUVENTUDE. *Bora falar de Pastoral da Juventude?*, p.52.

¹¹⁸ Cf. SOFIATI, F.M. *Juventude Católica*. p.92.

¹¹⁹ ALMEIDA, Isabella. *Cinco conselhos de Dom Bosco para a educação dos jovens*, 2015.

lugares ou moradas de onde se pode extrair os mais diversos fundamentos teológicos: *autoridade da Sagrada Escritura, *autoridade das Tradições de Cristo e dos Apóstolos, *autoridade da Igreja Católica, *autoridade dos Concílios, *autoridade da Igreja Romana, *autoridade dos Santos Padres, *autoridade dos Teólogos Escolásticos e dos Canonistas, *Razão Natural, *autoridade dos Filósofos e *autoridade da História. Já para Jon Sobrino e Ignacio Ellacuría a compreensão do “lugar teológico” considera o caráter histórico-social, o lugar social, isto é, o local privilegiado da Revelação divina: o mundo dos pobres, dos jovens, dos excluídos, e conseqüentemente da fé e da sua teoria teológica.¹²⁰

O lugar social em que nos situamos exerce um papel decisivo na configuração de nossa vida prática e teórica. O ponto de vista teológico difere ao analisar a situação de ricos e pobres, a divisão de classes, pois precisamos partir do contexto. Nesse sentido, é importante distinguir, ao menos metodologicamente, entre “lugar” e “fonte” da Teologia. Por “fonte” da Teologia, entende o “depósito da fé”, isto é, “aquilo que, de uma ou de outra forma, mantém os conteúdos da fé. Por “lugar” da Teologia, entende -se o a partir de onde (social) tem-se acesso às “fontes” da fé e da Teologia e o a partir de onde essas mesmas “fontes” dão mais ou menos de si.”¹²¹

Para a cristologia latino-americana, o lugar teológico é, antes de tudo, algo real, uma determinada realidade histórica na qual se crê que Deus e Cristo continuam fazendo-se presentes; por isso é lugar teológico antes que lugar teológico e lugar a partir do qual se podem reler mais adequadamente os textos do passado.¹²²

Conforme Aquino, se é verdade que não se pode fazer Teologia sem as “fontes”, também comprovamos que o acesso às fontes da Teologia não se reduz aos textos do passado, mas também se dá em um “lugar social” determinado pelo próprio contexto. Por isso, pensar uma Teologia encarnada é pensar a fé em Cristo no contexto dos povos crucificados. Portanto, “lugar teológico” revela o a partir de onde, o horizonte, o ponto de vista ou a perspectiva social em que o teólogo se situa, lê e interpreta as próprias “fontes” da Teologia.¹²³

Sabemos que o Concílio Vaticano II trouxe para a Igreja novos ares, como um “*sopro de inesperada primavera*” e caracterizou-se pela abertura e pelo desejo de diálogo e reconciliação com o mundo e com suas complexas realidades. A Igreja é desafiada a ampliar sua visão sobre os “lugares teológicos” e a ter um papel mais positivo e participativo da fé católica na sociedade, além de debater definições teológicas e dogmáticas e dirigir a atenção

¹²⁰ Cf. AQUINO JÚNIOR, Francisco. Sobre o conceito "lugar teológico", p.452.

¹²¹ Cf. AQUINO J., F. Sobre o conceito “lugar teológico”, p.451-452.

¹²² SOBRINO, Jon. *Jesu Cristo Libertador*, p.58.

¹²³ Cf. AQUINO JÚNIOR, Francisco. Sobre o conceito "lugar teológico". *Revista Eclesiástica Brasileira*, p.453.

aos problemas econômicos e sociais, vendo-os não como ameaça, senão como autênticos desafios pastorais que exigiam e exigem uma resposta por parte da Igreja.¹²⁴

Em sua dissertação, Gislene Danielski afirma que “João XXIII convida a Igreja a inserir-se na realidade e convoca toda a comunidade eclesial a portar-se de maneira diferente também diante dos jovens, a lançar sobre eles o olhar do acolhimento e não do mero interesse como fazem muitas instâncias sociais”.¹²⁵ A Igreja vê nos jovens um símbolo de si mesma, não por estratégia, mas por vocação. Observa-os como esperança não por simples interesse de perpetuação, mas por ser o jovem lugar teológico¹²⁶ de encontro com Cristo e também espaço de ação do Espírito Santo que continua fazendo novas todas as coisas (cf. Ap 21,6).

Assim, a Igreja caminha com os jovens, pois esses são a Igreja de Jesus Cristo, são também povo de Deus peregrino, objeto e sujeito de evangelização, para isso, é necessário que a própria Igreja saiba transmitir às novas gerações as razões de viver e esperar (cf. *GS*, n. 31). Vejamos, em linhas gerais, como se dá esse encontro a partir do Concílio Vaticano II.¹²⁷

A expressão mais bem traduzida e a mais sintética para compreender a importância dos jovens para a Igreja foi a do papa Bento XVI: significa entender que “sem o jovem o rosto da igreja está desfigurado”.¹²⁸ De outro modo, significa olhar para a juventude e ver nela Deus que se manifesta de maneiras diversas e em diferentes momentos e situações. Em todas as situações da juventude Deus comunica-se com a humanidade. Aliás, esse olhar para o jovem devemos ao Pe. Hilário Dick para que reconheçamos na juventude a manifestação de Deus, assumindo-a como causa de vida.

... jovem significa mais do que viver um estado biológico. É também, um estado teológico que carrega em si a necessidade de uma compreensão teológica e de um linguajar teológico. O jovem é como o profeta Isaías, dizendo coisas novas... Como diz o profeta: 'As primeiras coisas já aconteceram; coisas novas é que eu agora anuncio; antes que elas comecem, eu as comunico a vocês. (Is 42,9). A juventude é um sacramento que anuncia novidade.¹²⁹

Quando tivermos uma igreja capaz de olhar para juventude e ver nela o rosto de Deus, teremos uma igreja jovem, uma juventude que é igreja e quer transformá-la, apresentá-la como

¹²⁴ Cf. BINGEMER, M. C. L., *El concilio y la emergencia del laicado*, p. 408.

¹²⁵ Cf. DANIELSKI, Gislene. *Esperança cristã e juventudes: um encontro de esperanças para a vida da Igreja*, p.24.

¹²⁶ Cf. CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, *Civilización del amor*, n. 357.

¹²⁷ DANIELSKI, G. *Esperança cristã e juventudes*, p.24.

¹²⁸ BENTO XVI, em discurso no encontro com os jovens no Estádio Municipal do Pacaembu, São Paulo, quinta-feira, 10 maio de 2007.

¹²⁹ DICK, Hilário. *O Divino no Jovem*, p.27.

novidade ao mundo. Ninguém melhor que a juventude para comunicar ao mundo a novidade da igreja que mantém viva a mística de tantos empobrecidos no Continente latino-americano. Fico sonhando com o dia em que a juventude descobrirá o tesouro sagrado que é a Bíblia e a revelará para a humanidade, trazendo descobertas preciosas, usando de sua linguagem criativa e crítica para, com beleza, arte, poesia, expressão corporal, estejamos mais próximos da experiência do povo de Deus que sofreu, mas chegou à terra prometida, do povo cristão que, martirizado, mantém-se vivo na memória e nos costumes cristãos.

Segundo a dissertação “Juventude e Puebla: aspectos teológicos pastorais na evangelização da juventude”, de Pâmela Karina dos Santos, conhecer a cultura juvenil é para a comunidade cristã reconhecer que, no segmento da sociedade chamado Juventude, encontram-se as “sementes do Verbo”.¹³⁰

O que faz necessário reconhecer, aprofundar e estimular o divino que há na juventude. Desconsiderar esse divino e sagrado que há no universo juvenil é deixar de lado o que é específico da evangelização da juventude. O Deus da juventude tem um rosto de jovem e tudo o que isso significa. Nesse sentido, será necessário reconhecer a juventude como uma realidade teológica, fazendo-se o exercício de ler e desvendar toda a realidade que consigo ela traz.¹³¹

É necessário reafirmar a opção pelos pobres, os(as) jovens pobres, negros, indígenas, aqueles e aquelas que mais pedem urgência, pois só assim alcançar-se-á um diálogo profícuo com o mundo juvenil e então haverá possibilidades de deixar-se arejar pela semente oculta do Verbo que existe nas juventudes, em sua pluralidade.

É importante destacarmos que a relação entre jovens e adultos na Igreja – seja entre os adultos do clero ou entre os adultos leigos – é uma relação marcada por tensões, dores e incompreensões. Muitas vezes, os/as jovens são afastados/as dos espaços de decisão na comunidade eclesial, são invisibilizados como segmento específico da evangelização e, sobretudo, são vistos apenas como realizadores de tarefas e não como sujeitos da própria história ou, numa tradução teológica, não se reconhece o jovem como lugar teológico, ou seja, como lugar de manifestação de Deus, como afirma o documento *Evangelização da Juventude* da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

No mesmo documento, no segundo capítulo, *Um olhar da fé a partir da Palavra de Deus e do Magistério*, são apresentados pressupostos teológicos para a evangelização da juventude na comunidade cristã e o seguimento a Jesus Cristo. A Igreja deve apresentar ao

¹³⁰ Cf. SANTOS, Pamela K. *Juventude e Puebla*, 2019, p. 89

¹³¹ SANTOS, Pâmela K. *Juventude e Puebla*, p.90.

jovem o Cristo que caminha junto com ele, que o escuta e lhe traz a esperança de fazer na realidade recebida, a vida dele.

Quando a Igreja afirma que a juventude é uma prioridade, ela anuncia que deseja abrir-se para o novo e que ama os jovens não só porque eles representam a revitalização de qualquer sociedade, mas porque admira a realidade teológica revelada neles em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade, afirma Dick.¹³²

Em outras palavras, podemos dizer que, assim como em outros espaços, nessa relação entre jovens e adultos na Igreja temos em disputa uma luta por reconhecimento, identidade e participação dos/as jovens doados/as ao serviço pastoral. Segundo o documento 85 da CNBB, n.81:

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. A novidade que a cultura juvenil nos apresenta neste momento, portanto, é sua teologia, isto é, o discurso que Deus nos faz através da juventude. De fato, Deus nos fala pelo jovem. O jovem, nesta perspectiva, é uma realidade teológica, que devemos aprender a ler e a desvelar. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. (...) Dizer que, para a Igreja, a juventude é uma prioridade em sua missão evangelizadora, é afirmar que se quer uma Igreja aberta ao novo, é afirmar que amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade mas também porque amamos, nele, uma realidade teológica em sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade.¹³³

A Igreja entende serem os jovens um lugar teológico, especialmente os mais pobres, as principais vítimas das degradantes condições que desfiguram o ser humano em sua semelhança a Deus. Junto aos jovens, Paulo VI via a esperança da Igreja, isto é, a partir deles as possibilidades e os desafios de fazer acontecer os propósitos provenientes dos trabalhos conciliares. Conforme o documento *Apostolicam Actuositatem*, a importância do jovem na vida social exige dele uma atividade apostólica e um amadurecimento da consciência da sua própria personalidade, assumindo espaços e atividades sociais e culturais. Tal zelo, se vier imbuído do espírito de Cristo, e estiver animado por um espírito de obediência às lideranças da Igreja produzirá muitos frutos. Os pastores também devem tornar-se apóstolos dos jovens, realizando o apostolado no meio deles e através deles, levando em conta suas realidades (cf. AA 12). Os adultos devem estabelecer com os jovens um diálogo amigo, superando a distância, favorecendo o conhecimento mútuo e a rica troca de experiências.¹³⁴

¹³² Cf. DICK, Hilário. *O Divino no Jovem*, p. 15.

¹³³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Evangelização da juventude, desafios e perspectivas pastorais*, n. 81.

¹³⁴ Cf. LUCAS, Luísa. A Opção pelos jovens a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II. HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; FERNANDES, Rafael Martins (Orgs). *Refletindo sobre a Igreja, Hoje*, p. 81.

De acordo com Hilário Dick a amizade, a festa, o viver em grupo são elementos teológicos da juventude, por isso, conseguir ver em sua ânsia por amizades a possibilidade de uma amizade mais profunda pela qual suspiram, é ver em cada um o espaço para uma verdadeira amizade com o Senhor, é compreender que Deus para a juventude é esse Deus que se revela buscando a amizade do ser humano e que diz: Já não os chamo de servos, mas amigos (cf. Jo 15,15).¹³⁵

Com o Papa Francisco, a Igreja foi desafiada novamente no Sínodo dos Jovens em 2018 a resgatar sua opção pelas juventudes, a sair de seus templos, a estar em saída, a despojar-se do poder e revestir-se do serviço, a abraçar o Corpo sofredor de Cristo nos irmãos e irmãs que se encontram nas mais diferentes realidades de miséria. O fenômeno mundial das migrações foi longamente considerado na reflexão durante o Sínodo. Também outras situações relativas à violência, ao mundo do trabalho, às exclusões e marginalizações, às angústias que marcam tantos jovens devem ter um olhar mais atento da Igreja (cf.ChV 74). Em Francisco reencontramos o apelo de estarmos nas periferias do mundo, nas periferias da existência, eis que ele nos diz: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de agarrar-se às próprias seguranças (EG 49).” É neste contexto de Igreja que nossas juventudes encontram seu espaço e sua valorização.

Diante de tantos desafios e situações que assinalam a vida das novas gerações, há também sinais de esperança e possibilidades de transformação da realidade. A maioria dos jovens de nosso País declaram-se cristãos, pertencentes a Cristo, ligados a uma Igreja. Conseqüentemente, estamos diante de um Sacerdócio Santo que faz a Igreja viva em meio ao mundo, que muitas vezes, é uma Igreja ferida, que retrata o rosto do Cristo crucificado, que precisa ser socorrida, mas que não deixa de ser a Igreja do Senhor. Estamos diante de jovens que trazem em si a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus. Ser povo messiânico é para todo gênero humano germe de unidade, esperança e salvação (LG, 9).

A juventude é povo de Deus, é esperança da Igreja, é a Igreja Jovem chamada à santidade, chamada também a trabalhar pela santificação do mundo, pela realização do Reino. Junto com toda a Igreja os jovens também participam do *múnus* profético de Cristo (LG, 12). Não há como ignorar a voz que vem desses que caminham junto conosco dentro ou fora dos espaços eclesiais, pois desde o seu silêncio até a sua luta por liberdade e protagonismo podem

¹³⁵ Cf. DICK, H. *O divino no jovem*, p.41.

soar para a Igreja como profecia, anúncio e denúncia, a indicar caminhos inspirados pelo Espírito.

Portanto, Deus é aquele que sempre renova, porque Ele é sempre novo: Deus é jovem! Deus é o Eterno que não tem tempo, mas é capaz de renovar, rejuvenescer-se continuamente e rejuvenescer tudo. As características mais peculiares dos jovens também são Suas. Ele é jovem porque “faz novas todas as coisas” e ama a novidade; porque se encanta e ama o êxtase; porque sabe sonhar e deseja os nossos sonhos; porque é forte e entusiasmado; porque constrói relacionamentos e nos pede para fazer o mesmo, é social.¹³⁶

A Igreja deve apresentar ao jovem o Cristo que caminha com ele, que lhe escuta e traz respostas às suas angústias e aspirações mais profundas. Entretanto, os jovens também necessitam não somente que falemos para eles de um Deus que vem de fora, mas de um Deus que é real dentro deles em seu mundo juvenil de serem alegres, dinâmicos e ousados.¹³⁷ Com esse pensamento, as juventudes podem ser encaradas como uma fonte teológica até nos erros cometidos, pois aprendem com eles e humanizam-nos ao ponto de causar transformações em nossas ações pastorais. Essas mudanças são necessárias, não apenas para elas, mas para toda a Igreja.

Aproximar-se das juventudes, sabendo que elas trazem em si marcas do Criador, exige uma Igreja que atue na escuta, no respeito, no acolhimento, no cuidado, que tire as sandálias antes de pisar no solo sagrado que é a vida do outro, sabendo que Deus os habita, e que muitas vezes falta apenas o reconhecimento dessa realidade.¹³⁸ A Igreja necessita abrir suas portas para acolher o novo que chega e deixar que a Revelação continue nesses espaços que são seu futuro. “É na Igreja que os jovens encontram o espaço para ser o povo das bem-aventuranças, povo que se encontra com Cristo, que O experimenta e O segue na entrega da própria vida”¹³⁹.

Deus deseja jovens protagonistas, com coragem de ousar profeticamente, com o anúncio vivo em suas ações, palavras e sentimentos, capazes de denunciar as opressões que recaem sobre o povo, e de empenhar a vida pela causa do Reino de Deus. A juventude possui em si a esperança e a capacidade de transformar a história. Eles são a janela pela qual entra o futuro, são caminho pelo qual Deus vem ao seu povo, são o vigor de novas iniciativas no aqui e agora, e cada cristão que os antecede é convidado a reconhecer o Deus que os habita.

¹³⁶ FRANCISCO, PP. *Deus é Jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*, p.67.

¹³⁷ CNBB. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*, p.80.

¹³⁸ Cf. SANTOS, Pamela K. *Juventude e Puebla*, 2019, p.128.

¹³⁹ Cf. DANIELSKI, Gislene. *Esperança cristã e juventudes: um encontro de esperanças para a vida da Igreja*, p. 46.

2.2 A CIVILIZAÇÃO DO AMOR PRESENTE NA CAMINHADA DO GRUPO JAC

A Pastoral da Juventude, inspirada pelas opções e orientações diante de uma juventude que é inspirada pelas opções e orientações da sua Igreja, abraçou a expressão “Civilização do Amor” que foi proferida pela primeira vez pelo Papa São Paulo VI, na celebração de Pentecostes de 1970, e retomada em 25 de dezembro de 1975 em uma homilia. Eis que surge a expressão “Civilização do Amor”. O Papa escolhe esse dia como momento ideal para lançar a proposta da Civilização do Amor. Ainda na mesma alocução, o Papa Paulo VI sublinha “Foi a Civilização do Amor e da Paz que o Pentecostes inaugurou.”.¹⁴⁰

Desde então, a expressão tem sido utilizada por todos os Papas que sucederam a Paulo VI. A expressão “Civilização do Amor”, no sentido cristão “cultura do amor”, aponta para “uma cultura que se centra na vivência segundo o princípio do amor. Em suas palavras, “a Civilização do Amor prevalecerá na falta de ar das lutas sociais implacáveis e dará ao mundo a transfigurada e sonhada humanidade finalmente cristã”.¹⁴¹ Dessa forma, a Igreja busca cultivar, na sua dinâmica evangelizadora, uma dimensão de vida e prática nova, a partir da vida dos jovens nos diferentes contextos e de uma profunda conversão pessoal, pastoral e eclesial, com o intuito de incitar o caminho de discipulado missionário em cada um, nessa civilização chamada a promover a igualdade e a justiça social.

A ideia é bíblica, como afirma a primeira carta de João: “Deus é amor” (1 Jo 4,16); “porque Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que todo o que Nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16); “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1); “nós amamos, porque Ele nos amou primeiro” (1 Jo 4,19). Tendo presente a fundamentação bíblica, inaugurou o Bem-aventurado Paulo VI uma expressão muito importante, a Civilização do Amor.

O pensamento dessa expressão volta-se ao fenômeno histórico, social e misterioso que é a Igreja de Cristo Jesus. Ele dizia também que aquela festa interessava a todas as pessoas porque Pentecostes é a superação das divisões, dos conflitos entre as pessoas e os povos porque o Espírito Santo une as pessoas na sua diversidade em Cristo, com o Pai.

Pentecostes inaugurou a civilização do amor e da paz. Posteriormente, São João Paulo II também usou essa expressão em seus discursos e escritos. Em uma delas, lembrando

¹⁴⁰ Papa Paulo VI. *REGINA COELI*, Domingo, 17 de Maio de 1970.

¹⁴¹ Papa Paulo VI. *Solene Rito di Chisura Dell'Anno Santo*, *Omelia del Santo Padre Paolo VI, Natale del Signore*, 25 de dezembro de 1975.

Paulo VI, afirmou que “a civilização do amor é o fim para o qual devem tender todos os esforços tanto no campo social e cultural como no campo econômico e político.”¹⁴²

Essa expressão tem inspirado a reflexão teológica e pastoral na caminhada da Igreja latino-americana, e tem sido bastante inspiradora tanto na reflexão teológica assumida, especialmente da Conferência do Episcopado Latino-Americano de 1979, em Puebla. Em relação à evangelização da juventude, por exemplo, os três documentos referenciais da Pastoral Juvenil carregam no título o termo “Civilização do Amor”.

A civilização possui um significado de evolução, progresso, de passagem de um estado de vida para outro mais evoluído, de respeito, de dedicação, de doação e de amor. Todas as instituições deveriam evoluir para algo melhor, surgindo novos pensamentos, novas culturas em vista de uma convivência fraterna.¹⁴³ Por isso, surgiu esta expressão da Civilização do Amor, inaugurada pelo Papa Paulo VI, desejando que todas as pessoas superem as divisões, os conflitos de guerra, de convivência humana e construam uma civilização que supere o ódio.

Em 1975, ao terminar o ano santo, Paulo VI falou novamente na expressão Civilização do Amor. Assim expressava:

Não o ódio, nem a disputa, não a avareza será a sua dialética, mas o amor, o amor gerador de amor, o amor do homem pelo homem, não por algum provisório e equivoco interesse, ou por alguma amarga e mal tolerada condescendência, mas por amor a Ti, a Ti ó Cristo percebido no sofrimento e no necessitado de todo o semelhante. A civilização do amor proverá em todas as lutas sociais e dará ao mundo a sonhada transfiguração da humanidade finalmente cristã. Assim se conclui ó Senhor este ano santo, assim ó homens irmãos, repreenda corajoso e alegre o nosso caminho no tempo para o encontro final, que até agora coloca sobre nossos lábios a extrema invocação: Vem, ó Senhor Jesus (Ap. 22,20).¹⁴⁴

Papa Paulo VI deu ênfase à expressão Civilização do Amor, no sentido de algo evolutivo, afirmando que ainda que a humanidade passe por lutas sociais, a Civilização do Amor reinará com o tempo, e com o amor, a humanidade transfigurar-se-á em Cristo Jesus.

Na continuidade do pensamento, outros Papas também falaram da Civilização do Amor como São João Paulo II que se refere à entrada de Deus na humanidade a partir do amor, como a forma mais alta e nobre dos seres humanos entre si. Para ele, só uma humanidade em que reine a Civilização do Amor poderá ter uma paz autêntica e duradoura. Bento XVI também falou da Civilização do Amor, no dia 22 de agosto de 2010, por ocasião da festa de Nossa Senhora Rainha, quando colocou Maria como exemplo e disse que nela é possível compreender

¹⁴² Cf. PAPA PAULO VI. *Regina Coeli*,. Domingo, 17 de Maio de 1970.

¹⁴³ Cf. SILVA, J.; VIEIRA, L; SILVA, R. *Somos Igreja jovem*, p. 162.

¹⁴⁴ PAPA PAULO VI. *Homilia na VI Solene Rito di Chiusura dell'anno santo*, 1975.

como os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos. Ele fala da sua intercessão de Maria como Mãe da Humanidade e como precisamos rezar cotidianamente pela paz, especialmente, em um lugar onde a lógica da violência está mais desenfreada, para que haja a Civilização do Amor.¹⁴⁵

O Papa Francisco também ressaltou, no final da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro de 2013, a Civilização do Amor. Dirigindo-se aos jovens em 2015, o Papa envia uma carta à Pastoral da Juventude reunida em Manaus no XI Encontro Nacional : “Nunca percam a esperança e a utopia, vocês são os profetas da esperança, são o presente da sociedade e da nossa amada Igreja e, por sobretudo, são os que podem construir uma nova Civilização do Amor.”¹⁴⁶

Uma jovem coordenadora (A.L.R), ao ser entrevistada, contemplou sua experiência como liderança e como a PJ pode contribuir como Civilização do Amor para a própria Igreja:

A PJ tem uma identidade e filosofia muito diferente das demais pastorais e grupos, por isso chama muita atenção e também recebe muitas críticas. Forma muitas lideranças e desperta nos jovens muitas questões não só religiosas, mas também sociais. Acho que tudo isso vai ao encontro com o potencial de crescimento, principalmente a apresentação de um Cristo jovem, de um Deus jovem que caminha conosco. Um dos maiores desafios é fazer com que a igreja leve a sério nossos jovens, dando lugar a eles e mostrar que temos força, formação e muita capacidade para contribuir na construção de uma igreja jovem, igreja do povão. (Ana, coordenadora)

A Pastoral Juvenil Latino-americana, no processo de uma proposta orgânica de Pastoral Juvenil, vem sendo construída em uma bonita história latino-americana e nos livros que a fundamentam: em primeiro momento do caminho disse “Sim à Civilização do Amor”(1987), assumindo-a como “Tarefa e Esperança” (1995) no contexto da Missão Continental, de Nova Evangelização, desvelando-se como “Projeto e Missão” (2013).¹⁴⁷

As Pastorais Específicas de Juventude explicitam o protagonismo da ação evangelizadora dos sujeitos jovens; convocam a uma ação comprometida com a mudança social ; preparam para a vivência de um cristianismo que seja a construção da 'Civilização do Amor'; reconhece uma das recomendações dos bispos latino-americanos , em Aparecida , acompanhar os jovens em sua formação e busca de identidade , vocação e missão, renovando nossa opção por eles (DAp, mensagem final).¹⁴⁸

A Pastoral da Juventude define-se a partir da proposta da Civilização do Amor como a ação da Igreja por meio da qual ela ajuda os jovens a descobrir, assimilar e comprometer-se

¹⁴⁵ Cf..CNBB. *A Civilização do Amor*, expressão do bem-aventurado Papa Paulo VI. 2018.

¹⁴⁶ Cf PAPA FRANCISCO. *Carta aos jovens da Pastoral da Juventude em ocasião do XI Encontro Nacional da PJ*, 2015.

¹⁴⁷ Cf. CELAM. *Civilização do Amor: projeto e missão*, p.13.

¹⁴⁸ CELAM. *Civilização do Amor: projeto e missão*, p.248.

com a pessoa de Cristo e com sua mensagem. Transformados em pessoas novas, integrando fé e vida, buscam converter-se em agentes privilegiados que colaboram na construção da Civilização do Amor.¹⁴⁹

No subsídio *Somos Igreja Jovem*, a PJ afirma acreditar na Civilização do Amor e em seus valores: “sim à vida; sim ao amor como vocação humana; sim à solidariedade; sim à liberdade; sim à verdade e ao diálogo; sim à partilha; sim ao esforço permanente pela paz; sim ao respeito pelas culturas; sim ao respeito à natureza; sim à integração latino-americana”.¹⁵⁰

A Civilização do Amor, tão sonhada pela PJ, foi contemplada em diversos momentos formativos e celebrativos nos encontros do grupo JAC. Os jovens do JAC compreenderam que eles são a expressão viva desse projeto lançado pela Igreja. Cada jovem está contribuindo com essa construção e a partir do seu testemunho torna visível a presença do Reino de Deus na concretização da luta por justiça, amor, fraternidade e a paz. Uma jovem comenta na entrevista sobre os saberes que ela adquiriu em seu processo formativo no grupo, destacando a busca pela Civilização do Amor:

Aprendi na PJ o significado do verdadeiro amor e o objetivo, porque como sabemos a PJ sempre caminha em busca de um objetivo e com muita coragem ela anda em busca da tão sonhada Civilização do Amor. Aprendi a ser mais paciente, esperar pelo tempo do meu próximo, e acima de tudo, esperar pelos planos e pelo tempo de Deus. A Pastoral da Juventude contribuiu imensamente para minha formação pessoal e interior, a Pastoral da Juventude me transformou. (Bruna, secretária)

Uma das ocasiões em que foi aprofundada essa temática com o JAC e os demais grupos presentes, apresenta-se no registro da 2ª Assembleia Paroquial da Juventude, nos dias 09 e 10 de abril de 2016, em São Domingos. Durante a formação trabalhei com eles os documentos que embasam a história e a prática pastoral e metodológica da PJ. A Civilização do Amor é a proposta global que integra e abre horizontes para a identidade e a mística da PJ. O compromisso com os menos favorecidos, a busca e a luta por uma sociedade mais justa e fraterna, trata-se da construção do Reino de Deus, da Civilização do Amor. Não é uma nova ideologia, mas viver de acordo com o Evangelho como bem expressa uma parte da letra de uma das músicas mais cantadas pelo JAC (“PJ em todo lugar”): “*Na alegria de ser jovem/ E levar Cristo a todos/ Vamos lá, não importa o lugar/. Na alegria de ser jovem/ Fazendo o caminho eu vou Rumo a Civilização do Amor/ Ê ê Ê ê ê ô!*”.¹⁵¹

¹⁴⁹ Cf. CELAM. *Pastoral da Juventude: sim à civilização do amor*, p.107.

¹⁵⁰ SILVA, J.; VIEIRA, L. SILVA, R. *Somos Igreja Jovem*, p.43.

¹⁵¹ Música da Autoria de Gelmo Sousa. *PJ em todo Lugar*.

Durante a formação trabalhamos o filme “Anel de Tucum” (cf. Apêndice G) e os jovens puderam compreender que a opção pelo Reino e pela Civilização do Amor passa por um compromisso com a causa de Cristo. A aliança de tucum¹⁵² usada por muitos pejoteiros¹⁵³ é o sinal desta fidelidade, desta adesão. Além da Bíblia, a opção pelos pobres é testemunhada por toda a tradição da Igreja, principalmente na América Latina, a partir do Concílio Vaticano II e das Conferências dos Bispos em Puebla e Medellín. Essa opção é a essência mesmo da vida cristã porque está ligada à imitação da vida de Cristo, como bem expressa a música “Entra nessa roda”, sempre lembrada nos encontros do JAC: *“Ei , vem cá!/? Eu te conheço de algum lugar (Eu sou da PJ) Ei, vem cá!/? Eu te conheço de algum lugar (Entre nessa roda). O Cristo jovem nos passou essa ideia da Civilização do Amor. Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. É o seu mandamento de amor”*.¹⁵⁴ Mas essa opção não é apenas uma responsabilidade individual. Nesse momento da história, ela implica um compromisso coletivo e social que está ligado à partilha e ao acesso à propriedade dos bens absolutamente necessários à vida, como Cristo ensinou.

Em uma das cartas de articulação enviadas pela coordenação paroquial dos grupos de base em São Domingos do Maranhão, o início de uma delas demonstra o quanto a expressão Civilização do Amor está presente na vida e no vocabulário dos jovens:

Somos convocados para unir forças para juntos vencer os obstáculos que nos são impostos na caminhada. Não tenham medo! Acolham a proposta do Reino. Vivam a partilha, comprometam-se com a luta pela evangelização, guiados pela fé e sendo

¹⁵²No filme “Anel de Tucum”, Dom Pedro Casaldáliga explica assim o sentido desta aliança: “(...) Este anel é feito a partir de uma palmeira da Amazônia. É sinal da aliança com a causa indígena e com as causas populares. Quem carrega esse anel significa que assumiu essas causas e as suas conseqüências. Você toparia usar o anel? Olha, isso compromete, viu? Muitos, por causa deste compromisso foram até a morte. (...)”. Fonte: <http://www.cpt.org.br/> O uso do anel de tucum não substitui o crucifixo que representa a Cruz de Cristo, mas somado a ele é um diferencial para aqueles e aquelas que assumiram um compromisso social. É uma aliança como a de ouro que os casados usam, e como alguns padres e religiosos usam como casados com a Igreja. E enquanto cristãos não devemos pensar que aderir às causas sociais é aderir ao comunismo, mesmo que seja da Teologia da Libertação, pois como lembra Dom Hélder Câmara: “não percamos de vista que, enquanto ingenuamente há quem morra e mate por anticomunismo e comunismo, os impérios capitalistas e os impérios socialistas encontram meios de entender-se, sempre que os interesses respectivos falam mais forte”. Daí que Jesus Cristo tem que estar em primeiro lugar. <https://observatoriadaevangelizacao.wordpress.com/2015/06/30/o-anel-de-tucum-compromisso-com-a-causa-de-jesus-cristo/>. Acesso em 01 de dez.2020.

¹⁵³A expressão pejoteiro (pjoteiro) refere-se aos membros, participantes e/ou articuladores desta proposta chamada “Pastoral da Juventude”. A identidade pejoteira tem a ver com a vivência de uma espiritualidade libertadora e do cotidiano, de uma preferência pedagógica pelos pequenos grupos, de uma metodologia que valoriza a história, a prática, os meandros sociopolíticos, um olhar bíblico e profético sobre a realidade e a ação concreta, primando sempre pela decisão colegiada, democrática, ética e coerente. Os pejoteiros entendem que o jovem é o protagonista de sua ação; valorizam a pastoral de conjunto; promovem a vida; são missionários, críticos e articulados; optam por uma formação que leve em conta a pessoa como um todo; sua ação é a partir da opção pelos mais empobrecidos e pela juventude; e sabem que não sabem tudo.(cf. <https://www.pj.org.br/todo-mundo-pode-ser-pejoteiro/>)

¹⁵⁴Música de Autoria de Vitor Sousa. *Entre nessa Roda*.

jovens protagonistas de um novo tempo, o tempo da Civilização do Amor. E para que a Civilização do Amor se torne realidade em nosso meio, é preciso viver em comunhão e atuar em comunidade, cuidando uns dos outros, como se fosse de nós mesmos. (Meu caderno de assessoria, 2014).

Por isso os jovens são chamados a seguir este mesmo exemplo de amor e opção preferencial que tenta promover a dignidade humana. No pobre revela-se o rosto do próprio Deus (cf. Mt 25,40). A adesão ao projeto Civilização do Amor implica um sim à vida, à liberdade, à verdade, à justiça e ao diálogo. Essa proposta deve contar com participação conjunta em um esforço permanente pela paz e promoção da vida a partir do respeito por todas as religiões, culturas e diferentes tradições, bem como ao meio ambiente.

2.3 SABERES DA EXPERIÊNCIA E O PROCESSO DE FORMAÇÃO GRUPAL DA PASTORAL DA JUVENTUDE

Nas orientações encontradas no Marco Referencial da PJB, os grupos de jovens constituem a estrutura básica da Pastoral da Juventude do Brasil. O grupo de jovens é a experiência central da proposta pedagógica e evangelizadora da PJ do Brasil. O grupo de jovens é o conjunto de jovens que se reúnem sistematicamente na comunidade paroquial ou em outros ambientes, passando pelas várias etapas, em um processo de formação que os leva a certo grau de discernimento e amadurecimento de sua vivência pessoal, grupal e comunitária.¹⁵⁵ O grupo de jovens, mais do que o local do encontro, da convivência, da diversão e da partilha, é o ambiente da formação, em que o participante, a cada encontro, reunião ou debate estabelecidos no grupo e nos momentos de oração, o vai formando como um participante comprometido, uma liderança, um sujeito crítico da realidade, tanto eclesial, quanto social.

Os aprendizados que têm lugar no espaço educativo não formal, nas reuniões de grupo da PJ, constituem-se como elementos centrais desse processo investigativo. Segundo, Maurício Perondi, tais aprendizados certamente são diferenciados daqueles que acontecem nas salas de aula, pois são diferenciados os modos de transmissão e de aprendizagem.¹⁵⁶ Para aprofundar como acontecem os aprendizados e a apropriação dos saberes, Bernard Charlot cunhou o conceito de relação com o saber:

A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender; (...) Ou, sob uma forma mais “intuitiva”: relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal,

¹⁵⁵ Cf. CNBB. *Marco referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*, p.32.

¹⁵⁶ Cf. PERONDI, Maurício. *Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil: aprendizados na experiência*, p.38.

um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação.¹⁵⁷

Essa opinião supõe a existência de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a “presença” de saberes que há no mundo. A noção de sujeito implica a percepção de que este se constitui como um “ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade”.¹⁵⁸

Todo sujeito pertence a um grupo, mas ele não se reduz a esse vínculo e ao que pode ser pensado a partir da posição desse grupo em um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá um sentido ao mundo, atua neste, depara-se nele com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber. Assim sendo, a relação com o saber será fruto desses múltiplos processos e experiências.¹⁵⁹ A relação com o saber, além de ser uma relação de uma pessoa com o mundo, com ela própria e com os outros, caracteriza-se, para Charlot por outras três características: o conjunto de significados, o espaço de atividades e a inserção no tempo.

Essa investigação junto aos jovens da PJ procura evidenciar as relações com o saber, assim como o conjunto de significados partilhados, o horizonte de atividades e a relação com o tempo que ocorrem no interior dos grupos, a partir dos registros, das expressões e manifestações dos próprios jovens. Os grupos de jovens constituem-se como espaços significativos para o desenvolvimento dos aprendizados e saberes apontados por Charlot, visto que suas atividades visam um enfoque que vai além do intelectual, pois assentam-se na concepção de uma formação integral.

Seguindo o pensamento da Teologia feminista sobre a experiência, Gebara afirma que são as experiências, principalmente as que brotam do dia a dia das mais diferentes e diversas realidades sociopolíticas e religiosas, fundamentais para a elaboração de uma Teologia que leva em conta o contexto e as diferentes formas de pesquisa e aprofundamento. A autora defende que cada vez mais é importante que a Teologia parta das experiências do dia a dia, e não dos fatos históricos grandiosos, como as grandes conquistas. No livro “As águas do meu poço”, Gebara puxa o fio das experiências de um aspecto fundamental de qualquer existência humana, que é a liberdade.¹⁶⁰ Ela tece o texto de suas experiências em busca da tão sonhada liberdade

¹⁵⁷ CHARLOT, Bernard (org.). Da relação com o saber: Elementos para uma teoria, p. 80-81.

¹⁵⁸ Cf. CHARLOT, Bernard (org.). Da relação com o saber: Elementos para uma teoria, 2000.

¹⁵⁹ Cf. PERONDI, Maurício. *Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil*, p.37.

¹⁶⁰ Cf. GEBARA, Ivone. *As águas do meu poço*, p.36.

em intersecção com os fios de outras buscas por liberdade advindas de diferentes mulheres e homens.

Dessa forma, a teóloga resgata o valor de seu “pequeno mundo a fim de valorizar o mundo de tantas mulheres e homens pobres, jovens e anciãos, que se julgam fora da história, porque não são mencionados ou reconhecidos como integrantes da história oficial”.¹⁶¹ A luta pela reconstrução da narrativa, pela participação das pessoas silenciadas, pela redefinição da gramática, pela articulação das e dos diferentes favorece para que todas as pessoas possam contar sua história e para que a voz das mais fracas seja a primeira a ser ouvida.

Ao utilizar uma metodologia que tem como ponto de partida as experiências pessoais interconectadas com outras experiências, podemos sublinhar que nesta abordagem um grupo de jovens oportuniza o pensar pessoal como um ato político, isto é, a consciência do bem comum pensa a liberdade e outras experiências dentro de uma história maior que a história pessoal, sendo um espaço de saberes e de formação coletiva.

Seguindo o pensamento de Oscar Jara Holiday, as redes, os grupos, são uma estratégia metodológica e constituem um ponto a ser destacado como característica da Educação popular. Porém, é a sistematização produtora de conhecimento que constitui a proposta metodológica organizadora da produção do conhecimento desde a América Latina.

A sistematização [...] é a interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir do seu ordenamento e reconstrução, explicita a lógica e o sentido do processo vivido nelas; os diversos fatores que intervieram, como se relacionam entre si e porque aconteceram desse modo. A sistematização de experiências produz conhecimentos e aprendizagens significativas que possibilitam apropriar-se criticamente das experiências vividas (saberes e sentires), compreendê-las teoricamente e orientá-las para o futuro com uma perspectiva transformadora.¹⁶²

A América Latina produziu duas contribuições para o mundo: uma foi a Teologia da Libertação e a outra a Educação Popular. A sistematização está calcada como uma das referências no modo de fazer pesquisa no Brasil, como um instrumento para a prática transformadora. Essa é realizada por meio de metodologias participativas bastante testadas na América Latina, conseqüentemente, a sistematização busca reconstruir experiências.

Sistematizar implica compreender, registrar, ordenar, de forma compartilhada, a dimensão educativa de uma experiência vivenciada. Para Oscar Jara, a sistematização de experiências pressupõe como fundamento a Concepção Metodológica Dialética, que entende a realidade histórico-social como uma totalidade, como processo histórico: a realidade é, ao

¹⁶¹ GEBARA, Ivone. *As águas do meu poço*, p.27.

¹⁶² HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*, p. 47.

mesmo tempo, uma, mutante e contraditória porque é histórica; porque é produto da atividade transformadora, criadora dos seres humanos.¹⁶³

Nesse sentido, busca-se conhecer os saberes da experiência a partir dos sujeitos que fazem parte da pesquisa e que constroem processos, como é o caso, um grupo de jovens. Para isso, compreendem-se saberes no sentido em que Freire define: “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também”.¹⁶⁴ Então, nessa busca constante de ser no mundo, os sujeitos da pesquisa, através das relações interpessoais e cotidianas, geram saberes através do seu contexto, da convivência e do que lhes é incorporado na formação permanente em que a Pastoral da Juventude fomenta nos seus processos de investimento humano e de capacitação.

¹⁶³ Cf. Holliday, Oscar Jara. Para sistematizar experiências, p.7.

¹⁶⁴ FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, p.58.

3 ANÁLISE DE ALGUNS REGISTROS E DAS PRODUÇÕES DO GRUPO JAC

O Concílio Vaticano II assumiu com entusiasmo a formação dos jovens para o apostolado de forma integral, segundo a capacidade e as condições de cada pessoa. “Devem tornar-se eles os primeiros apóstolos dos jovens, realizando o apostolado por meio deles e através deles, levando em conta o ambiente em que vivem” (AA n.1377). Portanto a dimensão pastoral da Igreja precisa investir no desenvolvimento intelectual e espiritual das juventudes para que essas possam dar sentido e cor às suas vivências.

A II Conferência Episcopal latino-americana, em 1968, em Medellín, na Colômbia, declarou sua opção preferencial pelos jovens. Essa Conferência é considerada um marco na evangelização da América Latina, pois a Igreja Católica percebeu a necessidade de participar efetivamente na transformação social latino-americana, entendendo que os problemas do mundo e da América Latina eram maiores que a Igreja. Essa opção preferencial pelos jovens foi reafirmada na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Puebla, no ano de 1979 como consta no documento:

A Igreja confia nos jovens. São para ela sua esperança. A Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização. Por ser verdadeira dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens em vista de sua missão evangelizadora no Continente (DP, 1186).

A partir desse momento, o discurso da juventude engajada na Igreja ganha força, pois toda a Igreja Católica latino-americana faz opção pelos jovens e reconhece a necessidade de investir na evangelização deles. A Pastoral da Juventude afirma, então, trabalhar com pequenos grupos, adotando uma metodologia para atingir os jovens em seus espaços. Assim, a metodologia utilizada favorece processos integrais de formação, pois a Pastoral entende que o jovem necessita de formação em todos os aspectos, nas cinco dimensões: Personalização, Integração, Evangelização, Conscientização e Capacitação.

No processo de capacitação de uma equipe de coordenação, há um destaque no serviço de secretaria como um espaço primordial na organização, articulação e planejamento do grupo. Saber como coordenar uma reunião de grupo e assegurar conclusões concretas faz toda a diferença. Da mesma forma, produzir um bom registro, avaliar e acompanhar sistematicamente o processo de educação na fé (PEF), são habilidades necessárias para acompanhar as estruturas de apoio na evangelização dos jovens. Sem essas habilidades, os projetos pastorais não caminham. O documento de Puebla recomenda:

A ação pastoral planejada é a resposta específica, consciente e intencional às exigências de evangelização. Deverá realizar-se num processo de participação em todos os níveis da comunidade e pessoas interessadas, educando-as numa metodologia de análise da realidade, para depois refletir sobre essa realidade do ponto de vista do Evangelho e optar pelos objetivos e meios mais aptos e fazer deles um uso mais racional na ação evangelizadora (DP 1307).

O adulto exerce papel fundamental na formação dos jovens. Ele também vai se capacitando junto com os jovens. Formar jovens que são líderes, que tenham responsabilidade e iniciativa passa pelo caminho da responsabilidade e do abrir para eles espaços de onde podem exercer liderança e aprender com os acertos e os erros e as avaliações constantes.

Nos registros elaborados pelas secretarias do grupo JAC percebe-se o senso de observação, a capacidade de interpretação e a atitude de escuta em relação às opiniões dos jovens. Entendo aqui que registros não sejam apenas os escritos, mas são dados transmitidos, manifestados e revelados nas palavras, gestos, ações, ritos, símbolos. Nesse caso, a observação pode ser mais perspicaz, já que parte de uma ação concentrada e vivida, conforme o Apêndice B orienta.

Segundo Benincá e Balbinot (2009), a metodologia pastoral diz respeito à seriedade de uma ação evangelizadora ou de uma prática pastoral. O método participativo destaca-se pelo seu caráter processual. Há uma inerente pedagogia a envolver as pessoas em sua prática. Portanto, é preciso uma metodologia pastoral que tenha visão do conjunto e contribua na articulação como o todo da prática eclesial e grupal.

Por meio da partilha de saberes e da elaboração dos registros foi-se construindo os encontros como uma ação participativa e planejada, em que cada jovem foi se tornando sujeito de uma nova história. Para isso é necessário exercício, pois trata-se da arte do relato. Toda arte exige dedicação, empenho e treinamento constante. Trata-se de um aprendizado na ação e reflexão, experiência essa que precisa ser explicitada e sistematizada, e serve de fonte de conhecimento e inspiração para novas ações.

3.1 INTRODUÇÃO AOS REGISTROS E AOS TEMAS GERADORES

A Evangelização passa, necessariamente, pelas relações humanas. O registro da prática pastoral contribui para que a história vivida e construída, em grupo ou pessoalmente, permaneça duradoura e conhecida para tantos que fizeram ou farão parte desse processo. As vivências são determinantes nessa trajetória para assessores, acompanhantes e os próprios jovens, pois provocam inquietudes e indagações no sentido de fazer com que a práxis torne-se uma ação que

contribui de modo significativo para a evangelização. Não basta constatar a realidade e ter vontade de transformá-la. É preciso estar atentos aos contextos, às pessoas e às suas experiências e saber interpretar os sinais do Verbo presentes em cada acontecimento.

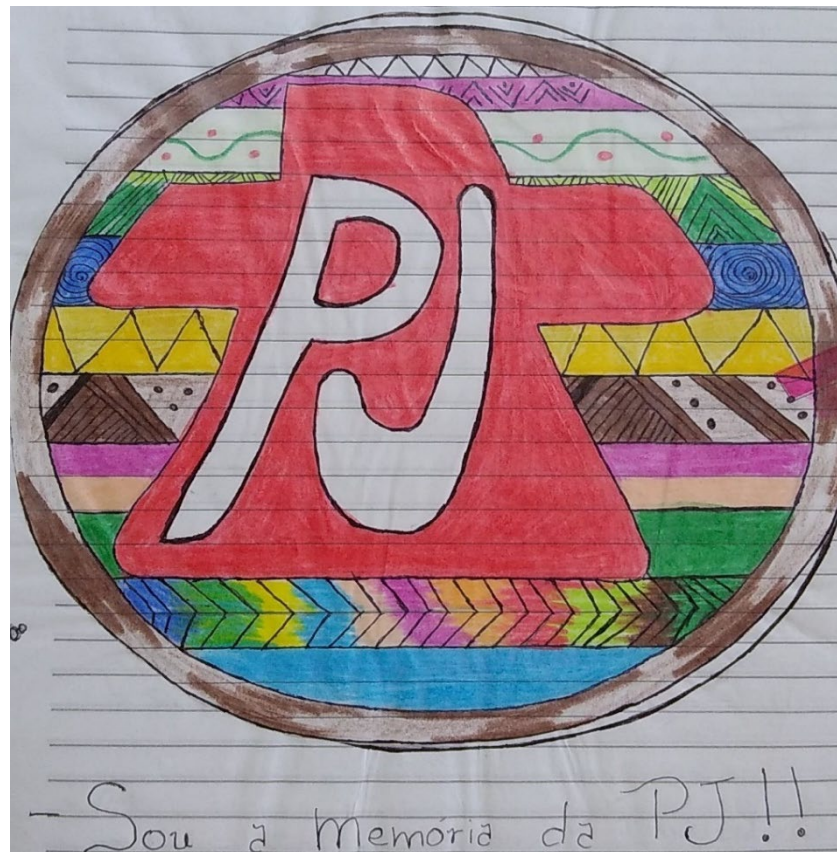
Através dessa ação-reflexão, o trabalho de coordenação e assessoria em um grupo de jovens reforça a necessidade de buscar uma metodologia como aporte transformador da própria práxis, pela reflexão na ação e na ação com reflexão. Essas vivências dos jovens conduziram ao aprofundamento e a compreensão de algumas questões consideradas vitais que serão contempladas nesse capítulo como uma Teologia produzida e vivenciada pelo grupo de base JAC.

Para a Pastoral da Juventude, o serviço da Secretaria é de fundamental importância, pois esse é um espaço de articulação e animação da caminhada da PJ nos grupos de base e em toda a organização nacional. A pessoa indicada para essa função deve ser referência no grupo, facilitar o serviço de comunicação com as coordenações, assessores, dioceses, regionais e parcerias, além de potencializar o fortalecimento do grupo de jovens e suas instâncias organizativas.¹⁶⁵

Em meu trabalho de acompanhamento junto ao grupo de assessoria, em diversos momentos acompanhei a caminhada da equipe de coordenação, composta por dois jovens coordenadores(as), um(a) secretário(a), um(a) tesoureiro(a) e um(a) animador(a). Essas lideranças do JAC reuniam-se semanalmente para planejamento, avaliação e articulação dos encontros e atividades propostas. De acordo com o apêndice B, o trabalho da secretaria é uma doação e o(a) jovem que assume esse serviço torna-se responsável pela memória, organização e avaliação do processo grupal. Elaborei esse texto junto ao secretário diocesano da PJ de Caxias para orientar melhor o serviço de cada membro que é eleito como secretário(a). A figura representa a folha de rosto de um caderno de registros do JAC, representando a missão da Secretaria.

¹⁶⁵ Cf. SILVA, J.; VIEIRA, L.; SILVA, R. *Somos Igreja Jovem*, p. 78.

Figura 7: Folha de rosto do caderno de registros do JAC



Fonte: Caderno de Registros, ano 2016 e 2017

A metodologia da prática pastoral oportuniza aos formadores e lideranças o exercício de análise, avaliação e pesquisa, no qual se realizam observações documentadas sobre suas ações, pois parte do pressuposto de que as pessoas, o grupo/comunidade são agentes primeiros de sua própria formação na relação entre assessor-jovem e assessor-comunidade. O registro, a memória da ação, possibilita o distanciamento indispensável para a observação, processo esse da escrita que é uma forma de objetivar as relações conscientes. Nas sessões de estudos são realizadas as narrações dos registros, resultantes desse processo de investigação e, documentado em texto que reapresentam o conhecimento produzido.¹⁶⁶

Boran afirma que todo grupo humano possui uma memória coletiva que influi no seu comportamento. É importante trabalhar a memória, seja escrita ou oral, para que seja força de identidade e motivação. Somente mantendo viva a memória é que se evitará um empobrecimento e a deformação de sua identidade cultural, política, social e religiosa. Fazer memória é avançar com segurança do presente para o futuro. Não se pode trabalhar com jovens

¹⁶⁶ Cf. BENINCÁ, Elli. A Práxis Pastoral. *Revista de Educação- ITEPA*, p.24-27.

sem conhecer a história do trabalho da Igreja nesse campo. Uma PJ sem memória não tem identidade e está condenada a repetir os erros do passado. A memória histórica fortalece a identidade da PJ, fazendo crescer o espírito de solidariedade e fraternidade, pertença e de comprometimento entre os jovens.¹⁶⁷

Resgatando a memória da caminhada de um grupo de base, a pesquisa que apresento fundamenta-se em registros realizados pelas secretarias, entre os anos de 2012 a 2018. Essas experiências olham para o individual e o coletivo, portanto, fazem parte de uma pesquisa qualitativa que não pode ser quantificada, ao passo que indaga os tempos, os momentos, o cotidiano das pessoas e do grupo. Percebi, dessa forma, a importância de escutar as vozes dos atores que são os jovens. Quando nos abrimos à fala do outro, instituímos o pressuposto de que temos algo a aprender com o outro. Neste caso, são os jovens que têm algo a nos dizer. Através dessas vozes foi possível construir caminhos para que a Igreja seja um lugar onde todos se sintam à vontade, onde todos possam expressar seu ponto de vista, como um lugar de crescimento, quer seja do ponto de vista intelectual, quer seja do desenvolvimento da pessoa, em seus aspectos éticos e humanos.

Autores como Alberto Melucci, autor do livro “O jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global”, recordou em uma das suas últimas conferências um importante recado para os pesquisadores:

Estou convencido de que o mundo contemporâneo necessita de uma sociologia da escuta. Não de um conhecimento frio, que pára no âmbito das faculdades racionais, mas de um conhecimento que concebe a todos como sujeitos. Não de um conhecimento que cria distância, separação entre observador e observado, mas de um conhecimento que consegue reconhecer as necessidades, as perguntas, as interrogações de quem observa, e também capaz de, ao mesmo tempo, pôr verdadeiramente em contato com os outros.¹⁶⁸

Boaventura de Sousa Santos (1995), ao falar sobre o conhecimento científico, declara que a ciência é autobiográfica, e que todo conhecimento também é autoconhecimento. A separação entre sujeito e objeto diminuiu, ou nunca foi possível ser realizada anteriormente nas ciências sociais. O conhecimento não diz tanto mais sobre a explicação de fenômenos objetivos, mas volta-se para perspectivas compreensivas, principalmente enfatizando o “saber viver”. O potencial deste conhecimento está em unir-nos ao que estudamos e não nos distanciarmos.¹⁶⁹

¹⁶⁷ Cf. BORAN, Jorge. O Futuro tem nome: Juventude – sugestões práticas para trabalhar com jovens, p. 17-19.

¹⁶⁸ FOLLMANN, J. I.; FISCHER, N. B. Apresentação da edição brasileira. In: MELUCCI, Alberto. *O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global*, p.9.

¹⁶⁹ Cf. SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências, 1995.

Em minha condição de pesquisadora e em meu trabalho de assessoria junto aos jovens da PJ, foi requisitada uma atenção e dedicação especial, visto que são jovens que conheço e que estão inseridos em uma organização da qual faço parte. Com Sarmiento (2003) posso dizer que, de certo modo, minha presença não deixa de ser uma “observação participante” no contexto investigativo. Esse tipo de inserção contribui com a compreensão das relações que se processam no interior de um grupo.¹⁷⁰

A estratégia para produzir os dados foi analisando alguns registros realizados pelos jovens e convidando algumas lideranças para uma entrevista. O critério de escolha foi atuação e o comprometimento dos participantes nos anos de 2012 a 2018 e sua militância no JAC. Quanto à entrevista, ela é um instrumento não estruturado que tem por objetivo buscar informações complementares, que acabam cruzando histórias de vidas de entrevistados (informantes) e do pesquisador, narrando suas experiências. O meu trabalho como pesquisadora e meus registros transparecem ao longo do texto no processo de assessoria e formação dos jovens.

Deste modo, percebi nesse processo de acompanhamento aos jovens a necessidade de um investimento sério na construção analítica para possibilitar de forma qualificada o comprometimento dessa questão atual e extremamente desafiadora: buscar construir estratégias para a reflexão na ação e a reflexão-sobre-ação para ser possível acontecer uma práxis transformadora, com significado, pelo viés da formação juvenil.

Revisitando o passado construímos história e realidade, embora seja sempre uma determinada leitura dos acontecimentos e dos textos já construídos. No processo da escrita e da memória narrada surgem os Temas Geradores, que segundo Paulo Freire são extraídos da problematização da prática de vida dos indivíduos, e são resultados de uma metodologia dialógica.¹⁷¹ Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O importante não é produzir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com o conhecimento e a experiência vivida.

Os conteúdos estruturados fora do contexto social da pessoa são considerados "invasão cultural" ou "depósito de informações" porque não emergem do saber popular. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o(a) jovem. Conhecê-lo enquanto indivíduo inserido em

¹⁷⁰ Cf. SARMENTO, Manuel J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília P.; VILELA, Rita A. T. (orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*, 2003.

¹⁷¹ Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p. 68.

um contexto social de onde deverá sair o "conteúdo" a ser trabalhado. Freire propõe uma alternativa radicalmente nova para tratar a questão do conhecimento e do processo educativo que também está diretamente ligado com o problema epistemológico.

A novidade freireana para a Educação Popular reside na elaboração de uma metodologia coerente para desencadear o processo de construção do conhecimento. É para esse fim que Freire propõe o *Tema Gerador* como superação, tanto do dualismo sujeito-objeto, quanto da fragmentação do saber decorrente do paradigma científico moderno que, por causa da verticalização do saber, produziu uma ciência necrófila, sem vida e distante das demandas existenciais da humanidade.

A construção de uma racionalidade dialógica é possível a partir de um trabalho sociocultural que tem por base a metodologia dos Temas Geradores. Por esse motivo é que sustentamos a fundamentação em Freire de uma forma revolucionária de trabalhar o conhecimento, porque sua proposta articula a dimensão epistemológica da existência humana com a totalidade da vida em sociedade - as dimensões política, ética, antropológica, entre outras.

Essa investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione ao mesmo tempo a apreensão dos 'temas geradores' e a tomada de consciência dos indivíduos em torno dos mesmos.¹⁷²

O conhecimento engloba a totalidade da experiência humana. O ponto de partida é a experiência concreta do indivíduo, em seu grupo ou sua comunidade. Esta experiência se expressa através do universo verbal e do universo temático do grupo. Portanto, os temas geradores enquanto metodologia inovadora, estimulam a curiosidade, provocam o debate, priorizam a problematização dos saberes já constituídos histórica e socialmente pelas pessoas situadas em um mundo concreto, conflituoso e contraditório muitas vezes.

Quanto aos temas e conteúdos vivenciados com os jovens ao longo desses anos, transparecem nas entrevistas realizadas os elementos que ficaram marcantes e presentes, como: protagonismo juvenil, servir à juventude como líder cristão, missões jovens, opção pelos pobres, Projeto de Vida, trabalho em equipe, desenvolvimento de habilidades, sexualidade, capacitação para coordenar encontros e temáticas relacionadas à fase juvenil. Em diversos depoimentos são feitas alusões à espiritualidade ou até mesmo aos momentos fortes de oração, como o retiro "Vem e Segue-me", organizado pela PJ paroquial de São Domingos. Em relação

¹⁷² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p.87

aos aprendizados apresentados pelos jovens, podem ser destacados os seguintes, a partir das próprias entrevistas e da questão:

Quais saberes a PJ te oportunizou na tua formação integral?

Fica difícil listar, porque tudo que vivi na PJ me marcou. Com certeza a maior experiência foi trabalhar diretamente com os jovens, sendo jovem. Receber e partilhar tantas coisas boas. Ver tantas lideranças sendo formadas, vidas mudadas, conversões. A PJ me ensinou muito a respeito do Projeto de Vida. Mas, acima de tudo, a PJ revelou em mim uma liderança e uma militância a favor daqueles que são oprimidos. (A.L, entrevista realizada via Whatsapp, no dia 24 de março de 2020)

A PJ revelou em mim uma liderança e uma militância a favor daqueles que são oprimidos. Me fez perder o medo de coisas que me travavam e até me prejudicavam. A PJ provocou em mim um espírito de luta. Me ensinou tanto, que chega a ser impossível expressar com palavras, pois apenas atitudes mostram o quanto eu evolui e amadureci dentro da PJ. Ser Ubuntu, a essência de humanidade com o outro. Empatia, amor, respeito. A Identidade da PJ é com certeza, o amor. Sentir Deus em todas as coisas. (A.R, entrevista realizada, via WhatsApp no dia 24/09/2020)

A Pastoral da Juventude tem uma história, uma espiritualidade e uma beleza que marca a vida de inúmeros jovens, e eu posso afirmar que fui tocada e senti na pele o que é ser igreja jovem, o que é ser pastoral. Não tenho palavras pra descrever como a identidade da PJ se encaixou no que eu nunca imaginei que precisaria para minha própria vida. (B.C, entrevista realizada, via WhatsApp no dia 24/09/2020)

A PJ me proporcionou diversas experiências, tanto na minha vida religiosa, quanto no meu cotidiano. Foi e foram momentos que marcaram a minha vida. A PJ na sua essência busca despertar os jovens na formação proposta por Jesus Cristo. Comigo não foi diferente. Os principais saberes que a PJ me proporcionou foram: o aprimoramento na questão da minha fé e espiritualidade, a vivência em comunidade, o amor ao próximo, o dom da oratória e conhecer a Igreja. (W.S- entrevista realizada, via WhatsApp no dia 28/09/2020).

Uma coisa que eu sempre digo nos encontros é: "na preparação do encontro escolhemos um tema parra trabalharmos juntos com vocês, mas quando chegamos aqui aprendemos coisas a mais com cada um aqui presente." Tudo isso é muito importante pra mim, eu aprendi a dividir todo o meu conhecimento com meus irmãos de caminhada. (I.S- entrevista realizada, via WhatsApp no dia 20/12/2020)

Foram muitos aprendizados, mas creio q os que mais se destacam são os momentos de missões nas comunidades mais pobres e mais afastadas da paróquia, pois lá era mais visível a pobreza em conhecimento da Boa Nova. Aprendi mais sobre a teologia da libertação, tive conhecimentos mais aprofundados na psique comportamental e espiritual, traços mais firmes em compreensão sobre a sexualidade e, assim como aceitação do diferente sem o possível preconceito. Alimentou meu modo de agir e pensar frente à sociedade, me dando mais força para falar quando algo não está certo. (Jovem E.H- entrevista realizada, via WhatsApp no dia 22/12/2020)

Esses depoimentos dos jovens, manifestam alguns aprendizados que, segundo os próprios jovens, são vividos a partir de sua participação no grupo de base. Nessas contribuições dos jovens para meu trabalho de pesquisa é possível perceber a dimensão da fé, as questões sociais, a identidade da Pastoral da Juventude, assim como outros temas estão relacionados diretamente às experiências e aos saberes vividos e a Teologia que perpassou a formação dessas lideranças dentro da PJ.

Além disso, foram diversos registros realizados pelo grupo e selecionei dois temas geradores mais trabalhados ao longo dos anos de acompanhamento no trabalho de assessoria : Violência, Juventudes e Igreja, através das Campanhas nacionais Contra a violência e extermínio de jovens e o Enfrentamento ao Ciclo de Violência contra as Mulheres ; e a Formação de Lideranças através do processo de nucleação e O despontamento das lideranças (coordenadores e assessores).

3.2 VIOLÊNCIA, JUVENTUDES, IGREJA E A CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AO CICLO DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

A alta letalidade de jovens gera, no atual cenário, fortes implicações no desenvolvimento social, econômico e religioso. Estamos diante de uma profunda transição demográfica e rumo ao envelhecimento da população. De fato, a falta de oportunidades, que leva 23% dos jovens no país a não estarem estudando nem trabalhando, aliada à mortalidade precoce da juventude em consequência da violência, impõem severas consequências sobre o futuro da nação.

Para além dessa questão, os dados apresentados no Atlas de Violência 2020 revelam que no Brasil os homicídios são a principal causa de mortalidade de jovens entre 15 e 29 anos. Isso revela o lado mais perverso do aumento da violência letal contra públicos específicos, incluindo negros, população LGBTQIA+, e mulheres (feminicídio) e o aumento do extermínio de jovens, em que mais que a metade das vítimas são indivíduos com plena capacidade produtiva, em período de formação educacional, na perspectiva de iniciar uma trajetória profissional e de construir uma rede familiar própria.¹⁷³

Segundo ainda o Atlas da Violência 2020, aponta que no período entre 2008 a 2018 houve um aumento de 13,3% na taxa de jovens mortos, passando de uma taxa de 53,3 homicídios a cada 100 mil jovens em 2008 para 60,4 em 2018. Os homicídios foram a principal causa dos óbitos da juventude masculina, representando 55,6% das mortes de jovens entre 15 e 19 anos; de 52,3% daqueles entre 20 e 24 anos; e de 43,7% dos que estão entre 25 e 29 anos. No ano de 2018, 16 Unidades da Federação apresentaram taxas de homicídios de jovens acima da taxa nacional, que é de 60,4 por 100 mil.¹⁷⁴

¹⁷³ Cf. IPEA – *Atlas da Violência 2020*, 19.

¹⁷⁴ Cf. *Atlas da Violência 2020*, p. 20.

Sobre esse processo, Liliane Conceição Silva comenta sobre discussões acerca da criminalização e da violência sistemática que atinge os jovens pobres e negros do Brasil a partir da interpretação da opinião pública:

Para muitos trata-se de um fenômeno que responde à escolha, individual, de parcela destes jovens pelo envolvimento com o universo da criminalidade, o que torna, no bojo de um Estado marcado pela impunidade e pela ineficácia da segurança pública, como ameaças ao bem-estar dos cidadãos trabalhadores e cumpridores dos seus deveres. Para outros, configura-se como o retrato de um país marcado pela desigualdade social, pelo racismo e por baixos índices de desenvolvimento humano.¹⁷⁵

Através de estudos, escutas e pesquisas voltadas aos jovens, “o medo de morrer” aparece como uma característica comum nessa análise. Essa preocupação demonstrada no alto número de jovens mortos está relacionada ao tema da violência, especialmente ao genocídio contra a população jovem e masculina. Esse é um problema grave que exige da Igreja um posicionamento público e uma ação mais efetiva.

Diante dessa realidade, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2012) propõem que as comunidades cuidem, atendam e acompanhem os jovens e afirmam que o combate à violência e ao extermínio de jovens colabora com a luta em defesa da vida das juventudes, parcela tão importante da nossa Igreja e sociedade. “A ação evangelizadora deve também motivar o envolvimento com as grandes questões que dizem respeito a toda a sociedade, como a economia, a política e todos os desafios sociais do nosso tempo.”¹⁷⁶

Tendo em vista esses elementos da realidade juvenil evidenciada, em que “muitos jovens vivem em contextos de guerra e sofrem a violência em imensurável variedade de formas: sequestros, extorsão, crime organizado, tráfico de seres humanos, escravidão e exploração sexual, estupros...(ChV 72), a Pastoral da Juventude desafiada pelo Evangelho e pelas orientações da Igreja, centrou forças em um projeto nacional chamado “A Juventude quer viver”, através das campanhas: a) Campanha Nacional contra a Violência e o Extermínio de Jovens (realizada entre 2009 e 2015); b) Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher (eixo de ação para o triênio 2017-2020).

Seguindo os passos e direcionamento da Pastoral da Juventude do Brasil, o grupo JAC realizou encontros e debates acerca do tema da Violência que está presente em vários registros. Esse assunto é pertinente na realidade maranhense, pois além de muitos jovens serem

¹⁷⁵ SILVA, Liliane da Conceição Rosa. Juventude, violência urbana e racismo: representações sociais sobre o caso de um jovem acorrentado nu. In. CORREIA, Vanessa (org.) *Juventude no mundo contemporâneo: temas em debate*, p.196.

¹⁷⁶ CNBB, Evangelização da Juventude- doc. 85, n. 83, 2012.

brutalmente assassinados no Estado, os jovens perderam um membro do grupo em 2017, o anjo D.B, mais uma vítima da violência e da impunidade na cidade e no Estado.

Entre tantos escritos foram selecionados alguns para representar como a temática se desenvolveu ao longo da caminhada do grupo. Além de terem encontros para debater sobre o assunto, eles participaram da 8ª Romaria Estadual da Pastoral da Juventude do Maranhão em 2014, que reuniu mais de 25 mil jovens, com caravanas das 12 dioceses do Estado. O tema desse evento foi “Juventude em marcha pela vida: chega de violência e extermínio de jovens” e o lema: “o meu desejo é a vida do meu povo” (Est 7, 3b), em minhas anotações de assessoria e segundo o Apêndice C relata-se: “Ao final [...] cada jovem gravou em uma enorme faixa as suas mãos em protesto contra a violência e também o extermínio de jovens.”

Quando os(as) jovens foram questionados no encontro de 07/03/2018, acerca do significado e entendimento da expressão “Violência”, eles apontaram que existem vários tipos de violência, física, verbal, psicológica. Na dinâmica trabalhada sobre o Gato e o Rato, os jovens orientaram a reflexão para despertar em cada membro presente a necessidade de cultivar a cultura da paz, do perdão e do diálogo nas suas ações diárias. Temos o instinto da vingança, do devolver ao outro a mesma atitude quando esse nos feriu. Dessa forma, a violência ganha espaço para crescer dentro e fora de nós. Saber lidar com os conflitos é uma forma de promover uma nova sociedade embasada nos valores da Civilização do Amor. (cf. Apêndice D)

Na ciranda que a PJB compôs para afirmar a campanha “Chega de Violência e Extermínio de Jovens”, o grupo foi se conscientizando do seu papel na sua família, na comunidade e na própria sociedade: “Vamos juntos gritar, girar o mundo. Chega de violência e extermínio de jovens!”.

3.2.1 CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AO CICLO DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Ecoar o grito em defesa da vida da juventude possui força na história da PJ. Poderia mesmo dizer que tal ação está nos fundamentos do Ser e do Fazer da Pastoral da Juventude, já que a PJ nasce com a proposta de evangelizar jovens a partir de jovens, e evangelizar nada mais é do que, animados e animadas pelo Espírito Santo, anunciar a pessoa e a proposta de Jesus Cristo – o Evangelho da vida, e da vida em abundância (Jo 10, 10). A missão da Pastoral da Juventude assim resume-se: “Queremos ser capazes de denunciar as situações de morte, anunciando e testemunhando o Reino de Deus.”¹⁷⁷

¹⁷⁷ SILVA, J; A. (Org.). *Somos Igreja Jovem*, p. 38.

A partir da construção desse debate nacional, e mais uma vez atenta à realidade juvenil e preocupada com os impactos da violência sobre a vida da juventude, as PJs realizaram entre os anos de 2009 a 2015 a Campanha Nacional Contra a Violência e o Extermínio de Jovens. Essa bandeira de luta comum foi articulada juntamente ou em conjunto com as PJE (Pastoral da Juventude Estudantil), PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular) e PJR (Pastoral da Juventude Rural), em âmbito nacional, a partir da 15ª Assembleia Nacional das Pastorais de Juventude, em 2008. Por tratar-se de uma Campanha recente, muitos grupos de hoje mantêm vivas as recordações sobre os grandes feitos dessa ação nos meios juvenis e pode-se dizer que essa foi uma semente muito fecunda para os caminhos da PJ até os dias atuais.¹⁷⁸

Se por um lado compreendemos bem o destaque histórico conferido pela PJ, em determinados momentos específicos, à defesa da vida da juventude e ao combate às violências, podemos também perguntar: Quando surge esta discussão sobre as questões de gênero e particularmente sobre a situação da mulher? O grito pela vida das mulheres vem sendo ecoado (e silenciado) há muito nos espaços da Pastoral da Juventude, assim como em diversos espaços da sociedade. Se retomarmos o debate que o Projeto Nacional “Tecendo Relações” provocou em toda a PJ lá em 2011, vemos que a proposta já convidava a uma contribuição da pastoral “(...) para a construção de relações equilibradas e maduras, tecendo novas relações, a exemplo de Jesus, rompendo com todas as formas de discriminação”.¹⁷⁹ A relevância que se dava às temáticas da sexualidade, afetividade, diversidade e corporeidade, na construção das identidades juvenis, já conferia destaque ao recorte de gênero e às violências que colocam em risco esse processo de construção de indivíduos saudáveis e de uma sociedade mais justa. Aprofundar temas como corporeidade, gênero, violência contra a mulher e violência sexual, de forma articulada com as ações da Campanha contra a violência e o extermínio de jovens, seria um próximo passo a ser dado com coragem.

Como pode-se notar, o grito pela vida das mulheres já vinha ecoando nos meios pastorais. E acabou ressoando ainda mais forte no 11º Encontro Nacional da PJ (ENPJ), em janeiro/2015 na cidade de Manaus/AM, até chegar com força total na Ampliada Nacional da PJ em 2017. Embalados/as pelo compromisso místico de SerTão PJ, e fazendo o caminho de ir às Galileias mais desafiantes junto com o Ressuscitado, as pejoteiras e os pejoteiros, reunidos na ANPJ de Crato, no Ceará, em janeiro de 2017, escolheram como prioridade pastoral no eixo de ação para o triênio 2017 – 2020: Promover uma Campanha para o Enfrentamento dos ciclos de

¹⁷⁸ PASTORAL DA JUVENTUDE. Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher, 2020.

¹⁷⁹ SILVA S. *Somos Igreja Jovem*, p. 118.

violência (simbólica, psicológica, financeira, doméstica, sexual, midiática) contra as mulheres. Um amplo e qualificado debate permitiu perceber que romper barreiras, renovar a esperança e celebrar a vida passava, inevitavelmente, pela defesa da vida das mulheres. A partir de então, a iniciativa foi amadurecendo, tornando-se conhecida e mobilizando os grupos de base, as lideranças, assessores/as e colaboradores/as em todos os cantos do país. Após esse tempo de gestação das primeiras articulações, a Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher foi lançada oficialmente em janeiro de 2018, no 12º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude (ENPJ): A ciranda em defesa da vida das companheiras tornava-se compromisso fundamental para fazer acontecer a festa do Bem Viver.

Nas terras de Rio Branco/AC, da seiva da vida amazônica, o encontro de Jesus com a mulher samaritana vivificou o sagrado feminino em cada um e cada uma, trazendo inspiração, vigor e renovado impulso à realização desta Campanha Nacional no chão das relações entre a juventude, dentro da Igreja, e para toda a sociedade.¹⁸⁰

Assim, a experiência profética acumulada pela Pastoral da Juventude, ao longo dos seus mais de 40 anos de existência no Brasil, foi terreno fértil para a realização hoje da Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher. Todo esse extenso e rico histórico de luta contra toda forma de violência no meio juvenil, bem como de defesa incondicional da vida dos jovens e das jovens, faz com que agora seja possível ampliar e fortalecer os horizontes e os compromissos para transformar esta realidade presente em novo céu e nova terra! Advém então, nestes tempos atuais, com desafios, mas também com incontáveis sonhos, a nova Campanha Nacional da PJ. Se por um lado a discussão e a bandeira de luta contra todas as formas de violência juvenil continuam necessárias, inquietantes e fundamentais na PJ e nos movimentos de juventudes, hoje a pastoral atreve-se a assumir mais este urgente clamor que é enfrentar, específica e corajosamente, as diversas formas de violência contra as mulheres.

A Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher consiste em um conjunto de ações articuladas pela Pastoral da Juventude, em abrangência nacional, a ser desenvolvido no triênio que compreende os anos de 2018, 2019 e 2020, propondo aos grupos de jovens, instâncias de coordenação, assessoria e militância em geral, o debate e o enfrentamento às diversas formas de violência que atingem as mulheres no Brasil. A Campanha precisa ser desenvolvida nas relações internas, na incidência externa, no diálogo e articulação com pastorais e movimentos parceiros, e na construção de novas masculinidades.

¹⁸⁰ Cf. PASTORAL DA JUVENTUDE. *Campanha Nacional contra o Ciclo de Violência às Mulheres*, 2020.

Essa prioridade ousa expor os contextos dolorosos que marcam a vida de tantas mulheres do Brasil, de dentro e de fora da Igreja, bem como trazer para o centro dos espaços formativos e de organização da PJ uma ferida aberta há muito tempo. O cenário nacional da violência mostra dados alarmantes, que inquietam profundamente a todos(as) os(as) cristãos(as).

Segundo o último “Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres”, o Brasil é, infelizmente, o 5º país mais perigoso do mundo para as mulheres viverem: os casos que chegam a ser denunciados apontam que a cada cinco minutos uma mulher é agredida (e em 70% dos casos, o agressor é o próprio parceiro), e treze mulheres são mortas por dia (quase cinco mil mulheres por ano). Uma pesquisa também aponta que 78% das mulheres de 16 a 24 anos já sofreram assédio em locais públicos. Ainda segundo dados do último Mapa da Violência (2015), e falando mais especificamente sobre juventude, aponta-se que a maior incidência de feminicídios concentra-se sobre as mulheres mais jovens, de 18 a 30 anos, e dentre elas, as negras aparecem como as maiores vítimas.¹⁸¹ Se em dez anos os crimes cometidos contra as mulheres brancas diminuíram 10%, os assassinatos de mulheres negras aumentaram 54%. Soma-se a isso o aumento da população prisional feminina: mesmo que essa parcela seja apenas 8% da população carcerária, nos últimos dez anos, houve um aumento de 260% no número de mulheres presas, enquanto o contingente de homens presos aumentou 105%.

O encarceramento do rosto feminino, somado ao processo de feminilização e criminalização da pobreza, é a face mais brutal e cruel do sistema machista e patriarcal vigente. Mais do que isso: pensar o combate à violência contra a mulher significa também compreender e enfrentar o racismo presente nas relações e em todas as instituições, a fim de que, junto com a abordagem de outros marcadores sociais, sejam produzidas estratégias coletivas e plurais para uma luta em defesa da vida integralmente. As diferentes faces da violência contra a mulher, de fato, perfazem uma engenhosa construção cultural, social, histórica, religiosa, política e econômica, relacionada à dimensão do poder entre os gêneros.

A Campanha Nacional da PJ vem apresentando esses dados e provocando todas e todos a refletirem sobre as diferentes roupagens da violência contra a mulher, a fim de que, de maneira reflexiva e profética, sejam promovidas mudanças de comportamentos e mentalidades entre as juventudes comprometidas com a proposta libertária de Jesus¹⁸², como expressa a fala de uma das jovens líderes:

¹⁸¹ Cf. SAFFIOTI, H. *O poder do macho*, p.41.

¹⁸² PASTORAL DA JUVENTUDE. *Campanha Nacional contra o ciclo de violências às mulheres*, 2020.

A PJ tem uma identidade muito forte, somos firmes no que acreditamos, temos fé num mundo onde todos sejam iguais, a tão sonhada civilização do amor, a buscamos diariamente pois como já foi dito, lá iremos encontrar e viver a igualdade como irmãos. Nós repudiamos todo e qualquer tipo de preconceito e discriminação, nós pregamos a igualdade constantemente e defendemos as minorias, como os pobres e marginalizados. (I.S , entrevista realizada via Whatsapp no dia 20/12/2020).

Reconhecer que é preciso rejeitar qualquer tipo de violência, preconceito, machismo, intensamente presentes em nossa sociedade, e diariamente reproduzidos nos meios de comunicação, na escola, na família e nas igrejas, é muito importante para desnaturalizá-los, mas ainda não o suficiente para erradicá-los, o que torna urgente discutir com as/os jovens toda a perversa espiral da violência contra as mulheres: suas raízes, suas consequências, e os caminhos para eliminá-los.

Portanto, compreendo essa Campanha como um espaço em que as pessoas podem tomar consciência das suas opções, sonhos, ações e culturas para construir desde já os sinais do reino de Deus em um País e sociedade ainda muito machistas. Entre as muitas tarefas da Teologia, a de pesquisar realidades das mulheres e promover o autoconhecimento e construção de novas masculinidades torna-se fundamental para examinar criticamente valores institucionais e sociais instituídos como verdades absolutas. Uma Igreja que não consegue ser a extensão de sua Teologia e do Evangelho está correndo sérios riscos de perder a razão de existir. E uma Teologia que não se insere na realidade está fadada ao monólogo e ao descrédito.

Foi com muita coragem que a PJ do Brasil ousou sonhar um caminho de vida plena e direitos dignos para as mulheres. Na incerteza dos nossos tempos, ela ousa trilhar um caminho que seja fiel ao projeto do Cristo libertador, que nos inspira a sermos comprometidos e comprometidas com a causa daqueles e daquelas que sofrem. A Campanha Nacional contra o ciclo de violência às mulheres é tempo propício de preparar o coração para o Jubileu de 50 anos de vida da Pastoral da Juventude no Brasil, que se celebrará em 2023.

A Pastoral da Juventude, em resposta a essa realidade que grita por respostas e ajuda, vem buscando, dessa forma, uma nova linguagem, conscientização e ação para tornar a Igreja mais madura, comprometida, e ciente da sua missão integral na sociedade. A luta pela vida das mulheres deu as mãos a companheiras e companheiros jovens das CEBs de toda a América Latina que juntos dançam uma ciranda, a nossa ciranda, pela vida de tantas mulheres que são diariamente violentadas e mortas sob o sistema patriarcal.

Diante disso, o enfrentamento ao homicídio de tantos jovens e à violência contra as mulheres no Brasil precisa ser uma prioridade das autoridades. É preciso avançar no combate às diversas violências e ao racismo e investir em políticas públicas e na construção de outro

mundo possível. As Campanhas promovidas pelas PJ são, assim, Boas Novas que devemos espalhar e fazer chegar aqui, lá, e em todo lugar como uma pequena semente do Reino. As Campanhas são caminhos, com sangue e flores, que se direcionam para um horizonte repleto de vida.

3.3 FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS

Aprendi a ser líder com Jesus Cristo. Aprendi a ser jovem liderança, jovem filho, jovem igreja. Além de tudo, aprendi a saber me preparar, estudar, buscar meus direitos e deveres. E, por fim, aprendi a sonhar a nossa tão almejada Civilização do Amor. A PJ me ensinou a ser jovem protagonista... Jesus era alegre e ele foi em busca dos pobres e marginalizados. Pra mim isso é ser PJ! (J.F- entrevista realizada, via WhatsApp no dia 24/09/2020)

A Igreja convida todos a se dedicarem às novas gerações, a se empenharem no trabalho de evangelização, para oferecer-lhes uma vida mais digna e um futuro sempre mais alicerçado em Deus. Dentre tantas outras orientações que desde o Vaticano II foram discernidas e prescritas na evangelização da juventude, a Conferência de Medellín destacou a necessidade de proporcionar sólida formação humana e cristã, o sincero permanente diálogo dos ministros com as juventudes e o constante apoio aos movimentos juvenis (cf. DM, 5,3,13-20).¹⁸³

O principal documento referencial da PJB na década de 1980, o documento 44, sistematizou e definiu linhas de ação no ambiente juvenil. Entre as prioridades, a formação de lideranças cristãs em seu meio específico é colocada como um objetivo principal para toda a hierarquia e a própria Igreja. Esse documento foi desenvolvido para discutir especificamente as Pastorais da Juventude, definindo como seu papel: fomentar o senso crítico.

Segundo o fragmento da entrevista com A.L, em sua formação na coordenação do grupo JAC, teve a oportunidade de aumentar seu embasamento teórico e vivencial em âmbito regional, com os demais jovens coordenadores do Estado. Os espaços de capacitação de lideranças em nível estadual potencializaram ainda mais a caminhada dos jovens para exercerem com espírito coletivo o projeto de formação da PJ do Regional Nordeste V. Entre os projetos de formação, A.L destacou a Escola de Espiritualidade da Pastoral da Juventude, em Santa Inês/MA: “A Escola de Espiritualidade também alimentou muito minha caminhada, como jovem e, principalmente como cristã. Me abriu os olhos em muitas questões e com certeza me preparou

¹⁸³ Cf. DANIELSKI, G. *Esperança cristã e juventudes: um encontro de esperanças para a vida da Igreja*, p.41.

para ajudar muitos jovens e até a mim.”. (A.L, entrevista realizada via WhatsApp, no dia 24/05/2020)

Dessa forma a Pastoral da Juventude foi entendendo que a evangelização não poderia ser de qualquer jeito. Precisava ter, além de um rosto jovem, uma organização metodológica que faria os jovens, ao longo do caminho, irem percebendo os passos e os avanços dados no processo formativo. A citação do jovem J.F aponta para o âmbito da liderança a partir da sua identificação com a metodologia da PJ e também a orientação que ele recebeu em seu processo de educação na fé (PEF).

A formação dos jovens, dos grupos e das instâncias que atuam no acompanhamento às juventudes é uma opção fundamental da Pastoral Juvenil na América Latina e as oito linhas de ação do Documento 85 da CNBB, n.97 afirmam: “Quem trabalha na formação de jovens necessita estar atento às cinco dimensões: psicoafetiva, psicossocial, mística, sociopolítico-ecológica e capacitação.”. Por isso, as dimensões da formação integral devem ser pensadas e priorizadas durante todo o seu processo, nas diversas situações, experiências, cultura e nos valores e ideais que ele defende.

A elaboração de um projeto de vida considera as dimensões da formação integral, entendendo a pessoa humana na sua integralidade. Para os jovens da PJ, essa construção parte do seguimento de Jesus Cristo, passa pela perspectiva do acompanhamento, mas não apenas. Os eventos precisam ser flexíveis em chamar os jovens e oferecer-lhes um lugar onde não só recebam formação, mas que também lhes permitam compartilhar a vida, celebrar, cantar, ouvir testemunhos reais e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo (Cf. ChV 204).

Em diversos registros do grupo JAC transparece a preocupação dos jovens com a formação de lideranças dentro do grupo e em outras localidades. Por isso, o grupo cria um evento chamado “Agita Jovem” para atender e validar seu planejamento de acompanhamento aos grupos de base nucleados e para promover a integração dos jovens (Apêndice J). Confirmei relendo todo esse material que os jovens assumiram seu protagonismo e que minha função, junto aos demais assessores, é fazer com que eles entendam que a Pastoral da Juventude é deles. “O jovem deve estar na linha de frente. Deve ser o protagonista. A palavra "protagonista", vem do mundo do teatro. Significa 'ator principal'. O jovem deve estar no palco participando, não sentado no meio da plateia, assistindo passivamente.”¹⁸⁴

Segundo Perondi, o grupo tem uma importante contribuição no processo de socialização dos jovens e na construção de suas identidades, considerando que a juventude constitui um dos

¹⁸⁴ BORAN, Jorge. *Assessor Adulto e Coordenador Jovem: uma parceria invencível*, p.17.

momentos da vida em que o indivíduo questiona, de modo particular, a constituição de si mesmo. No entanto, um grupo também se caracteriza por regras, códigos, normas e linguagens próprias que lhe confirmam uma identidade particular; ter objetivos a alcançar; desenvolver ações; avaliar a sua prática; além de manter encontros regulares.¹⁸⁵

Algumas atividades idealizadas pelo JAC firmaram a identidade grupal e sua meta na formação de lideranças. Os encontros organizados semanalmente por eles, missões jovens, o “Agita Jovem” (encontro dos grupos de base de São Domingos e região, realizado de dois em dois anos), o retiro espiritual “Vem e Segue-me”, visitas às comunidades para ajudar na nucleação de grupos e nos festejos dos respectivos Padroeiros, liderança de trabalhos na comunidade e organização da liturgia na Paróquia.

Eventos como o “Agita Jovem”, como menciona o apêndice “J”, são programados pela equipe de coordenação com a participação de todos os membros do grupo, desde as palestras, hospedagens, celebrações, atividades recreativas e culturais e a infraestrutura (alimentação, ornamentação, música, etc.). Segundo o apêndice J, os assuntos apresentados em encontros organizados pela Pastoral da Juventude priorizam a espiritualidade, a vivência eclesial, bem como a visão sociopolítica. Os debates acalorados nos grupos formados, suscitam nos jovens um posicionamento, análise crítica e a escuta sobre os anseios e lutas das juventudes. A temática “Feitos para sermos livres e não escravos”, como o do IV Agita Jovem, suscitou nesses jovens a sede de transformação e a busca de seus direitos dentro e fora da Igreja e sociedade.

De acordo com Sofiati, a PJB redireciona sua formação, buscando um equilíbrio entre o aspecto espiritual e político, porém, com predominância da espiritualidade, caracterizada pela ênfase na formação bíblica e litúrgica. A interpretação do processo de formação da PJB, seus métodos pedagógicos e suas opções políticas possibilitam o entendimento do que representa o modelo da Igreja Católica, fundamentado pela TdL, no contexto religioso, social e nacional.¹⁸⁶

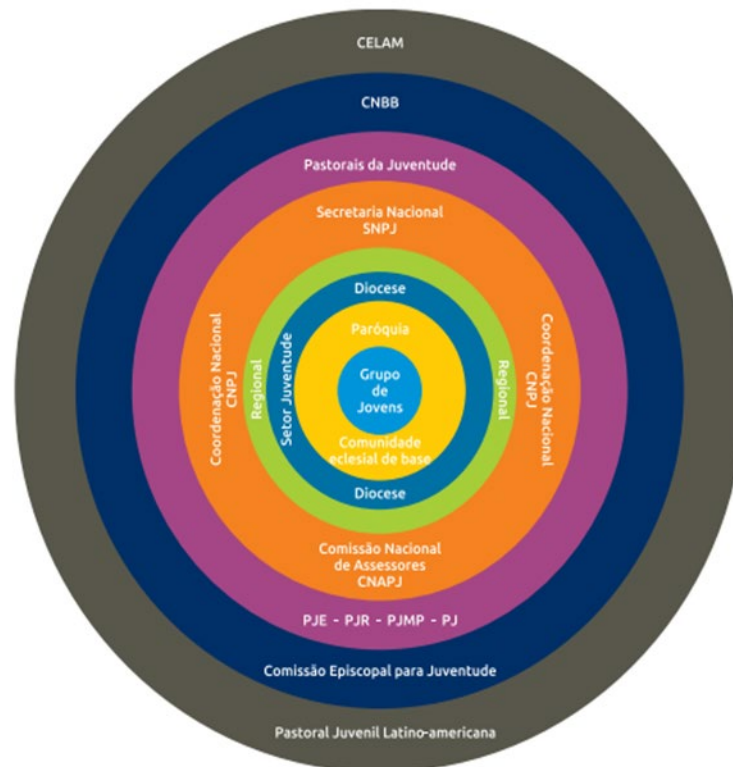
Em outro momento formativo relatado pela secretaria do grupo no apêndice E, os jovens puderam conhecer melhor a organização da PJ em nível de Pastoral Juvenil latino-americana. A Pastoral da Juventude é uma organização formada por muitas lideranças jovens e adultas; é uma rede tecida de várias cores, mas que trabalha de forma muito articulada e relacionada. Existem encontros, assembleias, reuniões e outras formas de organização na Igreja em relação à evangelização da juventude. Elaboram-se planos e atividades para que todos os grupos do Brasil possam participar da mesma caminhada. É algo grandioso, porque é feito por muitos jovens.

¹⁸⁵ Cf. PERONDI, M. *Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil*, p.51.

¹⁸⁶ SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica – O novo discurso da Teologia da Libertação*, p. 18-19.

Conforme a figura abaixo, percebemos que sua articulação ocorre em âmbito latino-americano, nacional, regional, diocesano, zonal (área que abrange várias paróquias), paroquial e local (comunidades e grupos de jovens). Percebemos que o centro do processo está voltado para o grupo de jovens, mas tudo está interligado nessa grande conexão que é a evangelização.

Figura 8: Organização da Pastoral Juvenil Latino-americana



Fonte: Livro “Somos Igreja Jovem”, 2012, p. 133.

Nessa grande rede chamada PJ, cada parte pode ser comparada a uma instância organizativa que possui características, composição e tarefas próprias, por isso, é importante que todas as partes estejam unidas e integradas, cumprindo bem os seus trabalhos para que a rede possa cumprir seu principal objetivo na construção do Reino de Deus no meio das juventudes.

3.2.1 A NUCLEAÇÃO

Na Pastoral da Juventude a nucleação é a fase na qual os jovens são convocados, respondendo afirmativamente e iniciando sua participação nos grupos de jovens. Isso acontece

através da amizade, de convite pessoal, cursos, convites por meios específicos, encontros, preparação para o Crisma, catequese permanente, convites de massa e outras formas. Exige um processo de nucleação. A participação da comunidade eclesial aos jovens é fundamental para sua acolhida e identificação com essa comunhão mais ampla.

A nucleação é algo simples, marcado pelo momento em que os jovens são convocados para participarem de um grupo. Porém, a estratégia para formar esses grupos precisa ser atrativa, pois os jovens hoje não vêm espontaneamente como em outros tempos. Hoje eles possuem outras atrações para ocupar seu tempo livre. A formação de novos grupos é a vida ou é a morte da PJ.¹⁸⁷

Num dos momentos de revisão da prática pastoral, um dos assessores jovens comentou:

Avalio nosso processo de nucleação como uma boa caminhada, tem grande potencial de mudança e acolhimento dos menos favorecidos. Porém, os grandes desafios que a PJ enfrenta creio que sejam adaptar o novo à sua identidade e responder aos anseios da juventude. A PJ em nível paroquial está indo bem, estamos acompanhando os grupos ativos. Mas o nosso objetivo é, assim que passar a pandemia, retomarmos os desafios para nos integrar à realidade da nossa pastoral diocesana e nacional. (J.F, entrevista realizada via WhatsApp no dia 24/09/2020).

Para que o processo de nucleação aconteça são utilizadas metodologias que valorizam o acolhimento pessoal, a promoção da participação, a integração e a organização grupal, levando em conta o valor da vida em grupo e suas exigências. A nucleação, portanto, é uma etapa da pessoa e do grupo. Etapas ajudam a iniciarmos uma viagem empolgante e saber onde queremos chegar. Um grupo de base também precisa perceber suas etapas e evolução, assim como cada membro deve ter clareza de onde quer chegar dentro da caminhada junto aos demais membros. Vão sempre surgindo novos desafios e motivações que tornam uma caminhada mais assumida e decisória.

Uma das atividades que foi realizada pelo JAC, com outros grupos e a assessoria, foi a organização de uma grande missão jovem na área rural, no setor Rogacionista (Cf. Apêndice I). Os jovens visitaram cinco comunidades e relatam com alegria a acolhida e a grandiosidade de uma Missão Jovem que teve como objetivos nuclear novos grupos de jovens, incentivar os jovens e os adultos a vivenciar sua fé em Jesus e incentivar as lideranças juvenis a fazerem um processo de formação na ação, isto é, vivenciarem na prática o anúncio da Palavra de Deus a tantas famílias que precisam da evangelização.

¹⁸⁷ Cf. BORAN, Jorge. *O Futuro tem nome: Juventude*, p. 190.

No relato da secretaria e da assessoria, transparece a responsabilidade com que a maioria dos jovens missionários assumiu esse serviço e a organização dessa atividade: divisão de equipes, duplas ou trios missionários. Vivenciaram uma experiência de escuta, oração com o povo, partilha da vida, organização das celebrações e visitas, bem como despertar nos jovens daquelas comunidades o desejo de formarem grupos de base. Para a alegria dos pejoteiros foram nucleados três grupos naquela região. Os apêndices E, F, G e I confirmam a meta da assessoria e de lideranças do grupo JAC em nuclear novos grupos nas comunidades, bem como proporcionar momentos formativos sobre a PJ para que todos tivessem uma boa integração, conhecimento aprofundado sobre a identidade da PJ e trabalho em conjunto (representatividade na coordenação paroquial). Ao todo foram nucleados, entre os anos 2013 e 2018, dezoito novos grupos na área urbana e rural.

O CELAM recorda que Deus fez os jovens, na história, portadores de boas notícias para seu povo: Gedeão, Davi, Ester, Jeremias, Maria, escolhida para ser a mãe de Jesus, e que nos deu o que ele é pessoalmente no Evangelho. Jesus de Nazaré chama os jovens para serem os evangelizadores do mundo juvenil, possibilitando situarem suas vidas no processo da História da salvação, construindo um projeto de vida coerente e pleno. O CELAM incentiva o jovem a ser evangelizador do jovem; a despertar novas lideranças proféticas; a ter um claro projeto de libertação; a fazer e renovar sempre a opção pelos pobres e pelos jovens; a ter mais fome de Deus, do que de pão.¹⁸⁸

À medida que os jovens assumem seu protagonismo vai-se gerando uma consciência conscientizada, segundo Eggert. A autora afirma que no processo de evangelização é importante também ter presente a possibilidade de heterogeneidade da consciência que permite ter nas experiências um novo conceito e novas metodologias. Há uma vasta relação com os saberes gerados como numa experiência missionária na qual a cultura, o corpo, os sentimentos de cada pessoa, presentes em um projeto, vão gerando um trabalho comunitário mais amplo.¹⁸⁹

Portanto, o processo de nucleação possibilita ao jovem crescer como “gente” e como “agente”. Experimentar um caminho de crescimento e realização pessoais na comunhão com Cristo e com os demais e na ação transformadora da realidade.¹⁹⁰ Além de ser um processo pessoal, o exercício da militância leva o jovem a assumir nas ações cotidianas do grupo a sua

¹⁸⁸ Cf. CELAM. *Pastoral da Juventude* – Sim à Civilização do Amor, p. 123.

¹⁸⁹ EGGERT, Edla. Educação Popular e a “conscientização” de quem “conscientiza”: o feitiço que vira contra a feiticeira. In: BOBSIN, Oneide (Org.). *Desafios Urbanos à Igreja: estudos de casos*, p.116

¹⁹⁰ Cf. TEIXEIRA, Carmen (org). *Passos na Travessia da Fé*, p.50.

participação e liderança. As pequenas ações que o grupo planeja e desenvolve são muito importantes dentro do desenvolvimento individual e comunitário.

3.2.2 O DESPONTAMENTO DAS LIDERANÇAS (COORDENADORES E ASSESSORES)

“A Pastoral da Juventude é a maior escola de formação de lideranças da Igreja.” A afirmação é de Dom Vilson Basso¹⁹¹, ex-presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB, exaltando a caminhada da Pastoral da Juventude em mais de 40 anos de serviços prestados à Igreja no Brasil, feita na abertura do 11º. Encontro Nacional da Pastoral da Juventude ocorrido na cidade de Manaus, no Amazonas, em janeiro de 2015.

Falar de liderança de grupo é falar da pessoa ou de pessoas que exercem notável influência sobre os membros do grupo. Não se trata, portanto, de um assessor ou simplesmente do coordenador do grupo. Trata-se de um ou mais integrantes que contribuem na dinâmica do grupo, exercendo, portanto, uma liderança que arrasta ou aglutina os demais integrantes. Devido a essa influência, acontece, quase sempre, que os líderes exercem a função de coordenador do grupo. O líder caracteriza-se pelas suas qualidades e sua capacidade de ajudar o grupo a integrar-se, unir-se, entender-se, perseverar e realizar seus projetos e objetivos. Uma boa liderança trata de valorizar todas as pessoas que integram o grupo, apoiá-las sem impor-se, questionar e incentivar a comunicação e participação.

A PJ me levou ao meu máximo em cada evento ou encontro a ser realizado. Foram nesses momentos que eu soube que sim, eu sou capaz de tudo para servir a igreja que eu tanto amo e acredito. Na PJ eu aprendi a como trabalhar em conjunto com os meus irmãos, pois mesmo sendo uma liderança dentro da pastoral, eu sempre precisei da opinião e ponto de vista de cada membro do grupo. (I.S, entrevista realizada via WhatsApp no dia 20/12/2020).

Nesta citação acima do jovem, o assessor precisa parar e com toda sinceridade refletir sobre uma questão: que tipo de jovem estou ajudando a formar? A assessoria pode formar jovens seguidores ou líderes. Pode formar gente que pensa, que tem personalidade própria e, portanto, pode discordar dele ou pode capacitar pessoas que não sabem elaborar um discurso próprio e que serão facilmente manipulados pelos outros.¹⁹² A formação de bons líderes é uma das chaves para o bom andamento do grupo. Muitos grupos não crescem e outros acabam

¹⁹¹ Religioso da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus – Dehonianos. Foi assessor nacional da Pastoral da Juventude do Brasil, no Setor Juventude da CNBB, de março de 1994 a fevereiro de 1998. Foi Bispo da diocese de Caxias do Maranhão no tempo em que estive na assessoria diocesana. Atualmente bispo da diocese de Imperatriz- Maranhão.

¹⁹² Cf. BORAN, Jorge. O Futuro tem nome, p.299-300.

morrendo por causa de falsos lideranças ou falta de lideranças. Todo grupo em processo de amadurecimento atravessa situações críticas que podem deixar como saldo a rotina por acomodação, a morte por desintegração, ou então o crescimento por superação da crise, como expressa a jovem coordenadora:

A caminhada da PJ é e sempre foi muito forte, e sem dúvidas tivemos os nossos momentos de fraquezas como qualquer outro grupo, mas conseguimos nos reanimar e trazer novos jovens para conhecer e participar dessa linda pastoral. Dentro da PJ eu desenvolvi várias coisas que eu mesma não sabia que era capaz, uma delas é a de liderar um grupo, nesse tempo da minha vida eu desenvolvi uma maturidade imensa que me fez como pessoa, sem dúvidas foi essencial para a minha adolescência e crescimento emocional e como pessoa. Na PJ eu descobri a minha desenvoltura com a voz, desde então venho ajudando no ministério da própria pastoral, sou muito grata por ter esse reconhecimento e poder ajudar com tudo isso. (I.S, entrevista realizada via WhatsApp no dia 20/12/2020).

Em diversos momentos o grupo JAC relatou que passou por crises de liderança, seja por falta de líderes preparados ou porque os líderes formados saíram do grupo, na maioria das vezes para poder estudar e formar-se, fora da cidade de São Domingos. Os jovens relataram experiências que os fizeram perceber a necessidade de sempre prepararem novas lideranças. Alguns grupos nucleados pela assessoria não continuaram suas atividades porque não formaram novos líderes ou alguns não souberam descobri-los e despertá-los. Mas as experiências de liderar um grupo possibilitou-lhes reassumir a causa e a organização com coragem e buscar alternativas para continuar animando os membros. No testemunho de um coordenador, no apêndice G, fica evidente o quanto um processo formativo e vivencial contribui para o crescimento pessoal e grupal: “O coordenador deve ser prestativo e observador, não deve ser orgulhoso e ficar só em torno do 'eu', mas, estar atento às necessidades do grupo e, principalmente, conhecer cada participante.”.

Um dos grandes objetivos do grupo JAC e dos assessores é o despontar novos líderes na coordenação e acompanhamentos dos jovens dos grupos (Apêndices E e H). Através dos encontros formativos e orientativos, do resgate da história e identidade da PJ, uma equipe de jovens e assessores organizou dois momentos: a Escola de Formação do Zonal (ESFORZO) e a Assembleia Paroquial da PJ de São Domingos. A escola de formação promoveu a capacitação de novos coordenadores através de temas ligados à PJ, além de oportunizar a participação de outros jovens que demonstraram lideranças nos grupos. Foram realizadas palestras, oficinas de dinâmicas e músicas para qualificar o trabalho dos jovens e para que esses tivessem mais ferramentas na preparação dos encontros de seus respectivos grupos. Foram distribuídos

materiais de estudos da PJ, CD de músicas, folhas de cantos com músicas pejeiteiras, e livros de oração usados nas bases com Salmos bíblicos, chamados Ofício Divino da Juventude (ODJ).

Além desse momento, outras atividades fortaleceram a integração dos grupos e a capacitação das lideranças, como a II Assembleia Paroquial da PJ (Apêndice G). Os apêndices E, F e G foram momentos importantes para o despontamento e investimento humano das lideranças juvenis. A Assembleia Paroquial foi um espaço de vivências e de aprofundamento da mística e identidade da PJ. Foram contemplados temas como a herança e a história da Pastoral da Juventude, políticas públicas para as juventudes, nos quais os grupos se reuniram para entender mais a importância dessas políticas e apresentaram propostas das equipes formadas, mostrando o despertar de uma consciência coletiva voltada a temas como cidadania, ecologia, educação, emprego e política.

Dentro das temáticas voltadas às novas gerações dessa cidade, os jovens compreenderam que precisavam assumir um perfil de liderança, serem prestativos, atentos às necessidades dos seus grupos, conhecendo os participantes, sendo amigos e fazendo a opção clara pelos empobrecidos. Através desses momentos, percebi o quanto estávamos em sintonia com a Igreja, com as propostas da PJ Nacional, contando sempre com o apoio e sintonia da Pastoral da Juventude Diocesana.

Nesses espaços formativos oportunizados pela assessoria, com a colaboração de lideranças do grupo JAC, foram atingidas diversas metas na formação de novos coordenadores e assessores. Segundo Boran, o jovem só adquire responsabilidade exercendo-a, colocando-o em situações reais, ajudando a tomar decisões e assumindo o compromisso pela condução da pastoral. Através dessas ações, a teoria e a práxis vão se entrelaçando e o jovem vai se formando na ação.¹⁹³

¹⁹³ BORAN, Jorge. *Futuro tem nome*, p.301.

CONCLUSÃO

O Concílio Vaticano II caracterizou-se pela abertura e olhar de reconciliação para com a humanidade em suas complexas realidades. Além de dar maior visibilidade ao papel positivo e participativo da fé católica na sociedade, a Igreja integrou os jovens no cenário dos temas conciliares. Seguindo as inspirações e posicionamentos eclesiais, a Igreja do Brasil, em comunhão com as Conferências latino-americanas, afirmou sua opção afetiva e efetiva pelas juventudes.

Desse modo, recordando novamente o documento nº 85, a Igreja do Brasil conclama todos a perceberem a importância fundamental em proteger e apoiar as juventudes, parcela tão significativa de nossa Igreja e sociedade em todos os seus âmbitos, e em especial na promoção da vida. As Diretrizes reforçam ainda a importância das pastorais da Juventude e essas não devem ser apenas um instrumento para reunir os jovens, mas, com objetivos específicos e claros, devem auxiliar os jovens a trilhar o seu futuro.

O Papa Francisco tem afirmado que são os jovens que podem ajudar a Comunidade cristã a não cair na corrupção e a não se acomodar, estar perto dos últimos e descartados, lutar pela justiça, deixar-se interpelar com humildade (ChV n.37). Sua esperança e amor aos jovens é evidente. O futuro e o presente da Igreja, Corpo de Cristo, passam, sobretudo, pela fé e pela renovação trazidas pela juventude. Sua presença efetiva e dinâmica na Instituição Eclesial é fator primordial para a continuidade da construção do Reino de Deus.

A juventude que nos grupos de base, na militância, na assessoria e no acompanhamento, participa ativamente da Pastoral da Juventude apresenta-se hoje como grande desafio para a Igreja e sua forma de pensar pastoralmente, pois ela participa de toda uma mudança de época e de valores. Em vários momentos de sua história os jovens precisaram posicionar-se em lado oposto à história, às lideranças e ao senso comum da maioria das pessoas que não se comprometeram com uma dimensão sociopolítica da fé. As juventudes, apesar de suas contradições, crises e desafios, expressam sua fé das mais diversas maneiras, participam das igrejas e da sociedade em geral, mantendo-se, contudo, segundo suas experiências profundas do Deus da vida, fiéis ao Evangelho.

Diante de diversos fenômenos pelos quais passam, as juventudes contemporâneas requerem disposição para uma imersão em profundidade, em um cenário variado, multifacetado e, ao mesmo tempo, rico e repleto de significados. A figura do poliedro citada pelo Papa

Francisco no Documento *Fratelli Tutti*¹⁹⁴, retrata como deve ser a Igreja de Jesus Cristo: “É o poliedro, onde ao mesmo tempo que cada um é respeitado no seu valor, o todo é mais que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas.” (FT n. 145). Essa pode atrair os jovens com sua riqueza, sua herança e sua beleza. Porém, é necessário também que a igreja vá ao encontro das juventudes, compreenda sua diversidade de contextos, trajetórias e experiências que são vivenciadas por eles.

A evangelização da juventude interessa muito à Igreja e aos seus pastores. Temos um compromisso sério com a formação das novas gerações que, pressionadas por tantas propostas de vida, necessitam de muito discernimento, de coragem, de verdadeiros caminhos e, principalmente, de nossa presença amiga. Os jovens têm o direito de receber da Igreja o Evangelho e de ser introduzidos na experiência religiosa, no encontro com Deus e no contato com as riquezas da fé cristã. Os jovens, de fato, querem ser ouvidos, reconhecidos, acompanhados e querem que sua contribuição seja valorizada e útil no campo social e eclesial.

No processo de escrita da dissertação também me senti desafiada a escrever e reescrever diversas questões, em um exercício que se constituiu como muito positivo para o aprendizado autobiográfico. Revisar a caminhada e avaliar o que foi realizado fez-me perceber o quanto o investimento na formação da juventude é primordial para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e responsável por sua história.

Considero que tais elementos contribuíram para o desenvolvimento intelectual e possibilitaram avançar na compreensão dos processos investigativos, de análise e de sistematização. Outro aspecto que, desde o início do curso de Mestrado era uma das preocupações, diz respeito ao papel de quem pesquisa junto ao coletivo da pastoral, da qual fiz e faço parte e trabalho há vários anos. Creio que a abertura para buscar embasamento teórico e metodológico não apenas na Teologia, mas em outras áreas, contribuíram para que eu me apropriasse mais das temáticas sobre a juventude e o desafio que segue é o estudo das novas gerações.

A metodologia do uso de registros e as entrevistas que, devido à pandemia do COVID-19, precisaram ser de modo digital, contribuíram de forma decisiva para minha pesquisa de

¹⁹⁴ Na nova Encíclica, *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco afirma que, *o amor que se estende para além das fronteiras está na base daquilo que chamamos ‘amizade social’ em cada cidade ou em cada país, condição para uma verdadeira abertura universal* (nº 99). Tal universalismo não se confunde com a globalização desses últimos anos, que promove *‘ domínio homogêneo, uniforme e padronizado numa única forma cultural imperante* (nº 144), mas ele constrói uma sociedade poliédrica *onde ao mesmo tempo que cada um é respeitado no seu valor, o todo é mais que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas* (nº 145). FRANCISCO, PP. Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

campo. Além disso, possibilitou que eu pudesse perceber a forma como os jovens, especialmente as jovens que registraram as atividades nos grupos, manifestaram suas opiniões e aprendizados a partir de seus próprios processos de escuta, atenção e reflexão a respeito, manifestando-os de viva voz, tomando direções inusitadas indo além das respostas ao conjunto de questões que eu tinha previamente preparado.

A urgência de tempo disponível dentro de dois anos de pesquisa do mestrado, a difícil escolha de quais temas serem desenvolvidos dentro dos registros para aprofundar melhor a discussão acerca de todo esse material coletado como *corpus* empírico da pesquisa, ampliando o diálogo através de entrevistas com jovens do grupo JAC e outros autores que discutem a temática das juventudes, foi um enorme desafio. Analiso agora ao começar a me distanciar um pouco do texto, que devo seguir considerando esse material como fonte para futuras pesquisas.

Contudo, persiste o desafio de continuar desenvolvendo pesquisas articuladas com referenciais teóricos, objetivando ampliar a discussão relativa à realidade das juventudes e seus saberes e experiências. Finalmente, no que concerne à experiência a um só tempo formadora e socializadora da PJ, é indiscutível sua relevância entre os jovens. Trata-se de um espaço não apenas de exercício de uma mística religiosa e uma prática institucional da Igreja, mas sobretudo de vivências repletas de possibilidades de acolhida e escuta, identificação e pertencimento, exercício da autonomia e comprometimento, enfim, do vislumbre de projetos de vida presentes e futuros.

Em um mundo globalizado e globalizante, são poucas as iniciativas ousadas e novas para evangelizar a juventude. A PJ é detentora dessa iniciativa, pois a cada década, procura através dos seus grupos de jovens nas Comunidades Eclesiais de Base, através de suas coordenações paroquiais, diocesanas, regionais, adaptar-se ao processo evolutivo sociocultural, político-econômico e religioso da qual faz parte. Sua história e o seu serviço prestado à Igreja e ao Povo de Deus é longa, permeada de conquistas e fracassos, sem nunca deixar cair a profecia.

Os registros relatados pelo grupo JAC evidenciam que os jovens são um lugar teológico, seja em sua forma de buscar sua identidade e mística de Pastoral da Juventude, seja por meio dos temas escolhidos e voltados para o fim da violência e morte de jovens, à formação de lideranças. Na temática sobre a violência confirmo que esse tema influenciou muito a formação e a conduta dessas juventudes, na cidade de São Domingos. O grupo manifestou-se através de passeatas pela paz, *flash mobs*, de visitas às comunidades, de encontros voltados para os valores do Evangelho como o perdão e a misericórdia, que eles levantam a bandeira da paz e querem ser a Civilização do Amor. Mesmo o grupo tendo sofrido profundamente a perda de um jovem,

eles se fortaleceram após o fato e uniram-se ainda em ações que revelaram que eles abraçam a causa da justiça e da paz, sem a violência. Portanto, as campanhas contra a violência contribuíram na formação da consciência, no exercício da não-violência em palavras e ações, entre eles e no meio em que convivem, bem como, em práticas visíveis dentro da cidade, na opção desses jovens pela defesa da vida.

Na formação de lideranças, os jovens sempre lembram que no centro da palavra pastoral está presente o pastor, o Cristo. Eles, enquanto lideranças cristãs, mesmo com as diversas dificuldades financeiras, de locomoção, com pouco apoio das comunidades, não deixaram de ir aos encontros, buscar capacitação para prepararem-se como lideranças, cobrando sempre da assessoria ajuda e presença. Foram muitas lideranças formadas no grupo JAC que continuam sua militância no grupo ou em outros espaços, levando a semente da boa nova a tantos jovens pelos quais eles continuam doando suas vidas e entendendo que seu papel de líder continua, como expressou o jovem coordenador:

[...], mas tentando colocar em palavras, a identidade da PJ me traz a ligação do eu com o próximo e com Deus, nos mostrando a trindade perfeita, sem falar que o modo como essa identidade se constrói no decorrer dos anos é algo singular e fortemente enraizado em todos os pejoteiros. (E.H., entrevista realizada via *WhatsApp* no dia 24/09/2020).

O que identifica de fato a PJ, seguindo os passos do Mestre de Nazaré, é o relacionamento de irmãos e irmãs, que confrontam a vida com o Evangelho e a partir daí formam lideranças jovens que irão atuar nas Comunidades Eclesiais de Base e na sociedade, como bem comentou o coordenador na entrevista acima. No grupo JAC, nas reuniões do grupo, foi gratificante encontrar jovens que se reúnem para rezar, debater, discutir sobre a realidade brasileira, sobre diversos problemas, inquietações, ou simplesmente revisarem suas vidas juntos.

O saber da experiência que eles vivenciaram e adquiriram nas diversas respostas que foram acontecendo ao longo desses anos de acompanhamento oportunizaram-me compreender que o assessor precisa ser como o profeta João Batista quando se referia a Jesus: que ele(s) cresça(m) e eu diminua. No saber da experiência ao longo da vida, vamos dando sentido ao acontecer que nos acontece, como afirma Larrosa.¹⁹⁵ O acontecimento pode ser comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida.

Constatarei que foram muitos os saberes adquiridos pelo JAC ao longo do seu processo teológico-pastoral. Esses saberes identifiquei-os como aprendizados relativos às verdades sobre

¹⁹⁵ Cf. LAROSSA, Jorge. *Tremores*, p.32.

Jesus Cristo, sobre a Igreja, sobre a sociedade e a capacitação de lideranças. Na construção das identidades, nas mudanças de si, nos modos de ser, nos valores, na superação da timidez, no saber expressar-se, na identidade cristã e latino-americana, na manifestação da opinião própria, da criticidade, da autonomia, do equilíbrio pessoal, do protagonismo, da politização, do projeto de vida e da espiritualidade, os jovens vivenciaram intensamente inúmeros momentos de aprendizagem e partilha. Por fim, foram saberes práticos, relacionais e técnicos, como organizar eventos, secretariar, escrever correspondências, preparar um curso, ter expressão oral, fazer relatórios, elaborar projetos financeiros, organizar viagens, aprender a coordenar, usar diferentes linguagens e práticas de leitura, aprender a respeitar opiniões diferentes, preocupar-se com os outros, ter responsabilidade com o grupo, ter compromisso, escutar os demais e saber perdoar. O aprofundamento da história, metodologia e espiritualidade da PJ, trabalhados com os jovens ao longo dos anos, contribuíram para que esses assumissem com alegria e compromisso serem Pastoral da Juventude, como o JAC idealizou desde seu início, ser uma juventude missionária.

A Pastoral da Juventude possibilita saberes para uma Teologia que vê na jovem e no jovem um lugar teológico. Entre os tantos saberes que os jovens vivenciaram e potencializaram no grupo como aparece em todos os registros, destaco, além dos já mencionados, a capacidade de ser missionários e atender e acompanhar as diferentes realidades juvenis, presentes na cidade de São Domingos. A meta em nuclear grupos, contribuir na formação da mística da PJ para as novas lideranças do próprio JAC e para os grupos que esse acompanhou, comprova que os jovens evangelizam os jovens e vivenciam uma Teologia que é adquirida na oração, nos estudos, na amizade, no serviço à comunidade, nas festas, na convivência e é transmitida em uma bonita relação da fé com a vida. O grupo JAC tem a visão de Cristo como um jovem missionário, apaixonado pelo Reino, perseverante e incansável em buscar as ovelhas desgarradas e perdidas no mundo das drogas, da prostituição, do crime e das tantas violências que ora sofrem, ora acontecem.

Na identidade assumida pelo grupo, ser e viver a missão é fazer com que os jovens concretizem seu lugar teológico, um novo areópago, onde a revelação de Deus pode ser ouvida e acolhida. Nesse processo que os jovens pejeiros continuam vivenciando no grupo, eles continuam formando-se e articulando-se com uma fé intelectual de uma reflexão coerente e significativa transmitida nos encontros e formações, acrescidos de uma relação dialógica e amorosa de Deus para com eles.

Manter viva a memória dessas experiências é garantir novas sementes e possíveis frutos. Tudo o que foi dito pelas gerações que nos antecederam e que colocaram em prática os

ensinamentos do Concílio Vaticano II, das Conferências de Medellín e de Puebla, pode e deve ser revisitado e colocado em prática. Não há tempo ruim para visitar as fontes. Portanto, a opção pelos jovens é uma “prioridade pastoral histórica, na qual se deve investir tempo, energia (pessoas) e recursos (financeiros)” (Doc. Final do Sínodo, n. 119).

As juventudes são um lugar teológico, onde Deus fala a todos por meio deles. Saber interpretar essa Teologia que os jovens ensinam passa pela escuta, atenção e opção preferencial pelas novas gerações. A mentalidade da Igreja ainda precisa ser mudada, a fim de acolher os jovens, desenvolver com eles um itinerário e formação que lhes dê voz e espaço. A juventude, em todas as dimensões, deve ser prioridade pastoral de nossa época e, por isso, é preciso investir tempo, energia e recursos. Acreditar no protagonismo juvenil é um convite a assumir seu dinamismo, seus ideais, desafios e manifestações, lugares onde Deus nos fala, pois todos os jovens, sem exclusão, estão no coração de Deus e da Igreja. Por isso, a Igreja é chamada a “uma mudança de perspectiva”: por meio da santidade de tantos jovens, dispostos a renunciar à vida em meio a perseguições para permanecerem fiéis ao Evangelho, ela é desafiada a renovar o ardor espiritual e seu vigor apostólico.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMO, Helena W. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Página Aberta LTDA, 1994.
2. ABRAMO, Helena W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
3. ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude, Violência e Vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: Unesco, 2002.
4. ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary Garcia. *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: Unesco, 2006.
5. ALMEIDA, Isabella. *Cinco conselhos de Dom Bosco para a educação dos jovens*, 2015. Disponível em: < <http://portal.salesianos.br/Noticia/194/5-conselhos-de-Dom-Bosco-para-a-educacao-dos-jovens>>. Acesso em: 22 dez.2020.
6. AQUINO, Maria P. *A teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina*. Trad. Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1997.
7. AQUINO JÚNIOR, Francisco. Sobre o conceito "lugar teológico". *Revista Eclesiástica Brasileira*. v.70, n. 278, págs. 451-453. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.
8. ARENS, Bernard. *A Bem-Aventurada Júlia Billiart*. Passo Fundo: Berthier, 2001.
9. ARI, Reis dos. (org). *Metodologia da Ação Evangelizadora: uma experiência no fazer teológico-pastoral*. Passo Fundo: Berthier. 2008.
10. ÁVILA, Fernando Bastos. *Pequena Enciclopédia de Doutrina Social da Igreja*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1993.
11. BARBOSA, Zulene Muniz. O Maranhão neoliberal: uma contraditória lógica capitalista In: MOTTA, Célia Maria. *Maranhão, Brasil*. São Luís: Editora UEMA, 2006.
12. BARBOSA, Viviane de Oliveira. *Mulheres do babaçu: gênero, maternalismo e movimentos sociais no Maranhão [Tese]*. Niterói/RJ: Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1449.pdf>
13. BARTRA, Eli. Acerca de la investigaci3n y la metodologia feminista. In: BLAZQUEZ, Norma; PALACIOS, Fátima, EVERARDO, Maribel (Coord.). *Investigaci3n feminista: epistemología, metodología y representaciones sociales* p. 67-77. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades Facultad de Psicología, 2012.
14. BENINCÁ, Elli. A Práxis Pastoral. *Revista de Educaç3o - ITEPA*. Passo Fundo/RS: ITEPA, Ano XVIII, n. 63, nov. p. 07-36, 2001.
15. BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral: mística do discipulado missionário*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

16. BENTO XVI. *Encontro com os Jovens, discurso do Papa Bento XVI*, São Paulo, quinta-feira, 10 maio de 2007. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil.html. Acesso em 28 maio de 2020.
17. BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3 impr. São Paulo: Paulinas, 1987.
18. BINGEMER, M. C. L., El concilio y la emergência del laicado BINGEMER, M. C. L., El concilio y la emergência del laicado. In: *Revista Internacional de Teologia Concilium*, Vaticano II: 50 años después, n. 346, Verbo Divino, jun. 2012.
19. BORAN, Jorge. *Assessor Adulto e Coordenador Jovem: uma parceria invencível*, São Paulo: CCJ, 2020.
20. BORAN, Jorge. *O futuro tem nome, Juventude: sugestões práticas para trabalhar com jovens*. São Paulo: Paulinas, 1994.
21. BORAN, Jorge. *Juventude, o grande desafio*. São Paulo: Paulinas, 1989.
22. BRAGA, Kátia de Sousa. *Pastoral da Juventude: O protagonismo do jovem no cenário político de Caxias na década de 80* [Monografia]. Caxias do Maranhão/MA: UEMA, 2005.
23. BRASIL. [Estatuto da Juventude (2013)]. *Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatas*. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013. 103 p.
24. CHARLOT, Bernard (Org.). *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2000.
25. CHARMOT, François. *Na luz da Trindade: espiritualidade de Santa Júlia Billiart, fundadora das Irmãs de Notre Dame*. Tradução de Odila Queiroz, Irmã Fátima Maldaner. Passo Fundo: Berthier, 2007.
26. CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2008.
27. CHAUI, Marilena. Ética e Violência no Brasil. In: *Revista Bioethikos*. São Paulo, v. 5, n. 4, p 378-383. 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/bioethikos/articulo/etica-e-violencia-no-brasil>. Acesso em: 27 de julho de 2020.
28. CNBB. *A Civilização do Amor, expressão do bem-aventurado Papa Paulo VI*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/a-civilizacao-do-amor-expressao-do-bem-aventurado-papa-paulo-vi>. Acesso em: 29 maio de 2020.
29. CNBB. *Marco referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. Coleção Estudos Num. 76. São Paulo: Paulus, 1998.
30. CNBB. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Coleção Documentos da CNBB número 85. São Paulo: Paulinas, 2007.

31. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*, 18 de novembro de 1965. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. n.1331-1459.
32. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). 4. ed. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 2007. (Documentos da Igreja).
33. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais*. Documentos da CNBB – 85. Brasília: Edições CNBB, 2007.
34. CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO – AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Medellín – A Igreja na Atual transformação da América Latina à Luz do Concílio*. 8º ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
35. CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Conclusões da conferência de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
36. CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 7. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2008.
37. CELAM-CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, *Civilización del amor: Proyecto y misión*. Bogotá: Celam, 2013.
38. CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Civilização do Amor: projeto e missão*. Brasília: Edições CNBB, 2013.
39. CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Pastoral da Juventude: sim à civilização do amor*. Trad. Isabel F. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1987.
40. CORREIA, Vanessa (org.). *Juventude no mundo contemporâneo: temas em debate*. São Paulo: Edições Loyola; Magis, 2019.
41. DANIELSKI, Gislene. *Esperança cristã e juventudes: um encontro de esperanças para a vida da Igreja* [Dissertação]. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2015.
42. DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n.24, p.40-52, set/dez, 2003.
43. DAYRELL, Juarez. *Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Edições Loyola. 2003.
44. DEIFELT, W. Temas e metodologias da teologia feminista. In: *SOTER* (Org.). *Gênero e teologia: interpretações e perspectivas*, p. 171-186. São Paulo: Loyola, 2003.

45. DICK, Hilário. *O caminho se faz: história da Pastoral da Juventude do Brasil*. Porto Alegre: IPJ, 1999.
46. DICK, Hilário. *O Divino no Jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. Porto Alegre: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2006.
47. EGGERT, Edla. Educação popular e a “conscientização “de quem “conscientiza”: O feitiço que vira contra a feiticeira. In: PAULY, Evaldo Luis, Rolf Schünemann; Oneide Bobsin (Orgs). *Desafios Urbanos à Igreja: estudos de casos*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.
48. EGGERT, Edla. *Mais indícios da colonialidade latino-americana: indicações teórico-metodológicas inacabadas para a pesquisa na Educação Popular*, 2012. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/gt06-2234_int.pdf. > Acesso em: 18 set. 2020.
49. EGGERT, Edla. Quem pesquisa se pesquisa. In. EGGERT, E. *Educação popular e teologia das margens*, p. 9-39. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
50. FRANCISCO, PP. *Deus é Jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*; tradução Pe João Carlos Almeida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
51. FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit: aos jovens e a todo o povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2019.
52. FRANCISCO, PP. Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*, 24 de novembro de 2013, São Paulo, Paulinas, 2013.
53. FORCADES I VILA, Teresa. As falsas democracias e as consequências políticas da noção cristã de “pessoa”. In: TOLDY, Teres; HENRIQUES, Fernanda. *Visões de Justiça a partir das Teologias Feministas “... que não haja indigentes entre vós.” – da dignidade e do porvir”.*, 2014, p.21. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/cescontexto_debates_viii.pdf. Acesso em: 25 set. 2020.
54. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.
55. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
56. GEBARA, Ivone. “A Mulher Faz Teologia – Um ensaio para Reflexão”. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v.46, p 5-14, 1986.
57. GEBARA, Ivone. *As águas do meu poço*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
58. GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. *A invenção de uma rainha de espada: reatualizações e embaraços da dinâmica política do Maranhão dinástico*. Coleção de Dissertações e Teses da UFMA. São Luís: EDUF MA, 2008.

59. GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO. *Diagnóstico situação de vulnerabilidade da juventude negra no Maranhão*. SEEJUV, 2018.
60. GOVERNO DO MARANHÃO. Secretaria de Estado Extraordinária de Juventude. *Plano Estadual de Juventude / Secretária Nacional de Juventude*. SEEJUV, 2017.
61. GROppo, Luís Antônio. *Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
62. HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências* - tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed. Brasília: MMA, 2006. 128 p. (Série Monitoramento e Avaliação, 2).
63. IPEA – *Atlas da Violência 2020*, p. 20. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/200826_ri_atlas_da_violencia.pdf. Acesso em: 20 dezembro de 2020.
64. JOSSO, M.C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In: *Revista Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.
65. LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência/ Trad, Cristina Antunes, João Wanderlei Geraldi* – 1. ed. Coleção Educação: Experiência e Sentido. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
66. LIBÂNIO, João Batista. *Jovens em tempo de pós modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.
67. LIBÂNIO, João Batista. *Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais*, São Paulo, Paulus, 2011.
68. LIRA, Ronald Apolinario de. *Um Momento Novo: Pastoral da Juventude e formação político-partidária na diocese de Nova Iguaçu – RJ*. [Tese]. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.
69. LUCAS, Luísa. A Opção pelos jovens a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II. In: HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; FERNANDES, Rafael Martins (Orgs). *Refletindo sobre a Igreja, Hoje*. p.79-95. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2019. Disponível em: https://891aac48-381e-4192-adf5-96afc8de6326.filesusr.com/ugd/9b34d5_739f0ab3070445b58bf2a07bb03af82a.pdf.> Acesso em: 22 de nov. 2020.
70. MELUCCI, Alberto. *O jogo do eu: A mudança de si em uma sociedade global*, p.9. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.
71. MEIRELES, Mário Martins. *Os negros no Maranhão*. p.31-40. São Luís: UFMA, 1983.
72. MW Ciência e Saúde. *Maioria das mortes de jovens poderia ser evitada, afirma OMS*, 2014. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/maioria-das-mortes-de-jovens-poderia-ser-evitada-afirma-oms/a-17634806>.> Acesso em: 20 mai. 2020.
73. NOSSA, Leonencio. Flávio Dino derrota grupo de Sarney e vence no Maranhão. *Revista Exames*, São Paulo, edição 140, outubro/2014. Disponível em:

- <https://exame.com/brasil/flavio-dino-derrota-grupo-de-sarney-e-vence-no-maranhao/>
> Acesso em: 28 de ago.2020.
74. NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. *Revista Ciência e Vida – Sociologia*, ano 1, n. 2, 2007. Edição especial.
75. NOVAES, Regina Reyes; RIBEIRO, Eliane A (Orgs). *Livro das Juventudes Sul-americanas*. IBASE. Rio de Janeiro; PÓLIS: São Paulo, 2010.
76. NOVAES, Regina Reyes; RIBEIRO, Eliane A (Orgs). Juventudes e Religiosidades: sinais dos tempos no Brasil contemporâneo. In: *Revista Caminhando com o Itepa*, v.36, n.126, p.17-48. Passo Fundo, agosto de 2019.
77. OLIVEIRA, Rogério. *Pastoral da Juventude: e a igreja se fez jovem*. São Paulo: Paulinas, 2002.
78. PAPA FRANCISCO. *Carta aos jovens da Pastoral da Juventude em ocasião do XI Encontro Nacional da PJ*. Disponível em: <http://www.pj.org.br/wp-content/uploads/2015/01/Mestre-onde-moras.pdf>.> Acesso em: 08 jun. 2020.
79. PAPA PAULO VI. *Regina Coeli*. Domingo, 17 de Maio de 1970. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf_p-vi_reg_19700517.html.> Acesso em: 29 mai.2020.
80. PAPA PAULO VI. *Solene Rito di Chiusura Dell'Anno Santo*, omelia del Santo Padre Paolo VI, Natale del Signore 25 dicembre 1975. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1975/documents/hf_p-vi_hom_19751225.html. > Acesso em: 29 mai. 2020.
81. PASTORAL DA JUVENTUDE. *Anais da Assembléia da PJ de Caxias*: Caxias, 1988.
82. PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL. *Plano Trienal 2005 a 2007: vamos fincar o nosso pé e fazer a nossa história – Ampliada Nacional da Pastoral da Juventude – Salgado/SE*. São Paulo: Loyola, 2005.
83. PASTORAL DA JUVENTUDE. *Bora falar de Pastoral da Juventude?* São Paulo: CCJ, 2017.
84. PASTORAL DA JUVENTUDE. *Campanha Nacional contra o ciclo de violências às mulheres*. Disponível em: [file:///D:/Users/ND%20Menino%20Jesus/Downloads/Subs%C3%ADdioCampanhaMulheres_oficial\(1\)%20\(2\).pdf](file:///D:/Users/ND%20Menino%20Jesus/Downloads/Subs%C3%ADdioCampanhaMulheres_oficial(1)%20(2).pdf). > Acesso em: 15 de mai. 2020.
85. PASTORAL DA JUVENTUDE. *Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher*. Disponível em: <https://www.pj.org.br/campanha-nacional-de-enfrentamento-aos-ciclos-de-violencia-contra-a-mulher/>. > Acesso em: 16 de mai. 2020.

86. PAULO, Fernanda Santos. Legado de Celso de Rui Beisiegel: um dos pioneiros da educação popular. *Revista. de Educação Popular*, Uberlândia, v. 18, n. 1, p. 233-244, jan./abr, 2019.
87. PERONDI, Maurício. *Jovens da Pastoral da Juventude Estudantil: aprendizados na experiência* [Dissertação]. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
88. PINHEIRO, Diógenes et al (Org.). *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças*. Rio de Janeiro: Unirio, 2016.
- QUIROGA, Ana Maria. Olhares atentos sobre as juventudes. In: Rosilene Alvim; Tereza Queiroz; Edísio Ferreira Jr. (Org.). *Jovens e Juventudes*, p. 15-20. João Pessoa: Editora Universitária, 2005.
89. RISSI, Lourdes T.(org.) *Caminho Aberto: Santa Júlia (1751-1816)*. Canoas: Editora La Salle, 1978.
90. SAFFIOTI, Heleieth I.B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
91. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 1995.
92. SANTOS, Pamela Karina. *Juventude e Puebla: aspectos teológicos pastorais na evangelização da juventude* [Dissertação] São Paulo: PUC/SP, 2019.
93. SARMENTO, Manuel J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília P.; VILELA, Rita A. T. (orgs). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
94. SAVAGE, Jon. *A criação da Juventude: Como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
95. SILIPRANDI, Aline de Moraes. Somos o Presente da Igreja: *A religião na subjetividade de jovens da Pastoral da Juventude*. 2006. [Dissertação]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
96. SILVA, Joaquim Alberto Andrade, VIEIRA, Luís Duarte e SILVA, Roberta Agostinho (Orgs.). *Somos Igreja Jovem: Pastoral da Juventude um jeito de ser e fazer*. São Paulo: FTD, 2012.
97. SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996
98. SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica: O novo discurso da Teologia da Libertação*. São Carlos: EDUFSCAR, 2012. (2012c)
99. STRECK, Danilo; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) *Pesquisa Participante: a partilha do saber*. v. 1. 1. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.
100. SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: SOTER/Loyola, 2000.

101. TEIXEIRA, Carmem Lúcia (Org.). *Passos na travessia da fé: metodologia e mística na formação integral da juventude*. São Paulo: CCJ- Centro de Capacitação da Juventude, 2005.
102. TEIXEIRA, Faustino Luis Couto. *A gênese das CEBs no Brasil: elementos explicativos*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.

APÊNDICES

Apêndice A - Entrevista

Foi realizada uma entrevista com lideranças do grupo JAC que atuaram nos anos de 2012 a 2018, a partir das seguintes questões:

Escolhi algumas lideranças da PJ para poder colocar suas palavras e experiências em meu trabalho de pesquisa

- 1) Na tua caminhada, como membro e liderança da PJ, quais foram as experiências que mais te marcaram?
- 2) Quais saberes a PJ te oportunizou na tua formação integral?
- 3) Se tu pudesses descrever a identidade da PJ para ti, o que dirias?

As respostas estão colocadas ao longo do terceiro capítulo.

OBS: Os registros foram elaborados pelos membros da coordenação do grupo.

Apêndice B – Orientação para a Secretaria



PASTORAL DA JUVENTUDE Diocese de Caxias do Maranhão

Queridos Pejoteiros/as, paz e Bem!

A Pastoral da Juventude é, sobretudo, um espaço de crescimento, espiritual, social, familiar, comunitário. A PJ é um espaço de formação integral, e como diz Dom Vilson “é a maior escola de formação da Igreja”. Dessa forma, nossa pastoral, abre espaços para que possamos promover nossa vida, e revelar nossos dons e serviços. Compartilho com vocês algumas orientações para o serviço da secretaria, seja ela no grupo de base e/ou na paróquia.

A **SECRETARIA** não é um cargo, é um **SERVIÇO**, doação! Por isso deve ser feito com compromisso, amor, e carinho. Um/uma secretário/a, assim como os demais membros de uma coordenação, é de suma importância para a o processo de formação da base. Dessa forma, um bom secretário/a deve estar disposto ao serviço, deve ser um/a jovem participativo, sobretudo, presente nas Missas, pois sabemos o quanto a **EUCARISTIA** e a **PALAVRA** são os nossos principais alimentos, que nos **fortalecem** e animam nossa caminhada.

Deve ser uma pessoa **ALEGRE E COMUNICATIVA**. Isso é importante, pois os demais jovens terão essa pessoa como referência. Deve ser uma pessoa **EXPRESSIVA**, que coloca suas opiniões de forma clara mediante os acontecimentos.

Um/a bom/ boa secretário/a deve anotar tudo o que acontece, principalmente, no que se diz respeito às atividades, reuniões da comunidade/paróquia, agenda do grupo ou dos grupos/ sempre acompanhar os calendários das próximas atividades/ estar em contato com os membros dos grupos, ou se for secretário paroquial: estar em contato com os coordenadores de base.

LEIA bastante e planeje com antecedência suas colocações nas reuniões e encontros que acontecem.

COMO SE FAZ UM BOM REGISTRO???: a secretária de um grupo não pode faltar as reuniões, pois ela é a memória da PJ. Deve ler os registros sempre após a oração inicial ou em algum momento oportuno do encontro; em seu registro deve constar data, local, pauta da reunião, que oração e texto bíblico foram rezados, qual dinâmica, textos, assuntos debatidos e decisões, falas mais importantes dos jovens. É sempre bom levar um caderno para rascunho

Seja um **PESSOA DE ORAÇÃO**, nosso outro sustento. Esteja disposto a **COLABORAR**, não se limitar apenas ao seu serviço. Seja **CRIATIVO/A E DINÂMICO**. Tenha sempre lápis e caneta na mão.

Tenha cuidado com os materiais, principalmente, com as que diz respeito do grupo e/ou paróquia. Ex: Fichas, ata de grupos, materiais usados pelos membros, relatórios, instrumentos, e outras coisas que, por ventura, ficarão na sua responsabilidade. Mantenha um intercâmbio positivo com os demais coordenadores do grupo/paróquia, com a secretária paroquial, com coordenadores de pastorais e demais momentos, e com o pároco, isso é muito importante para o crescimento da PJ na comunidade/paróquia.

Lembre-se sempre, **VOCÊ É UM/A JOVEM DE REFERÊNCIA**.

Seja um/a jovem **MOTIVADOR**.

Abraços fraternos aos nossos secretários.

Apêndice B – Registro da 8ª Romaria Estadual da Juventude em 2014 -Balsas- MA

<p>Pastoral da Juventude</p>	<p>B 2014</p>
<p>8ª Romaria da Juventude Estadual de Base</p>	
<p>"Chegada de violência e extermínio de jovens"</p>	
<p>Nos dias 16 e 17 de agosto de 2014, saímos de Governador Luiz Rocha, às 5 horas da manhã rumo a Balsas. Foram mais ou menos 10 horas de viagem até chegar a cidade de Balsas onde acontecerá a 8ª Romaria da Juventude Estadual de Base.</p>	
<p>Apesar da viagem longa e bastante cansativa, a expectativa pela experiência que cada jovem esperava encontrar estava no rosto de cada um que estava dentro daquele ônibus.</p>	
<p> Ao chegarmos, pelas 15 horas da tarde, encontramos mais ou menos 30 mil jovens de várias Dioceses, espalhados pelas ruas de Balsas.</p>	
<p>O início da Romaria teve apresentações de cada diocese presente e apresentação também do tema "Chegada de violência e extermínio de jovens" seguido com uma bela missa de envio.</p>	
<p>- Durante toda a noite teve apresentações em homenagem às vítimas que sofreram e morreram por meio de violência. Homenagearam os jovens policiais que foram assassinados, como um dos mais recentes o coordenador Paroquial de Timon Luddyson Moura.</p>	
<p>- Apresentação do hino da Romaria</p> <p>- Apresentações de bandas católicas da Pastoral da Juventude, e da companhia de teatro e dança de São João do Paraíso.</p>	
<p>Foi uma noite encantadora, apesar de ter sido</p>	

por uma causa tão marcante que é o grito por justiça e menos violência e extermínio de povos.

Uma causa tão marcante que infelizmente é incontrolável, pois a cada instante, em algum lugar morre um povo no nosso país. Triste realidade que aterroriza nossa sociedade.

Ao amanhecer do dia 17, no domingo recebemos a bênção para a caminhada de 12 km de percurso até chegar a catedral. Apesar da vigília durante toda a noite foi divertida a caminhada com muito som e alegria.

Ao chegarmos na catedral os povos Romeiros esticaram fitas de várias cores representando cada Diocese do Maranhão.

Ao final desta linda cena cada povo gravou em uma enorme faixa as suas mãos em protesto contra a violência e também ao extermínio de povos.

O Senhor Bispo pronunciou a bênção final para as suas casas.

Apêndice C – Registro do encontro de 07/03/18 sobre Violência

OBS: Os nomes dos registros foram retirados por uma questão de preservação das identidades dos jovens citados no registro.

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

07 / 03 / 18

Encontro Jac

No dia sete de março de dois mil e dezoito nos reunimos novamente para realizar mais um encontro na capela São Francisco sob a coordenação de [redacted].

Tema: Violência

Começamos o encontro com a oração inicial feita pelo [redacted], pedindo pela interseção de nossa mãe Maria e a Deus pedindo pela família da [redacted] etc. Rezamos o Pai Nosso a Ave Maria e nos sentamos, em seguida o [redacted] perguntou o que era a violência para os membros do grupo. [redacted] disse que existe várias maneiras / tipos de violência, não só física mas psicológica e mental. Também [redacted] disse que apenas uma palavra poderia se tornar violência, [redacted] disse que a violência está presente, etc. Sra [redacted] disse que só em uma pessoa machucar outra já era violência. Como podemos evitar a violência? Sra [redacted] disse que com o amor.

[redacted] convenceu uma dinâmica, pediu para os membros do grupo se dividirem em pequenos grupos. [redacted] pediu para que todos fechassem os olhos, [redacted] começou ler um texto, enquanto isso as luzes se apagaram [redacted] tomou de conta do texto e terminou a leitura, (na verdade o texto foi lido pelos dois). E as luzes se acendem, [redacted] pede para que todos abram os olhos e pede para que os membros dos grupos saiam o que acharam da dinâmica e que escolham uma pessoa para representar o seu grupo, os membros dos grupos formados discutem

APENDICE D - Registro do encontro de 07/03/18 sobre Violência

07/03/18

Seg Tor Qua Qui Sex Sáb Dom

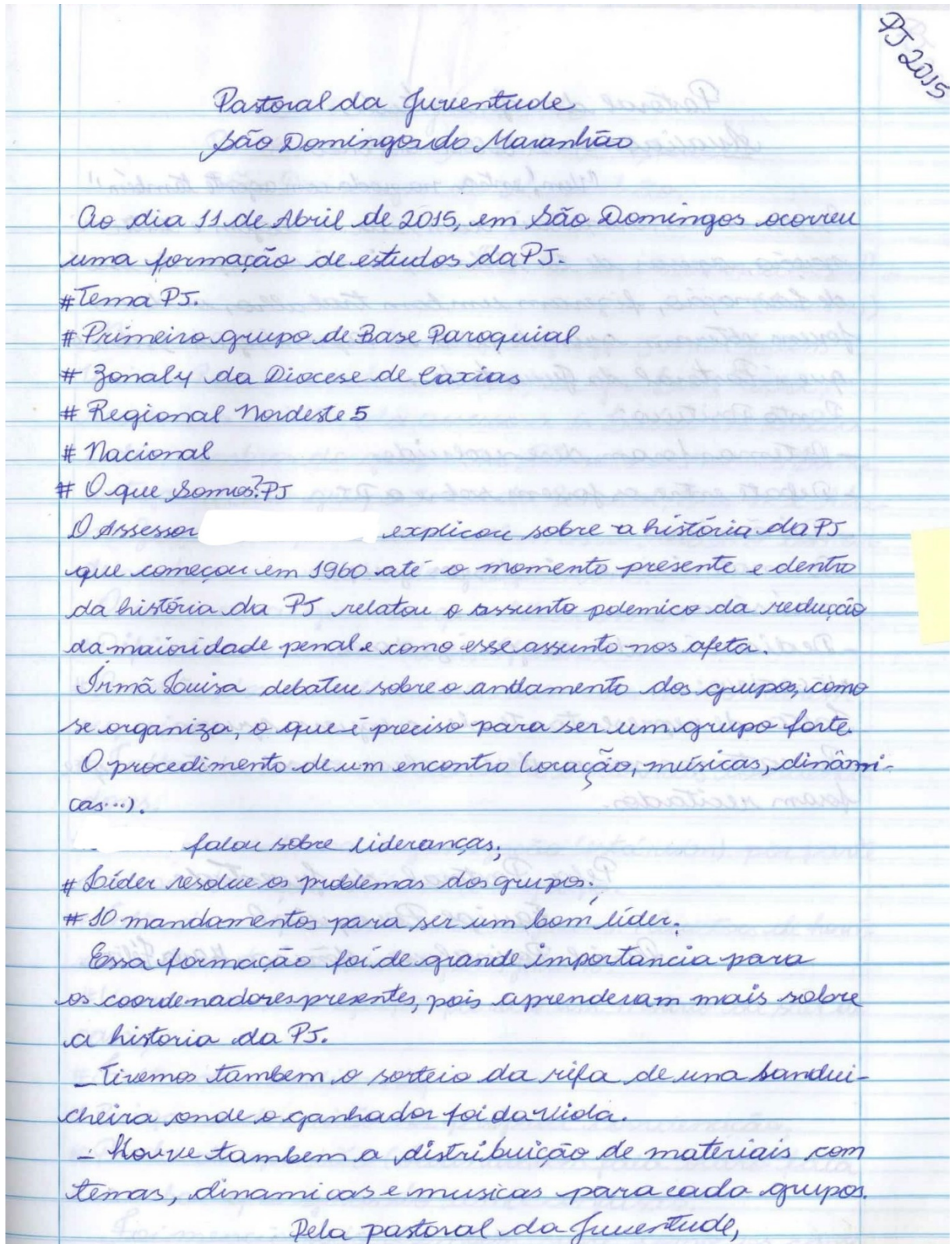
sobre a dinâmica e chegam a seguinte conclusão

1º Grupo + _____ disse que nossa vida é cheia de escolhas mas ser um rato, a única escolha é correr, e ser gato podemos correr atrás do rato ou ficar quieto sendo preguiçoso, sabemos o certo e o errado e devemos prestar atenção ao que fazemos com o próximo.

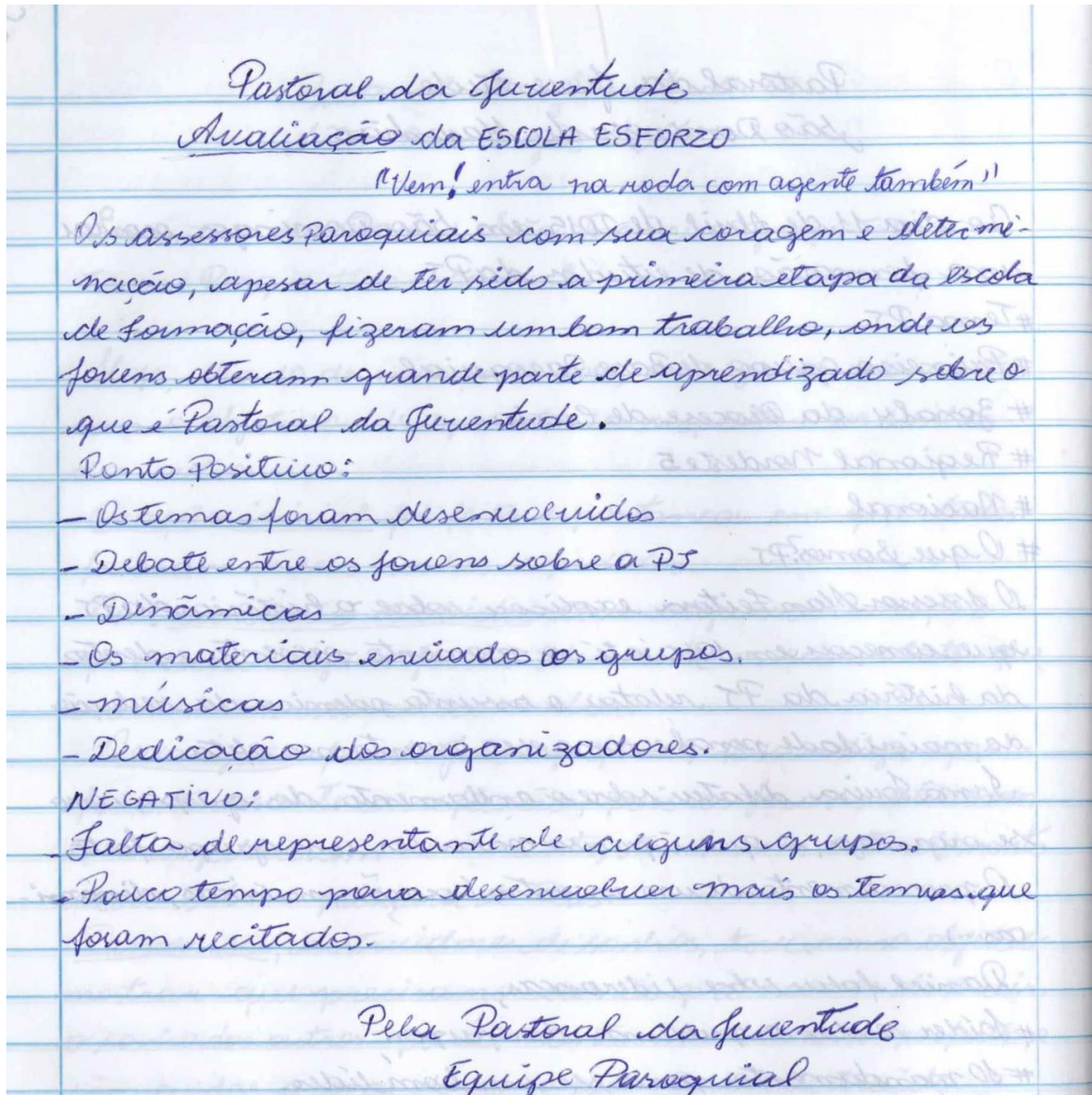
2º Grupo + _____ disse que no momento da dinâmica em que ele era o rato ele se desesperou, e quando ele virou gato pensou em se vingar, e o certo seria se colocar no lugar do próximo, já que eu sei como é o momento ruim, ajudar o próximo.

3º Grupo + _____ ; nós estamos em um lugar seguro, mas nossa curiosidade muitas vezes nos desvia. Temos problemas ao nosso redor e esses problemas é nos se pudador, somos apenas uma simples presa, devemos estar preparados nos converter e estamos na mesma tempo de nos preparar, devemos ser abrigo, ser um lugar onde as pessoas se sintam bem e não agitados. O gato é a bebida, prostituição, pecado (_____ dando a explicação da dinâmica, somos um rato diante desse gato. _____ começou falar sobre a Bíblia, alguns se manifestaram, _____ leu um poema para as mulheres porque erramã é o nome dia e _____ leu um pequeno evangelho. Com a espada que peres, será ferido. Foi falado sobre o festival do cachorro quente, e a venda de lanche.

Apêndice E – Formação de Estudos da PJ para Lideranças



Apêndice F – Primeira Etapa da ESFORZO- Escola de Formação de assessores e coordenadores do zonal em 2016



Apêndice G – Registro da Formação de Lideranças na II Assembleia Paroquial 2016 da Pastoral da Juventude de São Domingos - MA

2016

Pastoral da Juventude
 P. Nossa Senhora do Perpetuo Socorro
 São Domingos do Maranhão
 Assembleia Paroquial da Juventude
 "Temos nosso próprio tempo..."
 Somos tão jovens...! Rente Russo

Nos dias 09 e 10 de Abril de 2016, ocorreu a 2ª assembleia paroquial da Juventude, em São Domingos do Maranhão, realizada pela Pastoral da Juventude da Diocese de Caxias, e o JAC.

No primeiro dia houve palestra com sobre a história e Organização da PJ, relatando toda sua trajetória inicial em que a PJ é uma grande herdeira de uma história que vem sendo construída em nosso país desde 1930, com a chamada Ação Católica.

A assessora _____, trabalhou, "Dinâmicas para grupo, onde dividiu a assembleia de dois em dois e tocou a música de Zeca Pagodinho, "Deixa a vida me levar", onde o objetivo era que os jovens expressasse sua experiência de vida, seja ela ruim ou boa, quando uma integração entre ambos.

Foi trabalhado também assuntos sobre políticas públicas, relacionados diretamente para juventude com a assessora Sr. Luísa de Louca, assunto no qual, os jovens andam cada vez mais distantes, sem interesses de aprender sobre os seus direitos e deveres no mundo político. irmã Luísa dividiu a assembleia em cinco grupos e repassou um texto com o tema: "Juventude e Políticas Públicas no Brasil, onde cada grupo apresentaria as suas propostas em que seria favorável em relação dos

01/02/19
 jovens e sociedade em geral.

PROPOSTAS LANÇADAS DE CADA GRUPO

Grupo 1: Partido PTB - Partido Jovem Brasileiro

- Geração de novos empregos.
- Cursos vocacionais para jovens. (Para o jovem poder discernir sua vocação profissional e poder ter uma chance de ter uma renda fixa futuramente.)

Grupo 2: Partido PSP - Partido da Segurança Pública.

- Mais educação para todos e geração de empregos.
- Criar áreas de empregos. (Pois os jovens não serão obrigados a deixarem suas famílias em busca de empregos em cidade desconhecidas.)
- Estruturar famílias, principalmente os jovens, através de Esportes e lazer.
- Implantar fábricas, como de artesanatos, cooperativas na questão da colheita de abacaxi, mandiocas, e uma estrutura de reciclagem. Tendo uma geração de renda para as famílias.

Grupo 3: Partido PPT - Partido Propagador da Justiça

- Saneamento Básico. (Pois esgoto a céu aberto sem aterro sanitário não beneficia a sociedade.)
- Água potável para todos, pois a sociedade não tem água dignamente para a saúde da população.
- Reciclagem de lixo. (Organizar uma cooperativa para reduzir o impacto ambiental causado pelo lixo provocando sérios danos a saúde humana.)
- Promover palestras com itens de saúde para deixar a sociedade informada e consciente

ficaram conscientes de que devemos lutar e correr atrás de nossos direitos e não ficarmos de braços cruzados vendo nossos direitos sendo destruídos e massacrados pelos políticos.

Tivemos ainda, uma conversa com nosso pároco [redacted], onde falou sobre como um coordenador deve se comportar diante do grupo. O coordenador deve ser prestativo e observador, não deve ser orgulhoso e ficar só em torno do "EU", mais sim está atento as necessidades do grupo e principalmente cobhecendo cada participante. Relatou também da importancia da amizade. Você é amigo de você mesmo? Para você ser amigo de outra pessoa você deve se amar primeiro antes de demonstrar afeto por outra pessoa.

Depois seguiu para o filme O Anel de Tucumán, onde relata o seu verdadeiro significado a partir do momento em usamos, estamos assumindo uma luta pelos excluídos e oprimidos.

• 2º dia da assembléia dia 10 de abril

Pela manhã, começamos pela apresentação dos grupos que estavam presentes (FJC de Conduru e representante do grupo JEDAC de Penteados).

- Oração da manhã pelo ODJ, por Timã Louisa; depois muita animação e uma pausa para escutarmos a carta enviada por nosso coordenador Diocesano da PJ,

Depois seguiu-se com a palestra sobre o papel do coordenador com [redacted] onde falaram das funções da coordenação e os

Apêndice H – Registro dos temas sugeridos pelos jovens para as próximas formações de lideranças / votação da nova equipe da PJ paroquial e os grupos de base

Sexualidade, Estupros, Violência, Drogas, Fundadores da PJ, Inclusão social, Formação sobre evangelização, tráfico humano, metodologia, documento 85, da CNBB e gravidez na adolescência.

Depois desses temas mencionados, foi indicado o nome da nova equipe paroquial e também os representantes paroquiais de cada grupo de base, para que possa ter um bom desempenho e um melhoramento na questão da comunicação entre os próprios coordenadores.

VOTAÇÃO DA NOVA EQUIPE PAROQUIAL DA PJ

Coordenador: _____

Secretaria: _____

Animação: _____

Tesouraria: _____

REPRESENTANTES DOS GRUPOS NA EQUIPE

JAC - São Domingos - _____

JAV - Viola - _____

JVP. com - _____

JSC - Olho D'água - _____

FJC - _____

JVSC - _____

JUPE - _____

JUPEF - _____

JCC - _____

JUPAC - _____

JEDAC - _____

JVBC - _____

JFC - _____

JVF - _____

JUAC - _____

Apêndice I – Registro da 1ª Missão Jovem da Pastoral da Juventude em São Domingos - MA

PT 2015

Pastoral da Juventude
1ª Missão Jovem - Setor Rogacionista
Paróquia N. Senhora do P. Socorro

Nos dias 10 e 11 de Outubro de 2015 ocorreu a 1ª missão jovem da Pastoral da Juventude no Setor Rogacionista de São Domingos do Maranhão.

Essa missão teve como propósito incentivar os jovens e também os adultos do setor, a vivenciar sua fé no Senhor Jesus Cristo. Por outro lado, incentivar os jovens que partiram de suas casas a doar-se mais em missão levando a palavra de Deus a quem precisa através da evangelização.

A chegada em cada comunidade foi magnífica, a alegria e espontaneidade de cada um nos alegrou e nos fez ver que fazer missão é uma coisa grandiosa.

Eu Mônica Mesquita, fiquei responsável pelos jovens da minha equipe, (), no povoado Lagoa de Baixo.

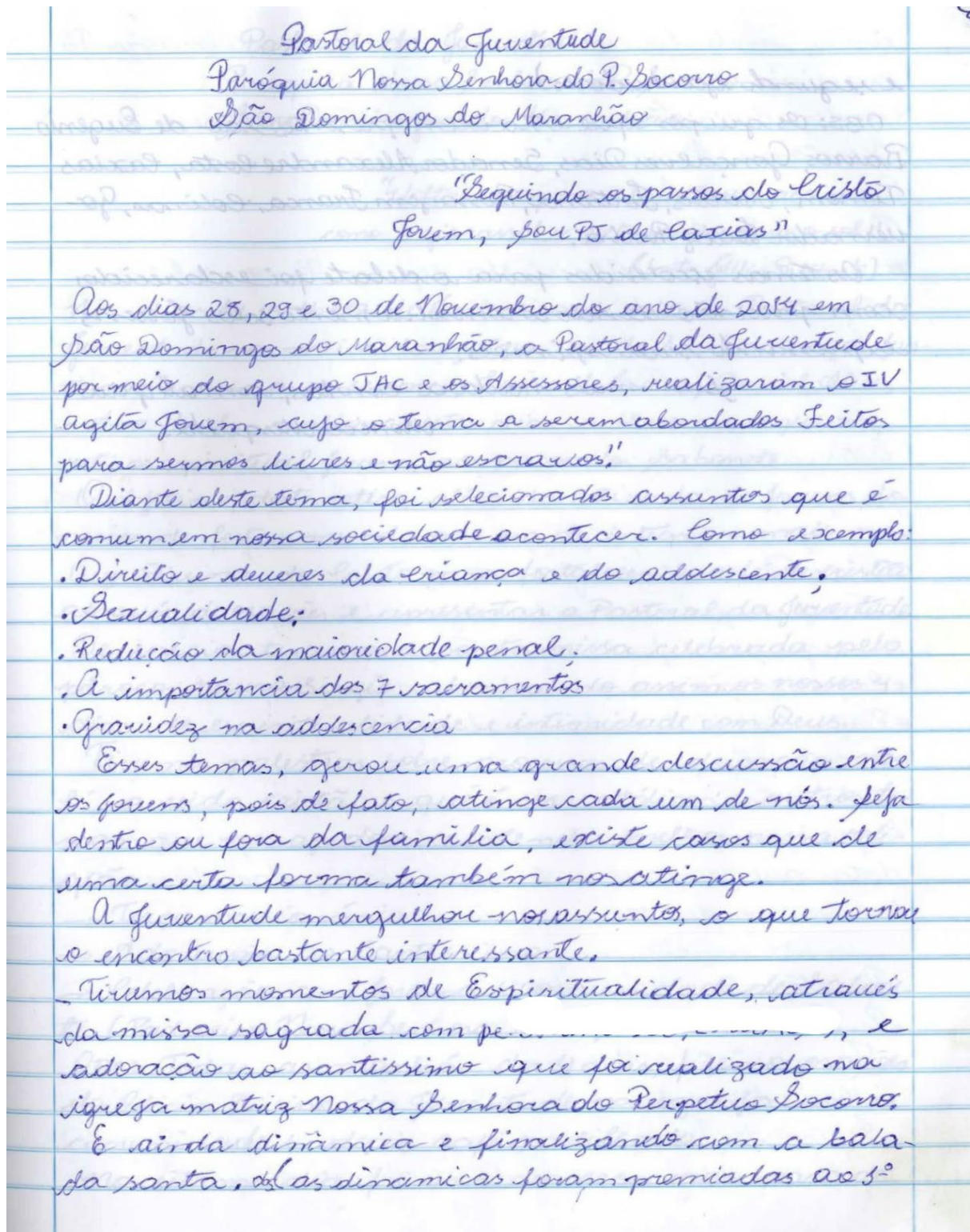
Decidimos nos dividir em grupo de dois para a visita nas casas. Fizemos orações e compartilhamos conversas com as famílias.

Pela tarde fizemos uma mini celebração e depois louvor com a comunidade.

Na manhã do dia 11, participamos da caminhada e alvaguada em homenagem a nossa Senhora Aparecida e finalizou com dinâmicas com a juventude.

É importante ressaltar que foi uma experiência que (foi uma experiência) grandiosa, no qual, aprendemos e ao mesmo tempo ensinamos sobre a vida de Jesus. É de se encantar com a capacidade de

Apêndice J – Registro do IV Agita Jovem



e segundo (relembros).)

Obs: Os grupos que estavam presentes são de Eugenio Barros, Genivalves Dias, Senador Alexandre Costa, Caxias Timem, Matões, Fortuna, Passagem Juvenca, Colinas, Governador Luiz Rocha.

Os temas escolhidos para o debate foi esclarecidos com precisão tendo o envolvimento dos jovens expressando suas opiniões.

sem mais nada a contar, com alegria.

Apêndice K – Termo de Anuência

TERMO DE ANUÊNCIA

Prezado(a) _____, (ex) coordenador(a) do grupo JAC (Jovens Anunciadores de Cristo) de São Domingos do Maranhão- MA,

A pesquisa, **AS JUVENTUDES, LUGAR TEOLÓGICO DA CIVILIZAÇÃO DO AMOR: PASTORAL DA JUVENTUDE DO MARANHÃO E SABERES DA EXPERIÊNCIA**, desenvolvida por Luísa de Lucas, discente de Mestrado em Teologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, orientada pela Professora Dra. Edla Eggert, será uma pesquisa documental. Nesses termos eu, Luísa de Lucas, responsável por esse projeto, pretendo analisar e elaborar elementos que brotam de registros que foram feitos no grupo de base da Pastoral da Juventude da Diocese de Caxias do Maranhão, nos anos de 2012 a 2018. Os saberes da experiência que foram surgindo nesse grupo de base e serão por mim sistematizados e posteriormente analisados, podem contribuir para estabelecer elementos de uma Teologia da Juventude. Para sua realização será feito o seguinte: serão analisados registros do grupo de jovens no respectivo tempo citado acima, bem como serão analisados documentos que surgiram pelo método participativo da metodologia histórico –evangelizadora. Sua participação, como dirigente e responsável por esse grupo, constará no consentimento do uso desses materiais que foram produzidos pelo grupo de base da Pastoral da Juventude. Me comprometo, ao final da dissertação, apresentar os resultados junto ao Grupo de jovens e as atuais lideranças locais, na forma de diálogo como possibilidade de uma devolução da pesquisa. Seguirei a orientação da Resolução CNS 510/2016 e tomarei todos os cuidados para que ninguém seja citado nominalmente, preservando assim a identidade de todos registrados nos documentos. Pode ser que aconteçam alguns desconfortos ou riscos que, nessa metodologia serão mínimos, mas igualmente o senhor tem o direito de mudar a decisão sobre a utilização das fontes documentais. Há ainda, segundo a resolução supracitada, a possibilidade em se pedir uma indenização por qualquer dano comprovado que resulte desse estudo.

Durante todo o período da pesquisa o senhor tem o direito de pedir esclarecimento de qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com Luísa de Lucas, no telefone 054-99682-5135, bem como da minha orientadora Edla Eggert 051 998060771 a qualquer hora.

Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa você terá direito à assistência gratuita que será prestada.

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e apenas serão divulgadas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma.

Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas.

Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Será também utilizada imagens.

Eu, _____, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos utilizados nessa pesquisa documental, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do participante da pesquisa ou de seu representante legal

Assinatura de uma testemunha

DECLARAÇÃO DO PROFISSIONAL QUE OBTEVE O CONSENTIMENTO

Expliquei integralmente este estudo científico ao participante ou ao seu cuidador. Na minha opinião e na opinião do responsável pelos documentos, houve acesso suficiente às informações, incluindo riscos e benefícios, para que uma decisão consciente seja tomada.

Luísa de Lucas

Mestranda em Teologia PPG Teologia PUCRS

Edla Eggert

Orientadora PPG Teologia PUCRS